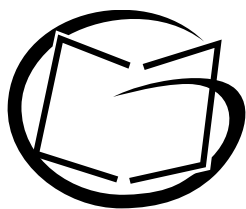


REVISTA SINPRO-RIO

SETEMBRO 2009

OS TRABALHADORES NA
Literatura
BRASILEIRA



SinproRio

Sindicato dos Professores do Município
do Rio de Janeiro e Região

EXPEDIENTE

PUBLICAÇÃO DO SINPRO-RIO

Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro e Região - Sinpro-Rio

SEDE • CENTRO

Rua Pedro Lessa, 35, 2º, 3º, 5º e 6º andares
Tel. (21) 3262-3400
e-mail: sinpro-rio@sinpro-rio.org.br

SUBSEDE • CAMPO GRANDE

Rua Manaí, 180
Tels. (21) 2415-4686 • 3402-1768
e-mail: campogrande@sinpro-rio.org.br

SUBSEDE • BARRA DA TIJUCA

Av. das Américas, 5.777
salas 202 e 208 a 211
Tels. (21) 2438-2457 • 2438-4109 • 2497-3710
e-mail: barra@sinpro-rio.org.br

SUBSEDE • MADUREIRA

Rua Carolina Machado, 530
salas 210, 211 e 212
Tel. (21) 3350-6233
e-mail: madureira@sinpro-rio.org.br

www.sinpro-rio.org.br

EDITOR

Marcos Alexandre de Souza Gomes (MT 12.676)

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Renata Fernandes (MT RJ 27.419)

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Felipe Trotta

ESCOLA DO PROFESSOR

Maria do Céu Carvalho
(Diretora de Educação e Cultura)
Leda Fraguito (Assessora Pedagógica)
Marilac Castor (Assistente de Produção)

CAPA

Candido Portinari, Ferro, 1938.
Reprodução autorizada por João Candido Portinari. Imagem do acervo Projeto Portinari

FOTOS

Claudinei de Castro

REVISÃO

João Carlos Cardoso

IMPRESSÃO

Gráfica Minister (TIRAGEM: 27.000)

DIRETORIA DO SINPRO-RIO 2008 • 2011

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente

Wanderley Julio Quêdo

1º Vice-presidente

Francilio Pinto Paes Leme

2º Vice-presidente

Antonio Rodrigues da Silva

1º Secretário

Marcelo Pereira

2º Secretário

Afonso Celso Teixeira

1º Tesoureiro

Afonso Maria Silva Furtado

2º Tesoureiro

Rosi Alves Menescal

Procurador

Marcio Fialho de Oliveira

Diretor de Comunicação

Marcos Alexandre de Souza Gomes

Diretor de Patrimônio

Vera Lúcia S. da Câmara

Diretor de Educação e Cultura

Maria do Céu Carvalho

Suplentes da Diretoria

Adalgiza Burity Silva
Dilson Ribeiro da Silveira
Wellington Freitas da Silva
Águida Valdiegila C. Silva

CONSELHO FISCAL

Titulares

José Cloves Praxedes de Araújo
Leila dos Santos Azevedo
José Angelo de S. Benedito

Suplentes

Suzana Castro de Sousa
Joaquim Pereira Esteves
João Gaya da Penha Valle

FEDERAÇÃO

Titulares

Glênio do Nascimento
Yara Maria Pereira

Suplentes

Gloria Maria Alves Ramos
Paulo Cesar Azevedo Ribeiro

DIRETORES DE ZONAS

Zonal Centro

Celeste Tereza C. Morgado
Olney da Silva Almeida

Zonal Sul

Mariza de Oliveira Muniz
Hélcio França Alvim Filho

Zonal Tijuca

Valquíria J. Juncken
Carlos Henrique de C. Silva

Zonal Barra/Jacarepaguá

Claudia Figueiredo Pereira
Ireni Felizardo

Zonal Méier

Elson Simões de Paiva
Oswaldo Luiz Cordeiro Teles

Zonal Oeste

André Jorge M. da C. Marinho
Fernando da Rocha Magno

Zonal Central

Vânio Marcos Lenzi
Octavio Ferreira Filho

Zonal Leopoldina

Viviane Almeida de Siqueira
Ana Lúcia Guimarães

Zonal Ilha

Magna Corrêa de Lima Duarte
Maria da Glória Ibiapina Lopes

FILIADO À CONTEE • CUT • FETEERJ

Revista Sinpro-Rio / Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro e Região. – nº 04 (set. 2009). – Rio de Janeiro: Sinpro-Rio, 2009. Distribuição gratuita.

Semestral
ISSN: 1982-3843

1. Profissão docente – Periódicos. 2. Educação – Periódicos. 3. Sindicalismo – Periódicos.
I. Revista Sinpro-Rio

Envie-nos um e-mail dando sugestões e/ou críticas sobre a nossa publicação:
comunica@sinpro-rio.org.br

Índice

04 • APRESENTAÇÃO

06 • O TRABALHO CRIATIVO

10 • ENGAJAMENTO NA LITERATURA BRASILEIRA

16 • DAS RUAS AO TEXTO LITERÁRIO

22 • LÍRICA MODERNISTA E RESISTÊNCIA SOCIAL

32 • O TRABALHO DO CAPITAL: “S. BERNARDO”, DE GRACILIANO RAMOS

40 • TRABALHO E INFÂNCIA NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

48 • TRABALHO INFANTIL EM CENA

56 • TRABALHO E TRABALHADORES NO BRASIL

Apresentação

O Sinpro-Rio, ao organizar, através da Escola do Professor, o seminário “Os Trabalhadores na Literatura Brasileira”, teve como objetivo procurar, no imaginário nacional, o lugar dos trabalhadores na sociedade brasileira e o papel da literatura nacional nessa construção identitária.

O evento contou, em sua organização, com a consultoria do escritor e professor da Uerj Ítalo Moriconi, que foi também o mediador das mesas-redondas “Trabalho, Sociedade, Imaginário” e “Trabalhadores, Literatura, História”.

Foram propostos como fios condutores dos debates as seguintes questões: Qual o lugar dos trabalhadores na formação da sociedade brasileira? De que forma nossa produção literária expressa e recria o imaginário social sobre a experiência do trabalho? Como recuperar e valorizar a memória do trabalho na sociedade brasileira? Quais os perfis traçados para o trabalhador brasileiro nos principais clássicos e personagens na literatura nacional? Como desnaturalizar os discursos hegemônicos? Que desafios a contemporaneidade traz para a literatura social no País?

Estas provocações foram abraçadas pelos conferencistas de forma inteligente, criativa e suscitadoras de novas questões, ao longo dos dois dias de seminário - 7 e 8 de novembro de 2008 - no cenário histórico e instigante do prédio da Academia Brasileira de Letras (ABL).

No primeiro dia, Moacyr Scliar abordou o tema “Engajamento na Literatura Brasileira”, em que considerou que existem dois grupos de escritores, poetas e artistas em geral: aqueles que fazem a “arte pela arte” e os que se sentem comprometidos com o mundo, com o país, a situação social e querem dar a sua contribuição. Seguindo, Ana Miranda discorreu sobre “O Trabalho Criativo”, para quem o mito de Sísifo é emblemático para os trabalhadores, sendo este ser mítico, segundo a escritora, o “patrono dos operários do verbo, de nós, que moldamos as palavras da mesma maneira como ele leva a pesada pedra ao cume da colina.”

No segundo dia, o seminário foi aberto com a mesa-redonda “Trabalho, Resistência, Existência”, mediada por Tania Clemente, doutora em Linguística/UFRJ. Além dela, Regina Lucia R. Tavares propôs uma reflexão em cima dos textos que flagraram o momento da tomada de consciência do trabalhador sobre o valor de sua produtividade e o nosso papel, enquanto educadores, nesse processo de formação para cidadania plena. Cristina Prates falou sobre a “Lírica Modernista e Resistência Social” e destacou a figura de Mário de Andrade, a quem atribui “a coragem e a persistência para defender e divulgar, até o final de sua vida, os três princípios básicos em que acreditava - o direito permanente à pesquisa estética; a atualização da inteligência artística brasileira; e a estabilização de uma consciência nacional.”

Georgina Martins partiu da origem histórica do conceito de infância e, através do tema “Trabalho e Infância na Literatura Infantil e Juvenil”, analisou as obras “Serafina e a Criança que Trabalha” e “Açúcar Amargo”, a representação da outra infância, retratando a dureza do cotidiano de crianças trabalhadoras.



PROFESSOR WANDERLEY QUÊDO

Carla Jarlicht - que foi substituída por Georgina no dia do evento - escreve aqui sobre o “Trabalho Infantil em Cena”, em que aborda a violência social na infância, que a sociedade vem se acostumando a enxergar como “normal”: a presença do enorme contingente de crianças desamparadas que buscam uma forma de sobrevivência no trabalho, ilícito e imoral, nas ruas das cidades.

Em outra mesa, Zenir Reis focou a discussão sobre o “Trabalho do Capital”, através do esmiuçamento da obra de Graciliano Ramos, “S. Bernardo”. Para Zenir, o autor possuía plena consciência da construção literária que estava propondo e que o romance procura mostrar a transposição do modelo fordista de administrar o trabalho nas fábricas às instituições sociais, no Brasil de 1920-1930, tempo da ação romanesca.

Encerrando o seminário, Alexandre Fortes apresentou “Trabalho e Trabalhadores no Brasil” - um diálogo entre a iconografia fotográfica e a literatura. Levantou novos questionamentos: Como conceber pedagogicamente o uso desses novos meios de linguagem? Qual o lugar da escola num contexto em que ela passa a ser cada vez mais apenas um entre os vários espaços de acesso à história?

Em síntese, a realização do seminário superou as expectativas e apontou para a necessidade de os trabalhadores se apropriarem mais da produção literária que expressa e recria o imaginário social na experiência do trabalho, pois a superação da naturalização das coisas se faz através do exercício do estranhamento do cotidiano, especialmente nas relações de trabalho na contemporaneidade.

Acreditamos que a maior contribuição desta revista seja a exposição dos perfis traçados por nossos conferencistas na literatura social do Brasil.

Assim, o **Sinpro-Rio**, parte integrante desta história de luta, agradece os palestrantes e convida todos(as) os(as) docentes a percorrerem as páginas a seguir como uma paisagem reflexiva sobre a própria experiência laboral.

Boa leitura!

Wanderley Quêdo
Presidente do **Sinpro-Rio**

Ana Miranda



POETISA E ROMANCISTA

O TRABALHO CRIATIVO

QUANDO O TRABALHO NÃO É O PÃO DE CADA DIA, MAS É ARTE, CRIAÇÃO, CONSTRUÇÃO DE UM SER, E PRAZER.

É uma alegria estar aqui, com vocês, professores, sindicalistas, neste encontro para falarmos sobre o trabalho, ao lado deste grande escritor e médico, autor de clássicos de nossa literatura, que é Moacyr Scliar;¹ e de Ítalo Moriconi, professor que realiza um importante trabalho no sentido de preservar nosso tesouro literário. Após as sábias palavras de Scliar, sobre escritores brasileiros que realizaram uma literatura engajada, em que tivemos a oportunidade de usufruir de sua experiência de vida, sua cultura elevada, suas observações acerca de justiça e liberdade, sua graça e seu humor, tentarei falar do trabalho sob aspectos mais subjetivos. Será uma visão mais feminina, apelando ao dom da mulher que historicamente viveu próxima dos sentimentos, dos afetos, da participação subliminar e sublime na sociedade e na história do trabalho.

Os primeiros trabalhadores da literatura já estão na *Bíblia*, em *Gênesis*, quando Deus criou os céus e a terra, a luz, as águas, a tarde e a manhã, a relva, as sementes, os frutos, os luminares, os seres vivos, os animais... Finalmente, criou o homem e a mulher, para dominarem sobre todas as coisas. Adão e Eva viviam num jardim irrigado, de árvores frutíferas, bastava estender a mão para colher o alimento, provavelmente eles viviam na mais deliciosa das preguiças.

Depois de tão árduo trabalho de criação, no sétimo dia Deus descansou. Configura-se aí nosso sistema de trabalho e descanso. Em *Gênesis* nascem a humanidade, a organização social representada pelo casal, o fardo do trabalho, o saber, o sofrimento e a morte. Adão e Eva viviam num mundo idílico, na santidade da ignorância, mas a mulher foi em busca do entendimento. Ambos comeram o fruto da consciência, e deixaram de ser animais, tornando-se, como Deus, conhecedores do bem e do mal. O que nos diferencia dos animais é a consciência. Em tudo o mais, na fome, nos sentimentos, nos desejos, nos impulsos, nos pensamentos, somos semelhantes. Eu tenho uma gatinha, a Filomena, que pensa. Ela pensa que é uma pessoa, pensa que sou sua mãe, pensa antes de saltar, olha para mim, pensativa, sonha... E fala, diz quando quer comer, quando quer sair. Ela entende o que dizemos. Eu estava com meus netinhos, e o mais novo afagava a Filomena, quando o mais velho, de oito anos, disse-me, “Vovó, acho que a Filomena não gosta de mim”. Filomena ouviu-o, estendeu a patinha e o acariciou. Sim, ela entendeu o que dizíamos, os animais entendem, e pensam, mas não têm consciência.

A conquista da ciência e do saber é o momento em que o ser humano liberta-se de sua inocência divina, para conhecer a si mesmo. Como castigo à consciência adquirida, Deus deu a nós, mulheres, a dor no trabalho de parto, e maldisse o homem para que comesse em fadiga, todos os dias de sua vida, e se alimentasse das ervas do campo que ele mesmo plantaria. Desde então, do suor de nosso rosto comemos o pão, precisamos nos vestir, e somos mortais - com algumas exceções, como, por exemplo, o nosso Scliar -, Deus determinou a morte, dizendo “do pó vieste, ao pó voltarás”. Para o humano não ser mais imortal, Deus expulsou-o do Éden e lhe ordenou a obrigação de lavar. O ser humano, portanto, não foi criado para o trabalho. Vemos biblicamente o trabalho como um fardo, castigo, maldição. Mas é o trabalho que vai construir todas as formas de viver.

¹ ARTIGO DO AUTOR NA PÁGINA 10

...É O TRABALHO QUE
VAI CONSTRUIR TODAS
AS FORMAS DE VIVER.

Li, hoje mesmo, uma entrevista do escritor sul-africano, Coetzee, em que ele compara o trabalho do escritor ao de Atlas, que suporta sobre seus ombros todo o peso do mundo. A produção literária expressa a memória do trabalho pela própria experiência do escritor em sua atividade ardorosa. Para mim, o sentimento do trabalho literário, assim como o de todas as formas de trabalho, pode ser representado pelo mito de Sísifo. Rei e fundador da cidade de Corinto, após sua morte foi condenado a eternamente empurrar pela encosta de uma montanha uma pesada pedra, que sempre cai antes de chegar ao cume. Ele desce a encosta e recomeça seu trabalho, sem nem mesmo um instante para descanso, dia após dia, o que é uma representação da condição humana. Tentamos superar nossa condição; o nosso heroísmo, como o de Sísifo, consiste em aceitar esse esforço.

A história de Sísifo, segundo Pierre Brunel, é a de passagem de um herói, construtor de uma cidade, a um condenado ao trabalho eterno, à luta vã, e que volta a ser herói pela aceitação de sua pena.

Sísifo supliciava, saqueava e matava os que lhe caíam nas mãos; corrompeu a sobrinha do rei da Tessália; traiu Zeus, que raptara a filha do deus-rio, e ele denunciou Zeus ao pai da moça, em troca de uma fonte perene em Corinto; porém, seu mais determinante erro foi uma prova de amor que pouco antes de morrer pediu à mulher: deixasse-o sem sepultura, esperando que, por amor, ela não fizesse isso, mas ela o obedeceu. Hades permitiu que Sísifo retornasse à Terra para punir a esposa e inumar a si mesmo. Sísifo não quis mais voltar para o outro mundo, aprisionou a Morte e foi eternamente castigado. Lá está ele, até hoje, empurrando sua pedra.

Esse lendário rei simboliza o esforço que dá mobilidade e força ao trabalho. Desesperadamente preso ao chão pela pedra, talvez também pelo pensamento telúrico, já que Sísifo preferiu ficar na Terra, esse pensamento o impedia de aspirar ao desconhecido, ao transcendente.

Sísifo é o patrono dos operários do verbo, de nós, que moldamos as palavras da mesma maneira como ele leva a pesada pedra ao cume da colina. Há uma poesia de Baudelaire que diz:

Para erguer peso tão pesado,
Sísifo, seria preciso tua coragem!
Embora se ponha o coração na obra,
A arte é longa e o tempo é curto.

Esse poema é um retrato do artista criador. É preciso ter coragem. E embora se ponha o coração na obra, a arte é longa e a vida é breve. Sísifo é corajoso porque eleva o seu esforço ao heroísmo, ainda que seja um gesto perpetuamente recomeçado. O poeta, o escritor sentem-se encurralados pelo tempo que é breve para se concluir uma obra talvez infinita. O poeta, o escritor sentem-se, muitas vezes, impotentes para sustentar o peso da criação.

Longe das sepulturas célebres,
Para um cemitério isolado,
Meu coração, como um tambor abafado,
Vai batendo marchas fúnebres.

É a solidão do artista. A dúvida da perenidade, o desejo de permanecer na Terra para sempre. A indiferença que sentiria o leitor pelo escritor seria talvez o esquecimento de uma arte que terá mais força quando renascida. Porque depois de mortos continuamos, como Sísifo, a trabalhar da mesma forma como trabalhamos em vida, a existir da mesma forma, e nossa condenação, ou perenidade, nossa felicidade, é proporcional à nossa obra. A obra está sempre pronta a manifestar *seu perfume doce como um segredo, nas solidões profundas*.

O prazer, a felicidade do escritor, e do trabalhador, consiste em permanecer na Terra, de onde tem acesso às conversas com os deuses, por meio da palavra.

Vemos Sísifo, em Camus, livre na medida em que se reconcilia com sua condição e a aceita, iluminado. Então, já não é a pedra que interessa, porém as paixões, paixão pela vida, por este mundo, e desejo de nele permanecer. Não interessa o esforço, mas a

consciência, quando a pedra despenca mais uma vez. A literatura volta-se para a expressão do rosto neste momento, quando Sísifo é iluminado por uma consciência que o faz transcender a sua sina.

Voltamos então à *Bíblia*. Como dominar sobre todas as coisas, se não temos consciência superior a nosso destino? Deus teria nos criado, então, para o obedecermos, para nos libertarmos e adquirirmos consciência? Deus teria, então, nos criado para o trabalho? A consciência é a nossa vitória?

A vitória é recomeçar. Todos os dias, mal rompe a manhã. Quando Sísifo aceita sua condição, aceita um grande absurdo. E o que é a vida de todos nós, senão uma série de ações sem sentido? Destinado à morte, o ser humano sonha com a imortalidade - isso acontece ainda mais nos escritores. E sentimos a felicidade que nasce da aceitação de nossa tarefa. Então podemos dizer, como Camus, *escrever é minha alegria profunda*. É o sentimento de reencontro com a liberdade, e também com a certeza de que teremos de recomeçar e recomeçar...

Recomeçar, recomeçar, mal rompe a manhã, *Lutar com palavras é a luta mais vã*, escreveu Drummond. É mesmo impossível enfrentar a palavra lucidamente, o trato da palavra nos aproxima da loucura. *Não me julgo louco. Se fosse, teria poder de encantá-las*. O universo das palavras é tão amplo, tão labiríntico e incomensurável que só em estado de loucura o escritor poderia encantá-las, no entanto, *lúcido e frio, apareço e tento apanhar algumas para meu sustento num dia de vida*. Vamos à captura de palavras, num estranho dicionário onde estão escondidos nossos pensamentos e a expressão de nosso ser, nossa individualidade e originalidade. Cada palavra tem sua essência, tem sua história infinita para trás e para frente nos tempos imaginários. Palavras são rebeldes e múltiplas, escorregam, buscamos aquelas com as quais poderemos alcançar a satisfação de nossas necessidades interiores, e as de nosso tempo, e as de nossos semelhantes. E vamos lavrando e colhendo palavras em vastos campos, trabalhamos frios e lúcidos nessa lavoura. Queremos possuir as palavras, mas elas preferem *o amor de uma posse impura*, um trabalho incessante, pesado e libertador, como a pedra de Sísifo, doloroso e nutritivo como o suor na testa do primeiro homem.

A palavra nos domina. Esperamos que venha o gozo da maior tortura e o prazer se mostra no rosto da palavra, pois ela esplende na curva da noite, numa grande paixão, e mal rompe a manhã, mal a luz se faz em nossas janelas, em nossas mentes, recomeçamos a luta vã. A vitória é recomeçar. No trabalho com a palavra podemos nos confrontar com nosso tempo, com o que somos, com nosso espaço, podemos coligir, ampliar, corrigir detalhes de nossa memória, de nossas andanças, encruzilhadas, conhecer melhor nossa experiência particular, passar em revista acontecimentos públicos e privados; dialogamos com nossa memória e existência, nos desintegramos e nos reconstruímos. Pela palavra, nós nos construímos e nos revelamos. Pelas palavras penetramos em nossa infância, vagamos dentre casas demolidas, revemos nossas aldeias perdidas, sonhamos lucidamente, confidenciamos a nós mesmos e ao mundo nossa existência, passamos a vida a limpo, e nos reconciliamos com nossas fraquezas, que se tornam força, e com nossa solidão, que se torna o outro.

O mundo da palavra é o viver, e pela transcendência do fardo do trabalho experimentamos um pouco daquilo que chamamos de prazer do trabalho criativo.

PELAS PALAVRAS
PENETRAMOS EM NOSSA
INFÂNCIA, VAGAMOS
DENTRE CASAS
DEMOLIDAS, REVEMOS
NOSSAS ALDEIAS
PERDIDAS, SONHAMOS
LUCIDAMENTE,
CONFIDENCIAMOS
A NÓS MESMOS E
AO MUNDO NOSSA
EXISTÊNCIA, PASSAMOS
A VIDA A LIMPO, E NOS
RECONCILIAMOS COM
NOSSAS FRAQUEZAS,
QUE SE TORNAM FORÇA,
E COM NOSSA SOLIDÃO,
QUE SE TORNA O
OUTRO.

Moacyr Scliar



MÉDICO, PROFESSOR UNIVERSITÁRIO,
ESCRITOR, MEMBRO DA ACADEMIA
BRASILEIRA DE LETRAS

ENGAJAMENTO NA LITERATURA BRASILEIRA

Os escritores, poetas e artistas em geral podem ser divididos em dois grupos. Existem aqueles que fazem a “arte pela arte” que não admitem qualquer compromisso que não seja o rigor estético de seu trabalho. E existem aqueles que se sentem comprometidos com o mundo, com o país em que vivem, com a situação social e que querem dar sua contribuição para o projeto de mudança pelo qual tantas pessoas anseiam e que, ainda recentemente, levou Barack Obama à Presidência dos Estados Unidos.

Na literatura brasileira, tivemos representantes de ambos os tipos de pensamento. Nas linhas que se seguem, vamos ver alguns exemplos famosos de escritores e poetas considerados engajados.

O primeiro deles é ninguém menos que o famoso Gregório de Matos Guerra (1636-1696). Nascido numa família afluente (isto, aliás, não era excepcional entre escritores; afinal, só uma pequena minoria de ricos podia proporcionar aos filhos acesso à educação), Gregório estudou no Colégio dos Jesuítas, na Bahia e graduou-se na Universidade de Coimbra, em Portugal. Naquele país teve início sua carreira jurídica; foi nomeado juiz de fora de Alcácer do Sal, e depois representou a Bahia nas cortes de Lisboa. Tomou as chamadas “ordens menores”, o que lhe permitia exercer cargos na administração eclesiástica da Bahia.

Começaram aí suas brigas: Gregório não queria usar batina, o que gerou conflitos com as autoridades religiosas. A partir daí, ele se transformará no “Boca de Inferno”, apelido pelo qual veio a ser conhecido. Em seus poemas agredia a “canalha infernal” que abrangia praticamente todas as classes sociais da Bahia. Era uma poesia satírica, não raro pornográfica, que contrastava com outros poemas, líricos e mesmo místicos. Acabou denunciado ao tribunal da Inquisição num processo que, contudo, não teve seguimento. Chegou a ser deportado para Angola, retornando depois. O poema abaixo é um exemplo de sua corrosiva verve:

A cada canto um grande conselheiro,
que nos quer governar cabana e vinha,
não sabem governar sua cozinha,
e podem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um frequentado olheiro,
que a vida do vizinho e da vizinha
pesquisa, escuta, espreita, e esquadrinha,
para a levar à Praça, e ao Terreiro.

Muitos mulatos desavergonhados,
trazidos pelos pés os homens nobres,
posta nas palmas toda a picardia.
Estupendas usuras nos mercados,
todos, os que não furtam, muito pobres,
e eis aqui a cidade da Bahia.

Por outro lado, José de Alencar, nascido em Mecejana, Ceará, em 1829, teve menos conflitos - e mais êxito. Filho de um senador do Império, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro; bacharelou-se em Letras no Colégio Pedro II, e em Direito, curso iniciado nas faculdades de São Paulo e terminado na faculdade de Olinda. Foi professor, orador, deputado em várias legislaturas e ministro da Justiça em 1868, mas dedicou-se mesmo à literatura e ao jornalismo.

Patrono da cadeira 23 da Academia Brasileira de Letras, é considerado o maior expoente do romantismo brasileiro. Sua obra foi muito importante na busca de uma identidade nacional, o nacionalismo sendo um característica importante dos autores românticos. Seus personagens incluem desde representantes da burguesia carioca como sertanejos, gaúchos e, sobretudo, índios.

Até então, o indígena tinha sido visto pelos conquistadores do território brasileiro como um incômodo detalhe da paisagem, um estorvo que precisava ser eliminado - e o era: o genocídio indígena no Brasil é um dos maiores da história. Alencar seguia as ideias de Jean-Jacques Rousseau, um dos grandes ideólogos da Revolução Francesa, para quem o ser humano era essencialmente bom; corrompia-o a sociedade. Nasceu daí a imagem do “bom selvagem”, da qual o Peri, de *O Guarani*, bravo, generoso, viril, é o exemplo maior.

Não só os índios eram perseguidos e exterminados no Brasil; os negros também. Em defesa destes, levantou-se a figura extraordinária que foi o baiano Castro Alves (1847-1871). Também de uma família de posses em seu estado, Castro Alves estudou Direito em Recife. Sua curta vida (morreu cedo, de tuberculose, a “peste branca” dos românticos) foi tumultuada, marcada pelo rumoroso caso com a atriz Eugênia Câmara e pela militância: ainda em Recife, fundou com Rui Barbosa e outros amigos uma sociedade abolicionista. De sua luta contra a escravidão dá testemunho estes trechos do famoso *Navio Negreiro*:

Era um sonho dantesco... o tombadilho
 Que das luzernas avermelha o brilho.
 Em sangue a se banhar.
 Tinir de ferros... estalar de açoite...
 Legiões de homens negros como a noite,
 Horrendos a dançar...
 Negras mulheres, suspendendo às tetas
 Magras crianças, cujas bocas pretas
 Rega o sangue das mães:
 Outras moças, mas nuas e espantadas,
 No turbilhão de espectros arrastadas,
 Em ânsia e mágoa vãs!
 E ri-se a orquestra irônica, estridente...
 E da ronda fantástica a serpente
 Faz doudas espirais ...
 Se o velho arqueja, se no chão resvala,
 Ouvem-se gritos... o chicote estala.
 E voam mais e mais...
 Presa nos elos de uma só cadeia,
 A multidão faminta cambaleia,
 E chora e dança ali!
 Um de raiva delira, outro enlouquece,
 Outro, que martírios embrutece,
 Cantando, geme e ri!
 No entanto o capitão manda a manobra,
 E após fitando o céu que se desdobra,
 Tão puro sobre o mar,
 Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
 “Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
 Fazei-os mais dançar!...”
 E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .
 E da ronda fantástica a serpente

Faz doudas espirais...
 Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
 Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
 E ri-se Satanás!...
 Senhor Deus dos desgraçados!
 Dizei-me vós, Senhor Deus,
 Se eu deliro... ou se é verdade
 Tanto horror perante os céus?!...
 Ó mar, por que não apagas
 Co'a esponja de tuas vagas
 Do teu manto este borrão?
 Astros! noites! tempestades!
 Rolai das imensidades!
 Varrei os mares, tufão! ...

Existe um povo que a bandeira empresta
 P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
 E deixa-a transformar-se nessa festa
 Em manto impuro de bacante fria!...
 Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
 Que impudente na gávea tripudia?
 Silêncio. Musa... chora, e chora tanto
 Que o pavilhão se lave no teu pranto! ...
 Auriverde pendão de minha terra,
 Que a brisa do Brasil beija e balança,
 Estandarte que a luz do sol encerra
 E as promessas divinas da esperança...
 Tu que, da liberdade após a guerra,
 Foste hasteado dos heróis na lança
 Antes te houvessem roto na batalha,
 Que servires a um povo de mortalha!...

Na transição do século XIX para o XX, um outro autor chamará a atenção pela coragem: Lima Barreto (1881-1922). Como seu contemporâneo Machado de Assis, Lima Barreto era mulato; como ele, foi funcionário público. Mas existem grandes diferenças entre os dois. Ao contrário de Machado, Lima teve uma vida atormentada, marcada pelo alcoolismo e pela doença mental; acabou falecendo muito cedo, não sem deixar uma obra que até hoje impressiona pela crítica devastadora e que já aparecia em seu primeiro romance, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*.

Narrativa de fundo autobiográfico, é uma feroz crítica à sociedade brasileira, para ele hipócrita e minada pelo preconceito. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, publicado primeiro em capítulos em jornal, é igualmente satírica. Além disso, Lima Barreto usava uma linguagem coloquial, descuidada às vezes, o que não melhorava a sua relação com os círculos literários. Por último, simpatizava com o anarquismo e com o socialismo e até começou uma campanha contra a introdução do futebol no Brasil, por ele considerado coisa do colonialismo inglês.

As ideias políticas de Lima Barreto eram confusas, mas já no começo do século XX as ideologias de esquerda, socialismo e comunismo (e sobretudo este último), adquirem caráter bem definido, sobretudo com a Revolução Russa de 1917, que influenciou muitos autores em todo o mundo.

No Brasil, o exemplo clássico é Jorge Amado (1912-2001). Nascido na Bahia, estudou Direito no Rio de Janeiro, então capital da República, onde travou seus primeiros contatos com o movimento comunista. Militante, fez uma longa carreira política; em 1945, foi eleito deputado federal pelo Partido Comunista Brasileiro. Perseguido, exilou-se na Argentina e no Uruguai, em Paris, em Praga. Seus primeiros livros (*O país do carnaval*, *Cacau*, *Suor*, *Jubiabá*, *Mar morto*, *Capitães da areia*, *ABC de Castro Alves*, *O cavaleiro da esperança*, *Terras do sem-fim*, *Seara vermelha*) tinham um conteúdo marcadamente político. Mas Jorge Amado desiludiu-se com o comunismo e os livros subsequentes, como *Gabriela, cravo e canela*, *Dona Flor e seus dois maridos*, *Teresa Batista*

cansada de guerra e *Tieta do Agreste* tendem mais para o lírico, para o fantasioso, para o humor.

Comunista como Jorge Amado, Graciliano Ramos (1892-1953) foi também perseguido e chegou a passar longo tempo na prisão, experiência que descreveu em *Memórias do Cárcere*. Sua obra ficcional, como se constata em *S. Bernardo*, *Angústia* e *Vidas Secas* mostra as duras condições de vida dos nordestinos.

E, por fim, chegamos à minha própria geração: um grupo de escritores e de poetas marcados por um acontecimento extremamente traumático, o golpe de 1964. Foi traumático, inclusive, porque representou um anticlímax. O começo dos anos 60 havia sido marcado por movimentos reivindicatórios que lutavam pelas chamadas reformas de base, a reforma agrária, principalmente; causas que uniam os numerosos movimentos de esquerda por toda a América Latina.

A consequência disso foram as ditaduras que então surgiram e que se caracterizavam pela violenta repressão. A luta pela liberdade de expressão passou a ser a bandeira de escritores e intelectuais. Na ficção, surgiu o chamado realismo mágico ou realismo fantástico - cujo expoente maior era Gabriel García Márquez - um estilo que consistia em descrever coisas absurdas como se tivessem acontecido na realidade (e estavam acontecendo). Com a redemocratização, o realismo mágico tornou-se desnecessário. Mas, enquanto houver injustiça e desigualdade, alguma forma de engajamento, de comprometimento, será necessária. Não é uma necessidade literária. É uma necessidade humana.

SEMINÁRIO

OS TRABALHADORES NA

Literatura
BRASILEIRA



MOACYR SCLiar, ITALO MORICONI E ANA MIRANDA

Dia 7 de novembro de 2008

*Regina Lucia R.
Favares*



MESTRA EM
EDUCAÇÃO/GEFET

DAS RUAS AO TEXTO LITERÁRIO

A literatura, como reflexo de uma realidade, nos oferece momentos interessantes a partir da visão que os autores apresentam sobre as diversas profissões. Independentemente de estilo ou de característica literária, a visão do trabalhador pela literatura assume as mais variadas tendências. São textos que, apesar da subjetividade do narrador ou do “eu-poético”, guardam uma relação profunda com um tempo vivido, permite uma leitura das tensões e de conflitos entre patrões e empregados ou dos próprios profissionais e seus familiares sobre as diversas profissões e sua importância.

Este artigo vem refletir um pouco sobre a tomada de consciência que o trabalhador tem sobre o valor de sua produtividade, passando pela fase de inconsciência e também pelo preço que se paga por se tornar consciente, e também fazer uma reflexão sobre o nosso papel, enquanto educadores, nesse processo de formação, para que o cidadão se faça pleno, ciente de seus deveres e direitos.

Começemos por Machado de Assis, ao apresentar a ascendência de Brás Cubas, traçada pelo próprio personagem, que se envergonha de sua origem no trabalho duro de Damião Cubas, denominado “um certo”, e, por isso, a família prefere marcar sua origem em Luís Cubas, estudado e com amigos influentes.

O fundador de minha família foi um certo Damião Cubas. Era tanoeiro de ofício, natural do Rio de Janeiro, onde teria morrido na penúria e na obscuridade, se somente exercesse a tanoaria. Mas não; fez-se lavrador, plantou, colheu, permutou o seu produto por boas e honradas patacas, até que morreu, deixando grande cabedal ao filho, o licenciado Luís Cubas. Nesse rapaz é que verdadeiramente começa a série de meus avós - dos avós que minha família sempre confessou - porque o Damião Cubas era afinal um tanoeiro, e talvez, mau tanoeiro, ao passo que Luís Cubas estudou em Coimbra, primou do Estado, e foi um dos amigos particulares do vice-rei conde de Cunha.

Essa mesma desvalorização é apresentada por Machado, em *Quincas Borba*, quando seu personagem central, Rubião, sente-se importante como capitalista, valorizando o ter em detrimento do ser, fazendo a seguinte reflexão:

Rubião fitava a enseada - eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas, em verdade, vos digo que pensava em outra cousa. Cotejava o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista! Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.

Essa sensação de desvalorização do ser é imposta pela própria educação, tanto familiar quanto escolar, e, assim vão se formando trabalhadores descrentes de seus potenciais e seus valores. Mas as configurações sociais se reorganizam e a busca dos méritos dos empregados ganha novos matizes e nossos autores traçam mais claramente o confronto patrão/empregado, que agora se apresenta pautado na figura paterna ou familiar, em que se espera submissão e também gratidão. Dentro de nossa literatura, dois exemplos claros são apresentados por Aluísio de Azevedo em *O Cortiço*, citado por Sidney Chalhoub:

“VOCÊ FIXA NA TELA
A NOSSA POBRE
GENTE DA ROÇA. NÃO
HÁ TRABALHO MAIS
DIGNO, PENSO EU.
DIZEM QUE SOMOS
PESSIMISTAS E EXIBIMOS
DEFORMAÇÕES;
CONTUDO AS
DEFORMAÇÕES E A
MISÉRIA EXISTEM
FORA DA ARTE E SÃO
CULTIVADAS PELOS
QUE NOS CENSURAM.”
(TRECHO DE CARTA DE
GRACILIANO RAMOS A
CÂNDIDO PORTINARI)

João, dos 13 aos 25 anos, trabalhara como empregado de um vendeiro que acabara fazendo fortuna em sua “suja e obscura taverna” em Botafogo. João economizara bastante durante esses anos, e o patrão, ao voltar para Portugal, deixou para seu empregado, como pagamento, “a venda, com tudo que estava dentro e mais um conto e quinhentos em dinheiro, como pagamento”. O que a história de João Romão parece sugerir é a possibilidade de ascensão como pagamento pela submissão e sacrifício pelo patrão, o que se justificaria pois João como seu patrão eram patrícios portugueses, imigrantes. Já não foi o pagamento obtido por Bertoleza em sua dedicação a João Romão.

Ou ainda apresentado por Machado de Assis, em *Iaiá Garcia*, quando os patrões se acreditam “injustiçados” pelos seus escravos, que comemoravam a entrada em vigor da Lei do Ventre Livre. A visão do reconhecimento pelos feitos do patrão, na obra, representado pelos senhores de engenho e seus escravos, coloca o empregado (escravo) como um ingrato que não pensa nas perdas do patrão.

A lei de 28 de setembro, que inconsideradamente declarou o ventre livre, sem que o país se tivesse preparado para receber golpe tão terrível, armando o braço escravo contra o seu senhor...esta lei abismou a nação; criou milhares de vítimas, e numerosas dificuldades impôs aos agricultores (...) Tudo isso causa uma fatal transformação no ânimo dos escravos; de alguma afeição que mostravam ter a seus senhores, tornaram-se rancorosos a estes. Abriu-se um abismo às rendas, tanto públicas quanto particulares, e pôs-se a vida dos desventurosos agricultores à mercê de Deus...

Mas as relações vão evoluindo, as elites dominantes continuam seu trabalho de impor metas, produtividade e os trabalhadores, em sua maioria, aceitando que o patrão é que tem valor. Mas, apesar de toda essa cultura do não valor, da submissão, do descrédito em si mesmo, alguns trabalhadores vão ganhando força e consciência e a literatura nos brinda com vários exemplos, entre eles, Jorge Amado em *Terras do sem-fim*, quando retrata a relação opressora, apontando na página 10:

– Tão vendo? Plantei muito cacauero com essas mãos que tão aqui. Eu e Joaquim enchemos mata e mata de cacau, plantamos mais que mesmo um bando de jupará que é bicho que planta cacau... que adiantou? Perguntava a todos? (...) O coronel Horácio fez um caxixe mais o Dr. Rui, tomaram a roça que nós havia plantado. Que a terra era dele, que Joaquim não era dono. Veio com uns jagunços mais uma certidão do cartório. Botou a gente pra fora, ficaram até com o cacau que já tava secando, prontinho pra vender. Joaquim era bom no trabalho, não tinha mesmo medo do pesado. Ficou acabado com a tomada da roça e deu de beber. E uma vez já bebido, disse que ia se vingar, ia liquidar com o coronel. Um capanga do coronel ouviu, foi contar. Mandaram tocaiar Joaquim, mataram ele na outra noite quando vinha pra Ferradas.

Também Lêdo Ivo nos fala dessa tomada de consciência, traçando a evolução e a formação do cidadão ciente de seu valor, oriundo da escola e do poder de descoberta pela leitura, passando pelo conhecimento dos prazeres do mundo até a formação plena da consciência de que não se é indivíduo somente e sim que o indivíduo se agrega em um todo chamado povo, em *Primeira lição*:

Na escola primária
Ivo viu a uva
E aprendeu a ler
Ao ficar rapaz
Ivo viu a Eva
E aprendeu a amar.
E sendo homem feito
Ivo viu o mundo
Seus comes e bebes
Um dia num muro
Ivo soletrou
A lição da plebe

ESSA SENSÇÃO DE
DESVALORIZAÇÃO
DO SER É IMPOSTA
PELA PRÓPRIA
EDUCAÇÃO, TANTO
FAMILIAR QUANTO
ESCOLAR, E, ASSIM
VÃO SE FORMANDO
TRABALHADORES
DESCRENTES DE SEUS
POTENCIAIS E SEUS
VALORES.

E aprendeu a ver
 Ivo viu a ave?
 Ivo viu o ovo?
 Na nova cartilha
 Ivo viu a greve
 Ivo viu o povo.

Essa força também nos é apresentada com Graciliano Ramos, em *Vidas secas*, pois seu personagem, Fabiano, vai tomando consciência de que está *plantado em terra alheia* e que *ao ser contratado, recebera o cavalo de fábrica, perneiras, gibão, guarda-peito e sapatos de couro cru, mas, ao sair, largaria tudo ao vaqueiro que o substituiu* (p.25). Ele vai se forjando em sua consciência e para manter a sua força, diz a ele mesmo a todo instante *Fabiano, você é um bicho*, com o orgulho que isso representa: sobrevivência e manutenção de sua essência. O nível de consciência o leva a abandonar a fazenda e buscar novos rumos, pois *não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se ao mundo...* (p.123). E ele assim o faz, mesmo sem saber o que o espera à frente... luta e não se entrega.

Porém, o exemplo mais claro dessa passagem entre operário sem consciência, para aquele que se constrói, está em Vinícius de Moraes, no poema *Operário em construção*:

Era ele que erguia casas
 Onde antes só havia chão.
 Como um pássaro sem asas
 Ele subia com as casas
 Que lhe brotavam da mão.
 Mas tudo desconhecia
 De sua grande missão:
 (...)

Mas ele desconhecia
 Esse fato extraordinário:
 Que o operário faz a coisa
 E a coisa faz o operário.
 De forma que, certo dia
 À mesa, ao cortar o pão
 O operário foi tomado
 De uma súbita emoção
 Ao constatar assombrado
 Que tudo naquela mesa
 - Garrafa, prato, facão -
 Era ele quem os fazia
 Ele, um humilde operário,
 Um operário em construção.
 (...)

Foi dentro da compreensão
 Desse instante solitário
 Que, tal sua construção
 Cresceu também o operário.
 Cresceu em alto e profundo
 Em largo e no coração
 E como tudo que cresce
 Ele não cresceu em vão
 Pois além do que sabia
 - Exercer a profissão -
 O operário adquiriu
 Uma nova dimensão:
 A dimensão da poesia.
 E um fato novo se viu
 Que a todos admirava:

LUTEMOS TODOS OS
DIAS, EM TODAS AS
SALAS DE AULA, COMO
JÁ O FAZEMOS, CONTRA
O INDIVIDUALISMO E A
INCONSCIÊNCIA PARA QUE
UM DIA SEJAMOS POVO.

O que o operário dizia
Outro operário escutava.

E foi assim que o operário
Do edifício em construção
Que sempre dizia sim
Começou a dizer não.
E aprendeu a notar coisas
A que não dava atenção:

Notou que sua marmita
Era o prato do patrão
Que sua cerveja preta
Era o uísque do patrão
Que seu macacão de zuarte
Era o terno do patrão
Que o casebre onde morava
Era a mansão do patrão
(...)

Como era de se esperar
As bocas da delação
Começaram a dizer coisas
Aos ouvidos do patrão.
Mas o patrão não queria
Nenhuma preocupação
- “Convençam-no” do contrário -
Disse ele sobre o operário
E ao dizer isso sorria.
(...)

E o operário ouviu a voz
De todos os seus irmãos
Os seus irmãos que morreram
Por outros que viverão.
Uma esperança sincera
Cresceu no seu coração
E dentro da tarde mansa
Agigantou-se a razão
De um homem pobre e esquecido
Razão porém que fizera
Em operário construído
O operário em construção.

Nós, enquanto educadores, temos nas mãos a possibilidade de oferecermos a nossos educandos momentos de reflexão em que eles possam construir-se em um patrão consciente ou em um trabalhador ciente de seu poder. Essa luta é feita de muitas variações e nuances e não tem tempo determinado e, com certeza, não veremos ainda os frutos desse trabalho, como sociedade, mas fica a todos nós a lição que nos deixou Thiago de Mello em seus versos belíssimos, no poema *Para os que virão*:

Como sei pouco, e sou pouco,
faço o pouco que me cabe
me dando inteiro.
Sabendo que não vou ver
o homem que quero ser.

Já sofri o suficiente
para não enganar a ninguém:

principalmente aos que sofrem
na própria vida, a garra
da opressão, e nem sabem.
Não tenho o sol escondido
no meu bolso de palavras.
Sou simplesmente um homem
para quem já a primeira
e desolada pessoa
do singular - foi deixando,
devagar, sofredamente,
de ser, para transformar-se
- muito mais sofredamente -
na primeira e profunda pessoa
do plural.
Não importa que doa: é tempo
de avançar de mão dada
com quem vai no mesmo rumo,
mesmo que longe ainda esteja
de aprender a conjugar
o verbo amar.

É tempo sobretudo
de deixar de ser apenas
a solitária vanguarda
de nós mesmos.
Se trata de ir ao encontro.
(Dura no peito, arde a límpida
verdade dos nossos erros.)
Se trata de abrir o rumo.

Os que virão, serão povo,
e saber serão, lutando.

Lutemos todos os dias, em todas as salas de aula, como já o fazemos, contra o individualismo e a inconsciência, para que um dia sejamos POVO.

BIBLIOGRAFIA

- AMADO, Jorge. Terras do sem fim, *in* Coleção Jorge Amado, vol.7. São Paulo, Martins Fontes, 1978
ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. São Paulo, Ática, 2002
—, Quincas Borba. São Paulo, Ática, 1998
—, Iaiá Garcia. São Paulo, Ática, 1986
CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim. São Paulo, Editora Unicamp, 2008
IVO, Ledo. Antologia poética. Rio de Janeiro. Ed. Leituras, 1965
MORAES, Vinícius. Obra poética. Rio de Janeiro, Ed. Nova Aguilar, 1968

Cristina Prates



PROFESSORA DOUTORA EM
LITERATURA BRASILEIRA/UFRJ

LÍRICA MODERNISTA E RESISTÊNCIA SOCIAL

Em 30 de abril de 1942, passados 20 anos da Semana de Arte Moderna, Mário de Andrade, convidado pela Casa do Estudante do Brasil, profere, na Biblioteca do Itamaraty, a conferência intitulada “O Movimento Modernista”, na qual realiza um corajoso balanço pessoal daqueles idos de 20, ressaltando, sobretudo, a sedução das novidades artísticas vindas da Europa através, por exemplo, da pintura expressionista de Anita Malfatti, cujo “Homem amarelo” e “A mulher de cabelos verdes” ousadamente desconstruíam os modelos de uma arte pautada na cópia da realidade, que orientava, ainda, a República Velha das Letras.

Mas as novidades traziam, por outro lado, a angústia: os muitos cadernos de poemas parnasianos ou de tendência simbolista ficaram fechados durante todo o ano de 1920, pois o Futurismo e o verso livre, agora focos de admiração, encontravam-se ainda em estado de processo. Era preciso se ambientar com esse outro mundo, o que lhe exigia muita leitura. E, na “fúria de saber as coisas”, endividava-se, comprando livros a ponto de, como confessa, andar “às vezes a pé por não ter duzentos réis pro bonde, no mesmo dia em que gastara seiscentos mil réis em livros...”. (ANDRADE, 1972, p. 233).

A toda essa inquietude, somam-se os desentendimentos familiares que culminam quando, à base de mais um empréstimo, compra uma “Cabeça de Cristo”, de Vítor Brecheret, o que lhe vale gritos de histeria da tia matriarca por esse “pecado mortal”: só um “perdido” aprovaria um Cristo de trancinha! Mas, nesse mesmo dia, rompe-se o silêncio de um ano: atônito, naquele redemoinho de conflitos, o poeta abre o caderno e escreve o título “Pauliceia Desvairada”, livro que estaria pronto em uma semana e que seria um marco da nova arte para aquele novo século que se iniciava.

A respeito da Semana de Arte Moderna, realizada no Teatro Municipal de São Paulo, de 11 a 18 de fevereiro de 1922, garante-nos que, após 20 anos, ainda não compreendia como pudera suportar dizer versos e fazer conferências regadas a tantas vaias, caçoadas e ofensas, às quais resistia, amparado pelo entusiasmo dos amigos muito mais do que por uma escolha pessoal, conforme declara no texto:

O meu mérito de participante é mérito alheio: fui encorajado pelo entusiasmo dos outros. Apesar da confiança firme que eu tinha na estética renovadora, mais que confiança, fé verdadeira, eu não teria forças nem físicas nem morais para arrostar aquela tempestade de achincalhes. E se aguentei o tranco, foi porque estava delirando. O entusiasmo dos outros me embebedava, não o meu. Por mim, teria cedido. Digo que teria cedido, mas apenas nessa apresentação espetacular que foi a Semana de Arte Moderna. Com ou sem ela, minha vida intelectual seria o que tem sido. (ANDRADE, 1972, p. 232).

É EXATAMENTE ESSA
SOLIDARIEDADE QUE
MARCA A PRESENÇA DE
MÁRIO DE ANDRADE
NAS LETRAS NACIONAIS:
A CORAGEM E A
PERSISTÊNCIA PARA
DEFENDER E DIVULGAR,
ATÉ O FINAL DE
SUA VIDA, OS TRÊS
PRINCÍPIOS BÁSICOS EM
QUE ACREDITAVA - O
DIREITO PERMANENTE
À PESQUISA ESTÉTICA;
A ATUALIZAÇÃO DA
INTELIGÊNCIA ARTÍSTICA
BRASILEIRA; E A
ESTABILIZAÇÃO DE UMA
CONSCIÊNCIA NACIONAL.

É exatamente essa solidariedade que marca a presença de Mário de Andrade nas letras nacionais: a coragem e a persistência para defender e divulgar, até o final de sua vida, os três princípios básicos em que acreditava - o direito permanente à pesquisa estética; a atualização da inteligência artística brasileira; e a estabilização de uma consciência nacional - que lhe deram forças para se transformar, por exemplo, no incansável missivista - orientador de tantos jovens escritores, perdidos pelo interior do País, como nas 78 cartas dirigidas a Drummond; as 23 para Fernando Sabino; e as 90, para Rodrigo de Melo Franco, só para ficarmos com alguns mineiros.

Após refletir detidamente sobre o trajeto de sua geração, sobre as consequências do Movimento, e, apesar de reconhecer conquistas, Mário de Andrade termina, entretanto, o seu texto de maneira bastante trágica. Pensando no destino dos mais jovens e em como lhes deixar um autêntico e verdadeiro testamento de sua experiência profissional, desabafa: sente-se profundamente frustrado ao rever a sua obra e a de seus companheiros que, segundo ele, vítimas da vaidade e do individualismo, haviam se perdido em conquistas pessoais, em prazeres estéticos e culturais, numa certa “aristocracia do espírito”, não conseguindo aproximar-se dos valores práticos da vida nem das questões políticas do seu tempo, como confessa nestes últimos parágrafos da conferência: (grifos nossos)

Eu creio que os modernistas da Semana de Arte Moderna não devemos servir de exemplo a ninguém. Mas podemos servir de lição. O homem atravessa uma fase integralmente política da humanidade. Nunca jamais ele foi tão “momentâneo” como agora. Os abstencionismos e os valores eternos podem ficar pra depois.

E apesar de nossa atualidade, da nossa nacionalidade, da nossa universalidade, uma coisa não ajudamos verdadeiramente, duma coisa não participamos: o **amihoramento político-social do homem**. E esta é a essência mesma da nossa idade. (ANDRADE, 1972, p. 255)

Hoje, distantes 56 anos dessa conferência, percebemos o altíssimo nível de exigência com que Mário de Andrade realizou o julgamento de sua obra. Figura central do Modernismo, conseguiu, segundo Antonio Candido, o “feito raro de unir, num mesmo corpo expressivo, a manifestação do eu e a manifestação do país, como se ambos procurassem a respectiva identidade num só movimento: a consciência de um lado; a civilização de outro”. (CANDIDO, 199, p. 72)

Acreditamos poder associar “consciência” e “civilização”, palavras de Antonio Candido, àquele “amihoramento político-social do homem”, projeto de Mário de Andrade. Como sabemos, a obra de Mário nada tem a ver com essa perspectiva pessimista: ao contrário, o autor de *Macunaíma* incorporou, de forma inquestionável, o papel do intelectual participante e profundamente preocupado com o destino do País, seja como poeta, ensaísta, narrador, folclorista, musicólogo, jornalista, seja pela indiscutível importância de sua atividade epistolar. Além disso, como chefe do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, em 1936, levou ao povo discotecas, bibliotecas ambulantes, conjuntos instrumentais, no papel de exímio produtor cultural, em defesa da nossa brasilidade.

O senso de dever com que exerceu suas atividades como escritor criou, de fato, o exemplo do artista comprometido com a realidade social do país, comprometimento reiterado nas inúmeras cartas, como nas que, durante anos, escreveu para Carlos Drummond de Andrade, e que hoje se encontram reunidas no livro *A lição do amigo* (ANDRADE, 1982). Vale a pena visitarmos, aliás, o momento em que orienta o poeta mineiro: isolado nos vales de Itabira do Mato Dentro, Drummond, deixando-se influenciar pelo pessimismo de Anatole France, reconhece-se inadaptado às terras brasileiras:

“Devo imenso a Anatole France que me ensinou a duvidar, a sorrir e a não ser exigente com a vida”. Mas, meu caro Drummond, pois você não vê que é esse todo o mal que aquela peste amaldiçoada fez com você! Anatole ainda ensinou outra coisa de que você se esqueceu: ensinou a gente a ter vergonha das atitudes francas, práticas, vitais. (...) Tem tudo que é decadente nele. Perfeição formal. Pessimismo diletante. (...) Bondade fingida porque é desprezo, desdém ou indiferença. Dúvida passiva, porque não é aquela dúvida que engendra a curiosidade e a pesquisa, mas a que pergunta: será? irônica e cruza os braços. E o que não é menos pior: é literarato puro. Fez literatura e nada mais. (...) Você

diz que ele ensinou você a não ser exigente com a vida...Como isso! Se você se confessa um inadaptado e tem um errado desprezo pelo Brasil. O mal que esse homem fez a você foi torná-lo cheio de literatices, abstrações em letra de fôrma, sabedoria de papel, filosofia escrita: nada prático, nada relativo ao mundo, à vida, à natureza, ao homem. (...) Mais adiante você fala em “apertado dilema: nacionalismo ou universalismo. O nacionalismo convém às massas, o universalismo convém às elites”. Tudo errado. (...) Nacionalismo quer dizer: ser nacional. O que mais simplesmente ainda significa: Ser. Ninguém que seja verdadeiramente, isto é, viva, se relacione com seu passado, com suas necessidades imediatas, práticas e espirituais, se relacione com o meio e com a terra, com a família etc. , ninguém que seja verdadeiramente, deixará de ser nacional. (ANDRADE, 1982, p. 11-15)

Na introdução do livro *A lição do amigo*, o poeta mineiro não esconde a importância que essas cartas tiveram na sua vida pessoal e profissional, ao declarar terem sido elas “indicações, ponderações, advertências, conselhos, críticas e lições de arte e postura diante do mundo exterior. Compreende-se, pois, o que tais papéis representam para mim: são parte integrante e vibrante da minha vida. (ANDRADE, 1982, p. IX).

Guiados, a partir de agora, por esses ideais de Mário de Andrade, por sua sensível escuta às questões da brasilidade e pela importância que concedeu a uma arte comprometida com os aspectos político-sociais, selecionamos alguns poemas da lírica social modernista, que trazem, pela força pontiaguda das metáforas e metonímias, a voz dos nossos trabalhadores. Assumindo um discurso comunitário e comunicante, esses poemas, contrários à ordem burguesa, deploram “as úlceras que o dinheiro fez e faz” (BOSI, 1983, p. 149), poesia que resiste à reificação do capitalismo, da sociedade de consumo, por reanimar as relações de fraterna amizade com o outro.

Esse outro, por exemplo, acalentado pelos 350 mários, o poeta que come amendoim, que curte o Brasil mastigado na gostosura quente do amendoim, o Brasil falado numa língua curumim, e que, ao deitar-se no seu quarto, na Rua Lopes Chaves, se dá conta de que Um homem pálido, magro de cabelo escorrendo nos olhos,/Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,/Faz pouco se deitou, está dormindo. / Esse homem é o brasileiro que nem eu... . (*Descobrimento*, ANDRADE, 1987, p. 203):

Seringueiro brasileiro,
Na escuridão da floresta
Seringueiro, dorme.
Ponteando o amor eu forcejo
Pra cantar uma cantiga
Que faça você dormir.
Que dificuldade enorme!
Quero cantar e não posso
Quero sentir e não sinto
A palavra brasileira
Que faça você dormir...
Seringueiro, dorme...
(...)
Seringueiro, seringueiro,
Queria enxergar você...
Apalpar você dormindo,
Mansamente, não se assuste,
Afastando esse cabelo
Que escorreu na sua testa.
Algumas coisas eu sei...
Troncudo você não é.
Baixinho, desmerecido,
Pálido, Nossa Senhora!
Parece que nem tem sangue.
Porém, cabra resistente
Está ali. Sei que não é
Bonito nem elegante...
Macambúzio, pouca fala,

Não boxa, não veste roupa
De palm-beach... Enfim não faz
Um desperdício de coisas
Que dão conforto e alegria.

Mas porém é brasileiro,
Brasileiro que nem eu...
Fomos nós dois que botamos
Pra fora Pedro II...
Somos nós dois que devemos
Até os olhos da cara
Pra esses banqueiros de Londres...
Trabalhar nós trabalhamos
Porém pra comprar as pérolas
Do pescocinho da moça
Do deputado Fulano.
Companheiro, dorme!
Porém nunca nos olhamos
Nem ouvimos e nem nunca
Nos ouviremos jamais...
Não sabemos nada um do outro,
Não nos veremos jamais!
(...)
Seringueiro, dorme!
Num amor-de-amigo enorme
Brasileiro, dorme!
Brasileiro, dorme.
Num amor-de-amigo enorme
Brasileiro, dorme.

Brasileiro, dorme,
Brasileiro... dorme...

Brasileiro... dorme ...

Acalanto do seringueiro (ANDRADE, 1987, p. 203-206)

Como Mário, Manuel Bandeira, poeta do Recife, mas carioca de jeito, cansara-se já da forma passadista de escrever, defendendo, em sua *Poética* (1958, p. 188, v. 1): Estou farto do lirismo comedido/Do lirismo bem comportado/Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente, protocolo e manifestações de apreço ao Sr. Diretor/Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo, acreditando, ao contrário, que o poema deveria ser como a nódoa no brim branco, como declara nessa moderníssima *Nova poética* (BANDEIRA, 1958, p. 363, v. I):

Vou lançar a teoria do poeta sórdido.
Poeta sórdido:
Aquele em cuja poesia há a marca suja da vida.
Vai um sujeito.
Sai um sujeito de casa com a roupa de brim branco muito bem engomada, e na primeira [esquina, passa um caminhão, salpica-lhe o paletó ou a calça de uma nódoa de lama:
É a vida.

O poema deve ser como a nódoa no brim:
Fazer o leitor satisfeito de si dar o desespero.

Sei que a poesia é também orvalho.
Mas este fica para as meninhas, as estrelas alfas, as virgens cem por cento e as amadas que envelheceram sem maldade

Bandeira, o mais velho dos modernistas, foi, entretanto, um dos que mais facilmente se livrou da sintaxe lusitana e soube, como poucos, adequar-se às transformações dos novos tempos, abandonando os metrificados e melancólicos poemas de *A Cinza das horas*, para imergir n' *O ritmo dissoluto*, na *Libertinagem*, no verso livre da Lapa, de Santa Teresa e da Trinca do Curvelo, da cultura popular da Macumba do Pai Suzé, sabendo “desentranhar a poesia que há escondida nas coisas, nas palavras, nos gritos, nos sonhos. A poesia que há em tudo, porque a poesia é o éter em que tudo mergulha e que tudo penetra”, como escrevera na crônica *Poema Desentranhado*. (BANDEIRA, 1958, p. 284, vol. II).

De fato, a sua sensibilidade de “poeta menor”, definição com a qual se autodenominara em *Itinerário de Pasárgada* (BANDEIRA, 1958, p. 22, v. II) maior se torna à medida em que se aproxima dos fatos miúdos do cotidiano urbano, despercebidos por nós, seres que, tão imersos nas lidas e lutas pela sobrevivência e tão esmagados pela rotina massacrante do cotidiano, nem imaginaríamos olhar poeticamente, por exemplo, para os *Camelots* (BANDEIRA, 1958, p. 184, v. I):

Abençoado seja o camelot dos brinquedos de tostão:
 O que vende balõezinhos de cor
 O macaquinho que trepa no coqueiro
 O cachorrinho que bate com o rabo
 Os homenzinhos que jogam box
 A perereca verde que de repente dá um pulo que engraçado
 E as canetinhas-tinteiro que jamais escreverão coisa alguma.
 Alegria das calçadas
 Uns falam pelos cotovelos:
 – “O cavalheiro chega em casa e diz: Meu filho, vai buscar um pedaço de banana para eu acender o charuto. Naturalmente o menino pensará: Papai está malu...”
 Outros, coitados, têm a língua atada.
 Todos porém sabem mexer nos cordéis com o tino ingênuo de demiurgos de inutilidades.
 E ensinam no tumulto das ruas os mitos heróicos da meninice...
 E dão aos homens que passam preocupados ou tristes uma lição de infância.

Mas, quem se esquecerá do lirismo profundamente dramático de *Meninos carvoeiros*? E da velhinha que recolhe os carvões “num só gemido”? (BANDEIRA, 1958, p. 158, v. I). Metáfora pungente da lírica social, esse poema faz-nos lembrar, a cada recitação, o drama dos desvalidos, daqueles que o capitalismo rejeitou e que, abandonados à sua sorte, recebem, no canto do poeta, a ternura e a solidariedade que a moderna sociedade lhes negou:

Os meninos carvoeiros
 Passam a caminho da cidade.
 – Eh, carvoero!
 E vão tocando os animais com um relho enorme.
 Os burros são magrinhos e velhos.
 Cada um leva seis sacos de carvão de lenha.
 A aniagem é toda remendada.
 Os carvões caem.
 (Pela boca da noite vem uma velhinha que os recolhe, dobrando-se com um gemido.)
 – Eh, carvoero!
 Só mesmo estas crianças raquíticas
 Vão bem com estes burrinhos descadeirados.
 A madrugada ingênua parece feita para eles...
 Pequeninha, ingênua miséria!
 Adoráveis carvoeirinhos que trabalhais como se brincásseis!
 – Eh, carvoero!
 Quando voltam, vêm mordendo num pão encarvoado,
 Encarapitados nas alimárias,
 Apostando corrida,
 Dançando, bamboleando nas cangalhas como espantalhos desamparados.

Aliás, vem-nos agora à mente as palavras do poeta e ensaísta mexicano Octávio Paz quando, no seu livro *O Arco e a Lira*, mostra-nos que ele, o poeta, também se encontra à parte da festa solar da sociedade de consumo:

O poeta moderno não tem lugar na sociedade porque, efetivamente, não é ninguém. Isto não é uma metáfora: a poesia não existe para a burguesia nem para as massas contemporâneas. O exercício da poesia pode ser uma distração ou uma enfermidade, nunca uma profissão. O poeta não trabalha nem produz. Por isso seus poemas não valem nada: não são produtos suscetíveis de intercâmbio mercantil. (PAZ, 1982, p. 296)

De fato, fantasma numa cidade de pedra e de dinheiro, o poeta luta contra a propaganda, a barbárie desta “coleção de objetos de não amor”, como dizia Drummond, ao constatar a perversão de nossos tempos que transformam o fruto do trabalho em mercadoria e o corpo do indivíduo em mão de obra sem nome, nem rosto, facilmente substituído a qualquer hora ou, até mesmo, compreensivelmente assassinado pelas levianas e inseguras mãos daquele burguês que, sentindo-se ameaçado, atira no nosso leiteiro:

Há pouco leite no país
é preciso entregá-lo cedo.
Há muita sede no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há no país uma legenda,
que ladrão se mata com tiro.
Então o moço que é leiteiro
de madrugada com sua lata
sai correndo e distribuindo
leite bom para gente ruim.
Sua lata, suas garrafas,
seus sapatos de borracha
vão dizendo aos homens no sono
que alguém acordou cedinho
e veio do último subúrbio
trazer o leite mais frio
e mais alvo da melhor vaca
para todos criarem força
na luta brava da cidade.
Na mão a garrafa branca
não tem tempo de dizer
as coisas que lhe atribuo
nem o moço leiteiro ignaro,
morador na Rua Namur,
empregado no entreposto
Com 21 anos de idade,
sabe lá o que seja impulso
de humana compreensão.
E já que tem pressa, o corpo
vai deixando à beira das casas
uma pequena mercadoria.
E como a porta dos fundos
também escondesse gente
que aspira ao pouco de leite
disponível em nosso tempo,
avancemos por esse beco,
peguemos o corredor,
depositemos o litro...
Sem fazer barulho, é claro,
que barulho nada resolve.
Meu leiteiro tão sutil
de passo maneiro e leve,

antes desliza que marcha.
 É certo que algum rumor
 sempre se faz: passo errado,
 vaso de flor no caminho,
 cão latindo por princípio,
 ou um gato quizilento.
 E há sempre um senhor que acorda,
 resmungando e torna a dormir.
 Mas este entrou em pânico
 (ladrões infestam o bairro),
 não quis saber de mais nada.
 O revólver da gaveta
 saltou para sua mão.
 Ladrão? se pega com tiro.
 Os tiros na madrugada
 liquidaram meu leiteiro.
 Se era noivo, se era virgem,
 se era alegre, se era bom,
 não sei,
 é tarde para saber.
 Mas o homem perdeu o sono
 de todo, e foge pra rua.
 Meu Deus, matei um inocente.
 Bala que mata gatuno
 também serve pra furto
 a vida de nosso irmão.
 Quem quiser que chame médico,
 polícia não bota a mão
 neste filho de meu pai.
 Está salva a propriedade.
 A noite geral prossegue,
 a manhã custa a chegar,
 mas o leiteiro
 estatelado, ao relento,
 perdeu a pressa que tinha.
 Da garrafa estilhaçada
 no ladrilho já sereno
 escorre uma coisa espessa
 que é leite, sangue... não sei
 Por entre objetos confusos,
 mal redimidos da noite,
 duas cores se procuram,
 suavemente se tocam,
 amorosamente se enlaçam,
 formando um terceiro tom
 a que chamamos aurora.

O poema *Morte do leiteiro* encontra-se no livro *A rosa do povo*, (DRUMMOND, 1988, p. 131), publicado em 1945, e considerado o clímax da poesia participante do poeta mineiro, esse poeta que se confessa dividido entre um extremo individualismo e um desejo imenso de sair de si mesmo para estar de *Mãos dadas* com os homens de seu tempo.

Essa inquietante lírica de Drummond, de certa forma, reflete a tensão do intelectual burguês brasileiro quando se propõe a dar a sua voz poética àqueles de outra classe social: consciente da impossibilidade de verdadeiramente revolucionar a sociedade, cabe-lhe, entretanto, a faculdade de descortinar-lhe as injustiças como o fez ao deixar que matassem o leiteiro que, morto no exercício mesmo do seu trabalho, emblematicamente, o conceito de propriedade e a lógica da violência expressa no senso comum da lenda que “ladrão se mata com tiro”.

DE FATO, FANTASMA
 NUMA CIDADE DE PEDRA
 E DE DINHEIRO, O
 POETA LUTA CONTRA
 A PROPAGANDA, A
 BARBÁRIE DESTA
 “COLEÇÃO DE OBJETOS
 DE NÃO AMOR”, COMO
 DIZIA DRUMMOND,
 AO CONSTATAR
 A PERVERSÃO DE
 NOSSOS TEMPOS QUE
 TRANSFORMAM O FRUTO
 DO TRABALHO EM
 MERCADORIA E O CORPO
 DO INDIVÍDUO EM MÃO
 DE OBRA SEM NOME,
 NEM ROSTO...

ESSA INQUIETANTE
LÍRICA DE DRUMMOND,
DE CERTA FORMA,
REFLETE A TENSÃO DO
INTELLECTUAL BURGUE
BRASILEIRO QUANDO SE
PROPÕE A DAR A SUA
VOZ POÉTICA ÀQUELES
DE OUTRA CLASSE
SOCIAL: CONSCIENTE
DA IMPOSSIBILIDADE
DE VERDADEIRAMENTE
REVOLUCIONAR A
SOCIEDADE, CABE-
LHE, ENTRETANTO,
A FACULDADE DE
DESCORTINAR-LHE AS
INJUSTIÇAS.

Apesar de confessar nada saber sobre o leiteiro “Se era noivo, se era virgem, se era alegre, se era bom...” o poeta aproxima-se solidariamente desse outro tão distante de sua classe, a ponto de nomeá-lo “meu leiteiro/tão sutil/de passo maneiro e leve”. Para ele, constrói a utopia dessa aurora mesclada de leite e sangue, metáfora que possa, talvez, anunciar novos tempos, tempos outros, em que suavemente as pessoas se toquem, amorosamente se enlacem, ou, como desejava Mário de Andrade, no final daquela palestra com a qual iniciamos e agora encerramos também o nosso texto:

Se de alguma coisa pode valer o meu desgosto, a insatisfação que eu me causo, que os outros não sentem assim na beira do caminho, espiando a multidão passar, façam ou se recusem a fazer arte, ciências, ofícios. Mas não fiquem apenas nisso, espões da vida, camuflados em técnicos de vida, espiando a multidão passar. Marchem com as multidões. (ANDRADE, 1972, p. 255)

E na senda aberta pelos modernistas, marchando com as multidões, como sonhara Mário de Andrade, a lírica brasileira faz-se porta-voz dos nossos severinos na voz solidária de João Cabral de Melo Neto (1994, p. 345), pois “Um galo sozinho não tece uma manhã/ele precisará sempre de outros galos”, sentimento compartilhado por tantos outros poetas, que, como Ferreira Gullar (1983, p. 441), fizeram do inconformismo sua arma poética, escrevendo aquele poema que

Não se prestará a análises estruturalistas
Não entrará nas antologias oficiais
Obsceno
Como o salário de um trabalhador aposentado
O poema
terá o destino dos que habitam o lado escuro do país
– e espreitam.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Aguilar, 1988.
— “Apresentação”, in ANDRADE, Mário de. A lição do amigo: cartas de Mario de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, anotadas pelo destinatário. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Ed. , 1982.
ANDRADE, Mário de. A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, anotadas pelo destinatário. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Ed. , 1982.
— Aspectos da literatura brasileira, São Paulo: Livraria Martins Ed. , 1972.
— Poesias completas: edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1987.
BANDEIRA, Manuel. Poesia e prosa (dois volumes), Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1958.
BOSI, Alfredo. O ser e o tempo na poesia. São Paulo: Cultrix, 1983.
CANDIDO, Antonio. Iniciação à Literatura Brasileira, São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999.
GULLAR, Ferreira. Toda poesia. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1983.
MELO NETO, João Cabral de. Obra completa. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1994.
PAZ, Octavio. O arco e a lira, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. Tradução de Olga Savary.

SEMINÁRIO

OS TRABALHADORES NA

Literatura
BRASILEIRA



GEORGINA MARTINS, TANIA CLEMENTE, CRISTINA PRATES E REGINA LUCIA R. TAVARES

Dia 8 de novembro de 2008

Zenir Reis



PROFESSOR DE LITERATURA
BRASILEIRA NA FFLCH/USP

O TRABALHO DO CAPITAL: “S. BERNARDO”, DE GRACILIANO RAMOS

O TÍTULO E A TROCA

Em 1932, Graciliano Ramos começou a escrever os primeiros capítulos de *S. Bernardo*, retomada e desenvolvimento de sua novela intitulada *A carta* (de 1924), “que só então se animara a tirar da gaveta”¹.

A novela não se conservou e não dispomos de elementos para recuperar o processo de elaboração do romance. Podemos, no entanto, extrair desta informação genética, importante pista de leitura: os dois títulos, o do conto abandonado e o do romance - pelo qual finalmente se decidiu - revelam os dois núcleos em torno dos quais se organiza o argumento e a ênfase com que foram tratados. O título escolhido, *S. Bernardo*, enfatiza a narrativa da aquisição, valorização e crise da fazenda que tem este nome. Se tivesse optado por *A carta*, encorpar-se-ia a relação entre Paulo Honório e Madalena, o complexo caso de amor do livro. A “carta” movimenta apenas o capítulo 31, já no final do romance de 36 capítulos. Certamente os dois núcleos se entrelaçam, com finas alusões semeadas ao longo da narrativa. Isto, não obstante, a presente leitura vai privilegiar o primeiro núcleo.

Paulo Honório, como narrador, recorta e move as figuras. O artifício literário de que Graciliano Ramos se vale é aquele mesmo que ele reconhece e aponta em *Neblina*, de José Carlos Cavalcanti Borges: manter-se fiel ao caráter e ao espírito, mas simular a escrita da personagem, escrever como ela escreveria, se soubesse. Não deixa de ser curioso o fato de alguns críticos literários misturarem exigência de verdade ao critério literário de verossimilhança: indagam como poderia Paulo Honório escrever o romance de Graciliano Ramos. Paulo Honório é personagem-autor, mas, antes de tudo, é personagem, isto é, criação verbal de um autor empírico, mentira plausível.

Com clara consciência construtiva, Graciliano leitor, em júri de concurso literário, encontra a mesma técnica no conto *Coração de D. Iaiá*, de *Neblina*, fixação escrita das “cartas que D. Iaiá faria, se soubesse escrever”².

¹ BARBOSA, FRANCISCO DE ASSIS. “50 ANOS DE GRACILIANO RAMOS”, EM HOMENAGEM A GRACILIANO RAMOS. RIO DE JANEIRO (ALBA) 1943, p. 48-49.

² RAMOS, GRACILIANO, “JUSTIFICAÇÃO DE VOTO”, EM BORGES, JOSÉ CARLOS CAVALCANTI. NEBLINA (CONTOS), CURITIBA, GUAÍRA, S.D., p. 11-12.

A VOZ DO DONO E O DONO DA VOZ

“Antes de iniciar este livro, imaginei construí-lo pela divisão do trabalho. Dirigi-me a alguns amigos e quase todos consentiram de boa vontade em contribuir para o desenvolvimento das letras nacionais. Padre Silvestre ficaria com a parte moral e as citações latinas; João Nogueira aceitou a pontuação, a ortografia e a sintaxe; prometi ao Arquimedes a composição tipográfica; para a composição literária, convidei Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, redator e diretor do *Cruzeiro*. Eu traçaria o plano, introduziria na história rudimentos de agricultura e pecuária, faria as despesas e poria o meu nome na capa”.

O tom desta fala nos é familiar e podemos até imaginar como soaria, lida em voz alta: vem de muito longe, mas está preservado na dicção dos que, ainda hoje, detêm o poder, seja o político, seja o econômico, ou normalmente os dois, associados. A fluência pertence ao patrão, ambigualmente denominado “amigo”. Nesta condição, ele não conhece dúvida nem admite réplica ou questionamento. “Toda gente sabe quanto é agradável não ter dúvidas”, diz um personagem de Dostoiévski. A certeza é tamanha, que ele não imagina como alguém poderia pensar e se exprimir de outra maneira. Expressa a certeza do que está dito, de longa data, o ditado: “cada macaco no seu galho”. É o saber congelado, a que se atribui validade universal e atemporal.

O teor do discurso combina com o tom: lemos no segundo parágrafo o desdobramento admirável do processo da divisão de trabalho, na sua forma capitalista, em seus traços fundamentais: a separação entre planejamento e execução (“para mil braços, basta um único espírito”, já prenunciava Fausto, que conhecia bem o trabalho escravo); o trabalho social combinado com o financiamento privado da produção, acompanhado da apropriação também privada do resultado do trabalho coletivo.

Sublinhando tudo, está ali figurada a conquista das consciências dos “colaboradores”: o dono apresenta a tarefa sob a face do “desenvolvimento das letras nacionais”. O sintagma associa duas grandes motivações, ambas distantes da tarefa imediata e miúda: a “desenvolvimentista” (“progressista”, como também se dizia) e a patriótica ou “nacionalista”. Diz ele que os amigos/colaboradores “consentiram de boa vontade”. Obtém o “consentimento” e a “boa vontade” associando à tarefa imediata a motivação subjetiva, vinculada a dois temas ideológicos.

Para aliciar Madalena a aceitar trabalhar na fazenda S. Bernardo, diz Gondim: “Arrumo-lhe a paisagem, a poesia do campo, a simplicidade das almas. E se ela não se convencer, sapeco-lhe um bocado de patriotismo por cima” (cap. 14, fim).

Com a perspectiva de tempo de que dispomos, podemos nomear com precisão este processo histórico: é o modo fordista (o termo foi forjado em 1916) de administrar o trabalho nas fábricas, estendendo-se para as instituições sociais. Este modelo vive uma crise, nos dias atuais, mas apenas começava a impor-se no Brasil de 1920-1930, tempo da ação romanesca. Mesmo nas cidades a vida fabril era recente. Quanto à zona rural, Graciliano Ramos escreve, anos mais tarde, referindo-se à análise proposta pelo Partido Comunista do Brasil, no programa da Aliança Libertadora Nacional: “Não podemos admitir, como se tem feito, o regime feudal nesses lugares (na zona de criação do Nordeste): o que lá existe é ainda o patriarcado bíblico”³.

Procedimento semelhante, em outro nível, vinha sendo praticado pelos “capitães da indústria” dos países desenvolvidos, desde o século XIX. Além de “capitães da indústria”, estavam-se tornando, pela manipulação da publicidade, “capitães das consciências”, no dizer de um estudioso⁴. Manifesta na esfera da produção, em que se tratava de conseguir a adesão subjetiva do trabalhador assalariado, a publicidade transbordava para a esfera da circulação dos bens produzidos em escala, para grandes massas de “consumidores”.

Paulo Honório introduz, na propriedade rural, a fazenda S. Bernardo, uma disciplina calcada no modelo fabril fordista.

Graciliano Ramos tinha plena consciência da construção literária que estava propondo e da necessidade de buscar elementos adequados à caracterização psicológica do personagem, na vida e na expressão escrita. Ao idealizar o narrador e protagonista, Paulo Honório, estava dando voz ao empresário rural que adquiriu, com a propriedade, a consciência do proprietário. Nas suas palavras: “o enxadeiro largava o eito,

³ RAMOS, GRACILIANO.

MEMÓRIAS DO CÁRCERE. RIO DE JANEIRO, JOSÉ OLYMPIO, 1953, 1^o VOL., CAP. 9, P. 72.

⁴ STUART EWEN. CONSCIENCES SOUS INFLUENCE: PUBLICITÉ ET GENÈSE DE LA SOCIÉTÉ DE CONSOMMATION. PARIS, AUBIER, 1983.

arranjava empréstimo, economizava indecente, curti a fome, embrenhava-se em furtos legais, chegava a proprietário e adquiria o pensamento e os modos do explorador”⁵.

Disponha do modelo dos coronéis nordestinos: pensava, por exemplo, em “um criminoso, resumo de certos proprietários rijos existentes no Nordeste”⁶.

Delmiro Gouveia (1863-1917), explicitamente citado no romance, poderia fornecer o molde: sertanejo, iniciou a vida vendendo peles de bode, e chegou a empreendedor industrial. O itinerário dele seria traçado em *Recordações de uma indústria morta*, crônica originalmente publicada na revista do Estado Novo, *Cultura política*, e posteriormente incluída em *Viventes das Alagoas*.

Mas foi o próprio Henry Ford (1863-1947) coadjuvado por Frederick Taylor (1856-1915) que, na prática e na teoria, desenvolveu o sistema acabado de um empreendimento complexo, em uma indústria de ponta, para a época: a indústria automobilística. Charlie Chaplin, em 1936, com *Tempos Modernos*, estilizará com viés crítico a imagem do sistema.

Henry Ford era figura mundialmente conhecida, mas cabe lembrar, para o caso específico do Brasil, pelo menos dois fatos: a tentativa de Henry Ford de instalar na Amazônia verdadeira colônia, a Fordlândia, a partir de projeto industrial de produção de componentes de borracha para a indústria automobilística. Iniciado em 1926 com a compra de terrenos, foi abandonado em 1945, com a revenda das terras ao governo brasileiro. A ambição era ampla: ser o maior produtor de borracha do mundo. A crônica da borracha no Brasil é conhecida. O projeto fracassou, com o contrabando das sementes da seringueira e a produção da borracha em larga escala na Malásia, além do desenvolvimento de produtos sintéticos.

Do ponto de vista da divulgação das ideias e dos métodos de trabalho de Ford, Monteiro Lobato, admirador do industrial, teve papel destacado. Escritor e editor, traduziu e publicou obras de Henry Ford, em 1926 (*Minha vida e minha obra*) e 1927 (*Hoje e amanhã*), além de escrever artigos sobre o empresário que revolucionou a indústria automobilística e os métodos de trabalho fabril. Mesmo para o leitor que só dominasse a língua portuguesa, a informação estava disponível, com as traduções e artigos de Lobato.

OS CAMINHOS DA PROSPERIDADE

A literatura brasileira, desde o século XIX, vinha mapeando os caminhos de acesso à riqueza e ao poder. Um desses caminhos passava pela herança. A herança, seja por linha de descendência, seja por legado, conta com numerosos exemplos, desde José de Alencar, passando por Machado de Assis. O acaso, a boa sorte, o crime (*O enfermeiro*, de Machado de Assis), pequenos ilícitos, fornecem outros tantos modelos. Na realidade, tratava-se de um atalho, que eximia o romancista da tarefa de narrar o processo pessoal e histórico da aquisição e acumulação da riqueza. Talvez o primeiro romance em que estas preliminares são explicitadas seja *O cortiço*. O trabalho e a poupança, combinado com pequenos furtos e a exploração da força de trabalho alheio fornece o argumento de *O cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo e história a prosperidade de João Romão.

S. Bernardo ressuscita e atualiza o expediente. Paulo Honório recapitula em rápida resenha os antecedentes que o transformaram de trabalhador no eito em comerciante e de comerciante em proprietário rural. Neste caminho, o recurso à violência surge e amiúda-se. Trabalho e poupança, certamente, mas acompanhado da violência física, direta ou por delegação, a partir do momento em que cresce o volume dos negócios. O acerto de contas com Dr. Sampaio é coadjuvado por “uns rapazes”, arregimentados para a tarefa. Destaca-se no episódio Casimiro Lopes, que passa a acompanhar definitivamente Paulo Honório: “É corajoso, laça, rasteja, tem faro de cão e fidelidade de cão”, conclui o terceiro capítulo. Em nenhum momento do romance este guardião da propriedade alheia aparece como “capanga” ou “jagunço”. Ele surge quase como um desdobraimento ou um duplo de Paulo Honório. É o braço armado do proprietário e pratica, sem pensar, os atos criminosos idealizados pelo patrão. Hoje em dia, talvez fosse chamado de “assessor de segurança”. De eventual e temporária passa a fator estrutural da atividade econômica.

PAULO HONÓRIO
RECAPITULA EM
RÁPIDA RESENHA OS
ANTECEDENTES QUE O
TRANSFORMARAM DE
TRABALHADOR NO EITO
EM COMERCIANTE E
DE COMERCIANTE EM
PROPRIETÁRIO RURAL.
NESTE CAMINHO, O
RECURSO À VIOLÊNCIA
SURGE E AMIÚDA-SE.
TRABALHO E POUPANÇA,
CERTAMENTE, MAS
ACOMPANHADO DA
VIOLÊNCIA FÍSICA,
DIRETA OU POR
DELEGAÇÃO, A PARTIR
DO MOMENTO EM QUE
CRESCER O VOLUME DOS
NEGÓCIOS.

⁵ RAMOS, GRACILIANO. MEMÓRIAS DO CÁRCERE. RIO DE JANEIRO, JOSÉ OLYMPIO, 1953-1954, v. II, CAP. 8, P. 62, 66-67.
⁶ JORNAL DE LETRAS, RIO DE JANEIRO, DEZ. 1949, P. 2.

EM NENHUM
MOMENTO DO
ROMANCE ESTE
GUARDIÃO DA
PROPRIEDADE ALHEIA
APARECE COMO
“CAPANGA” OU
“JAGUNÇO”. ELE
SURGE QUASE COMO
UM DESDOBRAMENTO
OU UM DUPLO DE
PAULO HONÓRIO.
É O BRAÇO ARMADO
DO PROPRIETÁRIO E
PRÁTICA, SEM PENSAR,
OS ATOS CRIMINOSOS
IDEALIZADOS PELO
PATRÃO. HOJE EM DIA,
TALVEZ FOSSE CHAMADO
DE “ASSESSOR DE
SEGURANÇA”.

Aqui surge também a figura do herdeiro, mas sob uma ótica amesquinhada neste romance inovador, também por este motivo: Luís Padilha, herdeiro de Salustiano Padilha, o antigo proprietário da fazenda, exhibe-se, no início do romance, degradado pelo ócio e pelo álcool. Luís Padilha guarda afinidade com outro Luís, Luís da Silva, de *Angústia*, ambos descendentes pelo caráter de outro herdeiro, este do mundo rural da velha Rússia, *Oblomov* (1858), o anti-herói de Ivan Aleksandrovich Gontcharov (1812-1891).

Com outra perspectiva, outros romancistas pensaram as gerações de proprietários numa linha de continuidade e não de ruptura, como se sugere na obra de Graciliano Ramos. Existem aqueles herdeiros, no romance do mundo rural brasileiro - *A família Medeiros* (1892), de Júlia Lopes de Almeida; *A bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida, entre outros -, em que a nova geração, os filhos dos antigos senhores sertanejos, às vezes tirânicos, ainda afeitos a práticas do tempo da escravidão, abolida apenas recentemente, apresentam-se como agentes de certa modernidade conservadora: praticam relações trabalhistas mais generosas, até com a prática da caridade e do assistencialismo e pensam a propriedade mais inserida nas necessidades dos tempos mais recentes.

Luís Padilha, ridicularizado pela sua incompetência, ingenuidade e vício, perde a fazenda para o astuto negociante e futuro empreendedor, que tem objetivos claros, perseguindo-os com métodos pouco ortodoxos. Ao longo do romance, no entanto, o antigo herdeiro, reduzido à condição de trabalhador, a soldo de Paulo Honório, passa por um processo de reeducação e mudança em que se vislumbra o resgate de sua dignidade.

A TRANSMISSÃO DA PROPRIEDADE

Quando Paulo Honório pensa em casamento, não cogita inicialmente em amor. Alimenta, isto sim, a ideia de, mediante o matrimônio, garantir o futuro do patrimônio numa linha de sucessão, aliás por ele mesmo rompida, quando subtraiu das mãos de Luís Padilha o patrimônio herdado por este de Salustiano Padilha. Escreve: “Não me sentia (...) inclinado para nenhuma (mulher conhecida): o que sentia era desejo de preparar um herdeiro para as terras de S. Bernardo”. (Cap. 11).

A paixão inesperada e súbita por Madalena, narrada no capítulo 12, as gestões de Paulo Honório para se fazer aceite e, por fim, o casamento consumado no 17 não inibem a fala aparentemente ditada exclusivamente pela razão utilitária: Qual reciprocidade! Pieguice. Se o casal for bom, os filhos saem bons; se for ruim, os filhos não prestam. A vontade dos pais não tira nem pão. Conheço o meu manual de zootecnia (Cap. 15).

Tendo instrumentalizado, a partir do núcleo da fazenda-empresa, os serviços de que necessitava, incluídos aí os funcionários de colarinho branco, como o advogado João Nogueira; o juiz Dr. Magalhães; o jornalista Gondim; Padre Silvestre; o guarda-livros, seu Ribeiro; proprietário às antigas, empregando Luís Padilha, como professor de primeiras letras para os trabalhadores, não espera de Madalena nada mais que o ventre para gerar um herdeiro.

Mas ela o surpreende: percorre a propriedade e toma conhecimento da condição dos trabalhadores do eito com suas famílias, avalia os recursos da escola, até então aos cuidados exclusivos de Padilha, confere o trabalho do contador, seu Ribeiro. Deste conhecimento, julga que é um direito e um dever a sua intervenção para contribuir para a melhoria das condições do trabalho e dos trabalhadores e de seus familiares.

Sugere a Paulo Honório propostas de iniciativa patronal que antecipariam reivindicações avançadas para os anos finais da década de 20 do século passado: cuidados médicos a doentes e inválidos, assistência na velhice, repouso semanal. Paralelamente, exercia a caridade, doando roupas usadas e danificadas. Paulo Honório se opõe (Uma doença qualquer e é isto: adiantamentos, remédios. Vai-se o lucro todo), embora ceda às vezes: mande o que for necessário. Mande meia cuia de farinha, mande uns litros de feijão. É dinheiro perdido (final do capítulo 17).

Paulo Honório está atento, além das considerações de ordem monetária, também

ao cuidado com o aspecto psicológico ou psicossocial da atuação da esposa: Madalena (...) tinha oferecido à Rosa um vestido de seda. É verdade que o vestido tinha um rasgão. Mas era disparate. § “– Deitasse fora (...). Se estava estragado, era deitar fora. Não é pelo prejuízo, é pelo desarranjo que traz a esse povinho um vestido de seda”. (Cap. 23).

Quando se vê contestado na condição de proprietário, por um discurso de Luís Padilha, Paulo Honório se destempera, tem um primeiro movimento de demitir os trabalhadores que o questionam. Volta atrás, por intercessão de Rosa, mulher de Marciano e amante do patrão. “À noite, reuni Marciano e Padilha na sala de jantar, berrei um sermão comprido para demonstrar que era eu que trabalhava para eles. Mas atrapei-me e contentei-me com injuriá-los” (Cap. 11). O poder dispensa argumentos, como se lê na exemplar fábula do escravo Esopo, retomada por Fedro, outro escravo, “O lobo e o cordeiro”.

Paulo Honório conhece a necessidade do controle das mentes, complementar ao constrangimento econômico que a posse da terra e do capital lhe confere. O apelo à religião faz parte do cabedal destes instrumentos de domesticação: “A verdade é que não me preocupo muito com o outro mundo. Admito Deus, pagador celeste dos meus trabalhadores, mal remunerados cá na terra, e admito o diabo, futuro carrasco do ladrão que me furtou uma faca de raça” (Cap. 24).

As propostas de Madalena em favor dos trabalhadores, que o proprietário tacha de socialistas ou comunistas, estavam na pauta do momento. Muitas delas figuravam na doutrina social da Igreja, desde a encíclica *Rerum novarum*, de Leão XIII, em 1891, sobre a condição dos trabalhadores. Pio XI, em *Quadragesimo Anno*, de 1931, atualizaria as propostas, levando em conta as transformações da sociedade capitalista e, talvez, a crise financeira mundial, sucessiva à queda da bolsa de Wall Street, em 1929. Ambas as encíclicas, cada uma em seu contexto, levantam forte barreira doutrinária contra o socialismo e o comunismo⁷. Nada subversivo, a não ser para a mentalidade do empresário, no entanto “moderno”, tomando como referência a prática da propriedade rural tradicional no Brasil dos anos 20. E, de fato, elas seriam atendidas pela política trabalhista de Vargas, depois da Revolução de 1930, com leis que se incorporaram à Constituição de 1934 e, finalmente, à Consolidação das Leis do Trabalho, de 1º de maio de 1943. O ministro do trabalho de Vargas, numa das alocuções dirigidas aos trabalhadores, no programa oficial *A voz do Brasil*, em 1941, dedica uma fala à cinquentenária encíclica de Leão XIII, naturalmente encarecendo as qualidades visionárias do presidente da República, cuja legislação social teria atendido aos reclamos do papa⁸.

CONTRAPONTO: SEU RIBEIRO, DONA GLÓRIA E MÃE MARGARIDA

A história de seu Ribeiro, narrativa encaixada no romance, ocupa todo o Capítulo 7 e fornece espécie de utopia regressiva identificada com o Brasil Império, em que as necessidades restritas, coerentes com um meio acanhado, comunitário, são facilmente satisfeitas. Utopia que chega até mesmo à esfera étnica: “E os pretos não sabiam que eram pretos, e os brancos não sabiam que eram brancos”. Mas vem o “progresso”, multiplicam-se as necessidades, elas já não podem ser atendidas com os recursos do meio, modesto, e provoca a dispersão da comunidade familiar e pública e o êxodo do velho patriarca, agora, contador, na fazenda S. Bernardo.

Outro modelo utópico, também fundado na restrição ao “essencial”, vem figurado na personagem mãe Margarida. Ela limita suas necessidades a uma esteira, o fogo e a um pote. Mas reivindica: – Queria também um tacho. O outro furtaram.

A reivindicação mergulha Paulo Honório numa reminiscência lírica, que será reite-rada nas cenas finais do livro:

“Lembrei-me do tacho velho, que era o centro da pequenina casa onde vivíamos. Mexi-me em redor dele vários anos, lavei-o, tirei-lhe com areia e cinza as manchas de azinhavre - e dele recebi sustento. Margarida utilizou-o durante quase toda a vida. Ou foi ele que a utilizou. Agora, decrépita, não podia ser doceira, e aquele traste se tornava inteiramente desnecessário”. (Cap. 10).

⁷ DE SANCTIS, FREI ANTONIO, ORG. ENCÍCLICAS E DOCUMENTOS SOCIAIS. DA RERUM NOVARUM À OCTOGÉSIMA ADVENIENS. SÃO PAULO, LTR EDITORA LIMITADA, 1972.

⁸ Cf. ALEXANDRE MARCONDES FILHO, GETÚLIO VARGAS. TRABALHADORES DO BRASIL, RERUM NOVARUM. EDIÇÃO ELETRÔNICA DISPONÍVEL NA INTERNET, P. 99-103.

Às necessidades materiais imediatas, sono, alimento, água e calor, acrescenta-se esta necessidade simbólica, de reencontrar um centro. A busca por Margarida, a instalação dela numa casinha da fazenda, os cuidados de Paulo Honório preenchem também uma necessidade análoga, do homem desenraizado, que não conhecia pai nem mãe sequer de nome, ele próprio raiz precariamente plantada.

No primeiro volume das *Memórias do cárcere*, no Capítulo 15, lemos:

Não supunha os homens bons nem maus: julgava-os sofríveis, pouco mais ou menos razoáveis, naturalmente escravos dos seus interesses. Sem dúvida: uma razão miúda, variável com as circunstâncias, e o egoísmo natural: dormir, comer, amar, reproduzir-se; um pouco acima disto, avaliar quadros e livros, inspirar respeito, mandar.⁹

A passagem do capítulo 10 evoca trecho de crônica de Rubem Braga, com surpreendente similaridade. Trata de um funileiro ambulante que, em Copacabana, oferece tachos de cobre de porta em porta, na grande metrópole do Rio de Janeiro. O cronista pensa em encomendar um, mas considera:

O grande e belo tacho de cobre que eu desejo, ele não poderia fazê-lo; ninguém o poderia. Não é apenas um objeto de metal, é o centro de muitas cenas perdidas, e a distância no tempo o faz quase sagrado, como se o fogo vermelho e grosso em que se faziam as goiabadas cheirosas fossem as chamas da pira de um rito esquecido. Em volta desse tacho há sombras queridas que sumiram, e vozes que se apagaram. As mãos diligentes que areavam o metal belo também já secaram, mortas. (Maio, 1949).¹⁰

A história de dona Glória, contada por Madalena no Capítulo 22, é a de um fracasso e, por isto, não suscita a simpatia de Paulo Honório. Chega a aborrecê-lo. No entanto, a conserva. Interessa como exemplaridade negativa. Narra os esforços de uma mulher pobre, numa cidade grande, vivendo das ocupações miúdas e pouco valorizadas, acessíveis ao seu grau de escolaridade e de iniciativa, incapaz de canalizar de modo mais rentável o trabalho disperso.

BALANÇO POSSÍVEL: A PROPRIEDADE E O PROPRIETÁRIO

“*Sit erranti medicina confessio*”, “que a confissão seja o medicamento de quem erra”, recomendava Cícero (*Epistola ad Octavium*). “Julgo que me desnorteei numa errada”, declara Paulo Honório, depois do suicídio de Madalena e dos reflexos da Revolução de 1930 nos negócios da fazenda. Dois anos passados, considera: Se tivesse continuado a arear o tacho de cobre da velha Margarida, eu e ela teríamos uma existência quieta. Falaríamos pouco, pensaríamos pouco, e à noite, na esteira, depois do café com rapadura, rezaríamos rezas africanas, na graça de Deus.

Graciliano sempre me surpreende e me comove. Leio dezenas de vezes os textos e verifico que não havia percebido o cuidado com os mínimos pormenores, do homem sensível às ciladas que espreitam o pobre, nas ameaças à sua sobrevivência material e à sua identidade como pessoa. Observe-se esta combinação das “rezas africanas” e a “graça de Deus”. Ainda temos o que aprender nestes arremedos de fundamentalismo que presenciamos nos dias atuais.

Se não tivesse ferido o João Fagundes, se tivesse casado com a Germana, possuiria meia dúzia de cavalos, um pequeno cercado de capim, encerados, cangalhas, seria um bom almocreve. Teria crédito para comprar cem mil-réis de fazenda nas lojas da cidade e pelas quatro festas do ano a mulher e os meninos vestiriam roupa nova. Os meus desejos percorreriam uma órbita acanhada. Não me atormentariam preocupações excessivas, não ofenderia ninguém. E, em manhãs de inverno, tangendo os cargueiros, dando estalos com o buranhém, de alpercatas, chapéu de ouricuri, alguns níqueis na capanga, beberia um gole de cachaça para espantar o frio e cantaria por estes caminhos, alegre como um desgraçado (...)

Penso no povoado onde seu Ribeiro morou, há meio século. Seu Ribeiro acumulava, sem dúvida, mas não acumulava para ele. Tinha uma casa grande, sempre cheia, o

GRACILIANO SEMPRE
ME SURPREENDE E ME
COMOVE. LEIO DEZENAS
DE VEZES OS TEXTOS
E VERIFICO QUE NÃO
HAVIA PERCEBIDO
O CUIDADO COM OS
MÍNIMOS PORMENORES,
DO HOMEM SENSÍVEL ÀS
CILADAS QUE ESPREITAM
O POBRE, NAS AMEAÇAS
À SUA SOBREVIVÊNCIA
MATERIAL E À SUA
IDENTIDADE COMO
PESSOA. OBSERVE-SE
ESTA COMBINAÇÃO DAS
“REZAS AFRICANAS” E
A “GRAÇA DE DEUS”.
AINDA TEMOS O QUE
APRENDER NESTES
ARREMEDOS DE
FUNDAMENTALISMO QUE
PRESENCIAMOS NOS
DIAS ATUAIS.

⁹ RAMOS, GRACILIANO.

MEMÓRIAS DO CÁRCERE.

1º VOL., VIAGENS. RIO DE JANEIRO,

LIVRARIA JOSÉ

OLYMPIO, 1953, p. 108.

¹⁰ BRAGA, RUBEM. “O

FUNILEIRO”, EM O HOMEM ROUCO.

2ª ED., RIO DE JANEIRO, EDITORA

DO AUTOR, 1963, p. 177-178.

jirimum caboclo apodrecia na roça - e por aquelas beiradas ninguém tinha fome. Imagino-me vivendo no tempo da monarquia, à sombra de seu Ribeiro. Não sei ler, não conheço iluminação elétrica nem telefone. Para me exprimir recorro a muita perífrase e muita gesticulação. Tenho, como todo o mundo, uma candeia de azeite, que não serve para nada, porque à noite a gente dorme. Podem rebentar centenas de revoluções. Não receberei notícia delas. Provavelmente sou um sujeito feliz. (Cap. 36).

O projeto de ganhar dinheiro bateu no muro da intransitividade: excetuada a capacidade de acumular e reaplicar o capital, a humanização pelo amor foi impossível. Paulo Honório esbarrou no mesmo limite do seu antecessor mítico, o rei Midas, que via tudo transformado em ouro, mesmo o alimento de que carecia e a mulher que amava. O jovem Lukács, aliás, lhe dedicou um conto, datado em 18 de novembro de 1908. No conto, Midas morreu ignorando ter resgatado a própria humanidade. Foi encontrado morto, ao pé de ciprestes: “Estava deitado, rígido, imóvel, os braços largamente separados da cabeça, e, na mão direita, tinha um lírio branco, que deve ter arrancado da terra nos seus últimos instantes. § E a branca flor estava apenas murcha, mas não se tinha mudado em ouro na sua mão”¹¹.

Ao sonhar com a “vida simples”, ao lado de mãe Margarida, Paulo Honório projeta uma utopia que se poderia chamar de “cínica”. Mas Alexandre Magno venceu largamente Diógenes, o Cão, no longo curso da História.

A utopia regressiva da comunidade e da monarquia recorta um *locus amoenus* talvez inexistente na realidade, mas com os traços da generosidade e da fraternidade humanas, jamais realizados. Conserva, no entanto, o poder do sonho que, partilhado, um dia ainda poderá materializar-se em ação coletiva.

A saudade de tempos que parecem mais humanos nunca é reacionária¹².

¹¹ LUKÁCS, GYÖRGY. LA LÉGENDE DU ROI MIDAS. EUROPE. REVUE LITTÉRAIRE MENSUELLE. PARIS, LES ÉDITEURS FRANÇAIS RÉUNIS, AVRIL 1979, p. 105-113

¹² BOSI, ALFREDO. O SER E O TEMPO DA POESIA. SÃO PAULO, EDITORA CULTRIX, 1977, p.153.

Georgina Martins



PROFESSORA DE PÓS-GRADUAÇÃO
DE LITERATURA INFANTIL E
JUVENIL/UFRJ E ESCRITORA DE
LIVROS PARA CRIANÇAS E JOVENS

TRABALHO E INFÂNCIA NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Há muito que sabemos ser o conceito de infância, tal qual é conhecido hoje por toda a humanidade, uma reinvenção da modernidade ocidental. O cuidado, o interesse e a preocupação com os pequeninos seres a que chamamos crianças foram forjados a partir do século XVII, principalmente na França e na Inglaterra, países que, diante das inúmeras atrocidades cometidas contra as crianças, se viram obrigados, não só a cuidar das suas, como ainda a refletir sobre o lugar que a infância deveria ocupar naquele cenário recém- saído do contexto medieval, período em que a diferença entre adulto e criança restringia-se ao tamanho e a força física, o que levou o historiador Philippe Arries¹ a utilizar a expressão “adultos em miniaturas” para nomear a infância da Idade Média, sobre a qual se debruçou em suas pesquisas.

Dada a morte exagerada de crianças no século XVIII, o Estado francês resolveu protegê-las, criando algumas medidas que pudessem assegurar suas vidas. Parteiras, reconhecidas como feiticeiras brancas e orientadas pelo poder público, tinham a missão de proteger os recém-nascidos. Em função disso, os pais foram proibidos de dormir com os filhos e o aleitamento começou a ser incentivado. No entanto, em paralelo a essas medidas, o Estado, em virtude da facilidade de arregimentar crianças sem família, passou a capitalizar a condição de abandono em que se encontravam as crianças pobres, utilizando-as como mão de obra barata no povoamento de suas colônias, o que acabou por provocar o protesto de vários pensadores, sobretudo os que defendiam as ideias humanistas, como Rousseau, que teve um papel importante nesta discussão, já que defendia a proteção da infância como forma de preservação das famílias.²

O abandono, o trabalho forçado e a violência cometida contra a infância, um século antes de Rousseau, já havia mobilizado, na Inglaterra, o filósofo empirista John Locke, famoso por publicar *Da Educação das Crianças* e que defendia a tese de que a criança era como uma tábula rasa, um papel em branco que deveria ser escrito pelos adultos para transformar-se em um exuberante livro, e que por conta disso necessitava de cuidados especiais. Já o pensador francês defendia que as crianças só cresceriam saudáveis se fossem protegidas contra a rigidez do processo educacional. Rousseau as

¹ ARRIES, PHILIPPE. HISTÓRIA

SOCIAL DA CRIANÇA E DA
FAMÍLIA. RIO DE JANEIRO:
GUANABARA. 1978

² DONZELOT, JACQUES.

A POLÍCIA DAS FAMÍLIAS. RIO
DE JANEIRO: GRADIL, 1986.

NO BRASIL,
O PROCESSO
DE INDUSTRIALIZAÇÃO
DAS GRANDES CAPITALS
NO INÍCIO DO SÉCULO
XX, ASSIM COMO NA
INGLATERRA, COLOCOU
NAS FÁBRICAS MUITOS
MENINOS E MENINAS
OBRIGADOS NÃO SÓ
A CONTRIBUIR PARA
A RENDA DE SEUS
FAMILIARES, COMO,
EM MUITOS CASOS,
A GARANTIR O
SUSTENTO DESSES.

via como um ser importante em si mesmo e não como um meio para se alcançar um fim, como antes pregara Locke³. Teses decisivas sobre a importância desse estágio da vida humana para o pleno desenvolvimento da civilização, que resultaram em formulações que, ora enxergavam a criança como um ser não civilizado, carente da orientação dos adultos para se desenvolver, ora como metáfora da natureza - da planta que deveria crescer, de forma orgânica e natural, sem a interferência rígida do processo educativo.

A fusão dessas duas concepções foi de extrema importância para que as sociedades pudessem forjar um novo conceito sobre a infância; foi a partir dela que virtudes como espontaneidade, pureza, vigor e alegria, domadas por uma disciplina rigorosa, puderam ser reconhecidas e cultuadas como valores intrínsecos e fundamentais do comportamento infantil, ideia que passou a nortear, não só a educação, como também toda produção impressa, cuja finalidade era a de contribuir para a formação dessa infância que acabava de surgir.

Desse modo, nas páginas de toda a produção destinada à criança começaram a figurar não só regras e conselhos para uma boa educação, como também personagens de um mundo maravilhoso que, por força da tradição oral, pôde ser organizado, compilado e preservado em belíssimas publicações dirigidas a esse novo público, que despontava no cenário da Europa Moderna. Obras moralistas e edificantes foram largamente produzidas nesse período, além de livros de fábulas, de histórias de aventuras, de contos de fadas e livros de gravuras, que se constituíram como importante alimento do imaginário infantil.

Mas, se por um lado, no século XVIII, os europeus se empenhavam em cuidar da infância, por outro, a Revolução Industrial, responsável por arregimentar, na Inglaterra, os filhos dos pobres para o trabalho nas fábricas a partir de quatro anos de idade, fez cair por terra os limites, ainda frágeis, que separavam o mundo infantil do mundo adulto, forjando uma nova geração de adultos em miniaturas, cujas obrigações superavam as mais insólitas tarefas impostas aos personagens dos contos maravilhosos. Fora isso, as punições reservadas às crianças pobres em nada diferiam das dos adultos: podiam ser severamente punidas e até mesmo enforcadas quando pegas em faltas consideradas muito graves.

No Brasil, o processo de industrialização das grandes capitais no início do século XX, assim como na Inglaterra, colocou nas fábricas muitos meninos e meninas obrigados não só a contribuir para a renda de seus familiares, como, em muitos casos, a garantir o sustento desses. Somente no Estado de São Paulo, no ano de 1919, 37% da mão de obra nas fábricas têxteis era de crianças e adolescentes⁴ comprometidos com uma jornada de trabalho de 9h por dia. Situação que descumpria a Lei Estadual n.º 1.596, do ano de 1917, que estabelecia uma jornada de trabalho de 5h diárias para menores entre 12 e 15 anos.

O Decreto Estadual n.º 233, de 1894, estabelecia que crianças só poderiam trabalhar a partir dos 12 anos. Limite nunca respeitado pelas indústrias que arregimentavam crianças de quase todas as idades, bastava que fossem, segundo parâmetros regidos pela ambição ao lucro, consideradas aptas ao trabalho. Como é o caso da fábrica de tecido Mariângela, do empresário italiano Francisco Matarazzo, que, nesse período, investiu na aquisição de máquinas menores a fim de que seus pequenos trabalhadores pudessem manejá-las com mais destreza.⁵

Apesar disso, aqui no Brasil, também, a construção de uma ideia de infância é herdeira da fusão das teses de Locke e Rousseau, trazidas no século XVI pelos jesuítas, que imbuídos da missão de catequizar aqueles que consideravam selvagens, utilizavam como estratégia de ação, a conquista dos indiozinhos, realizada através da literatura, principalmente da leitura e da representação de autos e recitais de poesia.

Tal qual Flautista de Hamelin, José de Anchieta, principal personagem desse processo, seduzia os indiozinhos para a coroa portuguesa, arrancava-os de casa e os transformava em grandes aliados no processo de aculturação dos pais, conforme trecho de uma carta do próprio jesuíta ao rei de Portugal:

De São Vicente, a 15 de março de 1555

Creio que sabereis estarmos alguns da Companhia em uma terra de Índios, chamada

³ POSTMAN, NEILL.

O DESAPARECIMENTO DA
INFÂNCIA. RIO DE JANEIRO:
GRAPHIA, 2001.

⁴ MOURA, ESMERALDA BLANCO
B. MULHERES E MENORES
NO TRABALHO INDUSTRIAL.
PETRÓPOLIS: VOZES, 1982.

⁵ IDEM, IBIDEM.

Piratininga, cerca de 30 milhas para o interior de São Vicente... Temos uma grande escola de meninos Índios, bem instruídos em leitura, escrita e em bons costumes, os quais abominam de seus progenitores.⁶

Nesse sentido, aqui no Brasil também a literatura destinada à infância, até o início do século XIX, se manteve atrelada às concepções didático-pedagógicas que pensavam a criança como tábula rasa, como cera virgem, passível de ser moldada pelos adultos. Logo, junto com os contos maravilhosos europeus, foram produzidos toda sorte de livros, cujo principal objetivo era inculcar valores edificantes.

Somente com Monteiro Lobato, em 1920, é que essa produção conseguiu se libertar, e o *Sítio do Pica Pau Amarelo* tornou-se um divisor de águas da literatura infantil. Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, passou a representar uma infância que, além de usufruir o direito ao lúdico e à fantasia, no paradisíaco sítio de sua avó, ousava colocar em xeque as certezas do mundo adulto. O que nos permite afirmar que, apesar de não refutar de todo as ideias de Locke, Lobato escolheu as de Rousseau como norte para a criação de suas personagens.

No entanto, a menina do narizinho arrebitado, em nossa avaliação, representou, tão somente, uma parcela muito pequena da infância brasileira, porque a outra, se falarmos apenas de São Paulo, no período compreendido entre a criação e publicação do *Sítio* de Lobato, era incorporada ao trabalho penoso das fábricas. Diferente de Lúcia, as crianças paulistanas pobres não tinham tempo para brincadeiras. Elas participavam de uma outra aventura, que não a do reino das águas claras, mas a do enfrentamento do trabalho pesado e perigoso, que, quando não matava, deixava graves sequelas.

Desse modo, os seres maravilhosos que frequentavam o sítio de Dona Benta sequer chegaram a conhecer essa outra infância que se achava travestida de adulto. Uma infância brasileira que até hoje é muito pouco representada pela literatura infantil, literatura que optou por incorporar, quase que exclusivamente, os elementos líricos de uma infância idealizadamente feliz.

Mas, se a literatura infantil conseguiu libertar-se das amarras do pensamento pedagógico, tornando-se apenas literatura, não podemos dizer o mesmo de uma parcela muito significativa de nossas crianças, até hoje atrelada à sua herança medieval de adultos em miniatura, e que, por conta disso, não pode ser apenas criança; infância que permanece invisível aos olhos de escritores que ainda fazem questão de perpetuar a ideia de uma infância inteiramente idealizada.

Diante disso é que livros como *Serafina e a criança que trabalha*⁷ e *Açúcar amargo*⁸ foram escolhidos para representar essa outra infância que, apesar de não habitar o mundo da fantasia, merece figurar no universo ficcional. Autores como Cristina Porto, Yolanda Huzak, Jô Azevedo e Luiz Puntel, nas obras citadas, não só se dispuseram a pesquisar sobre a dureza do cotidiano de crianças trabalhadoras, como ainda a manipular os elementos dessa realidade para transformá-los em matéria de ficção. Livros que, por hora, nos dispomos a analisar.

SERAFINA E A CRIANÇA QUE TRABALHA

Trata-se de um livro dirigido à criança, cujo foco principal é a denúncia do trabalho infantil. Narrado em primeira pessoa pela menina Serafina, o texto nos coloca em contato com a dura realidade dos pequenos trabalhadores do País. De maneira comovida e ágil, Serafina conta aos seus leitores tudo que aprendeu sobre essa realidade, no livro que sua professora levou para a escola.

Tudo começou com um livro grande, bonito, cheio de fotos coloridas, que a professora levou pra gente ver na classe. Era um livro sobre crianças que trabalham... Foi aí que o livro começou a parecer feio, quero dizer foi aí que a gente começou a perceber que bonito era só o jeito, a forma de mostrar essas crianças...⁹

São histórias de crianças e de suas famílias, recolhidas pela professora, durante uma viagem de pesquisa sobre o tema.

DESSE MODO, OS SERES MARAVILHOSOS QUE FREQUENTAVAM O SÍTIO DE DONA BENTA SEQUER CHEGARAM A CONHECER ESSA OUTRA INFÂNCIA QUE SE ACHAVA TRAVESTIDA DE ADULTO. UMA INFÂNCIA BRASILEIRA QUE ATÉ HOJE É MUITO POUCO REPRESENTADA PELA LITERATURA INFANTIL, LITERATURA QUE OPTOU POR INCORPORAR, QUASE QUE EXCLUSIVAMENTE, OS ELEMENTOS LÍRICOS DE UMA INFÂNCIA IDEALIZADAMENTE FELIZ.

⁶ ANCHIETA, JOSÉ. CARTAS, INFORMAÇÕES, FRAGMENTOS HISTÓRICOS E SERMÕES. BELO HORIZONTE: ÍTATIAIA, 1988, p. 89.

⁷ AZEVEDO, JÔ, ET ALI. SERAFINA E A CRIANÇA QUE TRABALHA. SÃO PAULO: ÁTICA, 1999.

⁸ PUNTEL. LUIZ. AÇÚCAR AMARGO. SÃO PAULO: ÁTICA, 2005.

⁹ AZEVEDO. OP. CIT. P. 7.

Eram histórias muito especiais, pois as crianças existem mesmo, a dona Catarina tinha conversado com elas e com suas famílias, em uma viagem que fez por várias regiões do Brasil...¹⁰

O caráter interativo do texto, somado ao espanto e à indignação vigorosa com que Serafina narra as histórias, são responsáveis pela cumplicidade que se estabelece entre leitor e narrador logo nas primeiras páginas, vínculo que é capaz de promover o envolvimento dos leitores no combate ao trabalho infantil, intenção primeira do texto, mas que, no entanto, não o transforma em mero instrumento de contestação.

Em seu relato, Serafina se utiliza de várias referências do cotidiano infantil, recurso que contribui para dar leveza ao texto, como por exemplo, o diálogo que estabelece entre a história da Cinderela e as de crianças que trabalham na colagem e costura de sapatos.

Sou capaz de apostar que até este momento a única história, ou pelo menos a história mais famosa de sapatos que você já tinha ouvido falar era a da Cinderela, não era?¹¹

Ou, ainda, quando se refere a ingênuos e previsíveis acidentes, como espetar um dedo na roseira, para falar sobre a dificuldade que as crianças trabalhadoras do sisal são obrigadas a enfrentar.

As histórias dos pequenos trabalhadores são, por Serafina, pontuadas pelo seu cotidiano de criança que não precisa trabalhar, estratégia utilizada pelas autoras para minimizar o choque que a crueldade do trabalho infantil pode provocar nos pequenos leitores. Diferente daqueles trabalhadores, Serafina pode brincar, ver televisão, ouvir música, estudar e ainda deliciar-se com suas guloseimas preferidas, como o bolo de laranja feito por sua mãe.

E por falar em fura-bolo, vou interromper a viagem e parar um pouco para comer um pedaço do bolo de laranja molhadinho que a minha mãe fez. Acho que só assim consigo tirar da cabeça essa história tão dolorida¹²

A interatividade do texto, além de gerar a cumplicidade entre leitor e narrador já mencionada, dá forma a uma narrativa instigante, que, mesmo extensa, é capaz de prender a atenção até mesmo dos leitores mais preguiçosos, principalmente porque lhes desperta a curiosidade, conforme podemos observar no trecho em destaque:

Aposto que você não sabia que o carvão é a lenha do eucalipto queimado em fornos chamados “rabos quentes”, sabia? E, se não sabia disso, também não deve saber que “rabo quente” é uma espécie de iglu (já viu como é a casa de esquimó?) feito de tijolo e barro, que arde e estala com fogo aceso durante três dias.¹³

Pelo fato de o tema em questão ser praticamente desconhecido das crianças leitoras do livro, a menina narradora, na intenção de elucidar seu discurso, lança mão de vários tipos de comparações, como essa do iglu; o que, não só facilita o entendimento, como ainda, contribui para a formação geral de seus leitores.

O tom de reportagem que identificamos em diversos momentos da narrativa, resultado de extensa pesquisa sobre o trabalho infantil, sugere que as autoras não pretendiam construir uma obra unicamente literária, mas sim um texto que fosse capaz de provocar reflexões sobre a situação de milhares de crianças que se veem obrigadas a trocar a infância pelo trabalho. No entanto, o perfeito equilíbrio entre os elementos constitutivos da realidade - que podemos chamar de matéria de extração histórica¹⁴ -, e a manipulação do discurso literário, nos permite afirmar que *Serafina e a criança que trabalha* faz jus ao título de obra literária para crianças e jovens.

Longe de uma mera descrição sobre os horrores dessa forma de exploração infantil, o texto convida os pequenos leitores a acompanhar Serafina em sua viagem imaginária pelas diversas regiões do país que exploram a mão de obra infantil.

No entanto, a fim de não se distanciarem do foco principal da obra, que, em nossa avaliação, é a denúncia dessa realidade, as autoras, ao final da narrativa, optaram por reproduzir as fotografias que fizeram durante o período da pesquisa, bem como dos

¹⁰ IDEM, *IBIDEM*. P. 12

¹¹ IDEM, *IBIDEM*. P. 31.

¹² IDEM, *IBIDEM*. P. 19.

¹³ IDEM, *IBIDEM*. P. 16.

¹⁴ BASTOS, ALCMENO.

endereços das entidades, que, em vários países, lutam para banir o trabalho infantil; unindo, dessa forma, a proposta de denúncia ao projeto estético de construção de um texto ficcional.

AÇÚCAR AMARGO

Novela do escritor mineiro Luiz Puntel, dirigida ao público jovem, cuja trama é baseada nos episódios do ano de 1984, que marcaram a greve de aproximadamente cinco mil cortadores de cana da cidade de Guariba, no interior de São Paulo. Revoltados contra os baixos salários, o regime de semiescravidão e a mudança do sistema de colheita, os cortadores de cana, aliados aos colhedores de laranja, tomaram as cidades de Bebedouro e Guariba para protestar contra os usineiros. Durante dois dias essas cidades foram palco de várias manifestações, que só cessaram depois do acordo de Jaboticabal, assinado em 17 de maio e estendido a todos os municípios da região, motivando outros trabalhadores rurais a exigirem seus direitos¹⁵.

Narrado em terceira pessoa, *Açúcar amargo*¹⁶ tem como personagem principal, a menina Marta, filha de trabalhador rural em Catanduva, interior de São Paulo. A trama se inicia com uma conversa entre Marta e suas amigas, na saída do colégio, sobre a impossibilidade de a menina participar de um trabalho em grupo, por conta da dificuldade de morar longe, em uma fazenda onde seu pai é colono. Fora essa dificuldade, o pai de Marta não aprova que a filha estude, além de não hesitar em demonstrar a sua predileção pelo filho mais velho, principalmente porque este o ajuda na labuta diária.

Marcada por uma personalidade forte, Marta resolve enfrentar todas as dificuldades para continuar seus estudos, e, mesmo quando recebe a notícia de que a família tem de deixar a fazenda para se aventurar em busca de trabalho em outro lugar, não desiste.

Mas, se a vida de Marta já era difícil na fazenda, as coisas pioram muito quando o pai e o irmão se veem obrigados a trabalhar como cortadores de cana em Bebedouro, culminando com a morte do irmão no acidente com o caminhão que transportava os boias-frias até o canavial. Revoltado com a morte repentina do filho, o pai de Marta resolve procurar outro tipo de trabalho, mas se dá conta de que não restava outra alternativa a não ser o corte da cana, e muda-se com mulher e filha para Guariba.

Marta, não só para ajudar sua família, mas, principalmente, para provar ao pai que era merecedora de carinho e atenção, resolve também trabalhar na cana. Disfarçada de garoto, a menina surpreende a todos, dada a sua disposição e ligeireza no corte. Até que a situação no canavial acaba por obrigá-la a revelar a verdadeira identidade. Participante ativa da greve dos trabalhadores rurais, Marta acaba por salvar a vida do pai, que, muito arrependido e comovido, reconcilia-se com a filha.

Muito mais do que retratar a exploração nos canaviais do interior de São Paulo, Luiz Puntel construiu uma narrativa capaz de propiciar um entendimento mais amplo sobre essa questão, uma vez que, tendo como mote os conflitos de Guariba, o texto não perdeu a dimensão política do problema. Diferente de *Serafina e a criança que trabalha*, cuja personagem principal dedica-se a narrar as histórias de crianças exploradas, sem se preocupar com a construção de um enredo, *Açúcar amargo*, pela voz onisciente de seu narrador, configura-se como uma trama que acompanha a trajetória de Marta, tendo por enredo a exploração de trabalhadores dos canaviais paulistas.

Apesar de deixar claro que sua novela é baseada em histórias reais, sua intenção não nos parece ser, dada a construção do texto, unicamente denunciar a crueldade do trabalho infantil, mas sim a de engendrar uma obra literária que fosse capaz de provocar reflexões sobre o tema. No entanto, em nossa avaliação, ao manipular a matéria de extração histórica - a revolta dos trabalhadores de Guariba - para transformá-la em objeto ficcional, Luiz Puntel pesou a mão em construções carregadas de clichês e de estereótipos, acabando por comprometer a qualidade literária do texto, conforme podemos observar em uma das falas de Marta: Sem estudo a gente não consegue muita coisa na vida¹⁷.

¹⁵ WWW.ESTADAO.COM.BR/RSS/ECONOMIA/2005/NOV/25/9.HTM

¹⁶ LUIZ, PUNTEL. AÇÚCAR AMARGO. SÃO PAULO: ÁTICA, 2005

¹⁷ PUNTEL, LUIZ. OP. CIT. P. 36.

Frase feita, que não comprometeria a qualidade literária, se proferida apenas pelas personagens, já que estas, por se acharem inseridas em um contexto adverso, dificilmente conseguiriam dominar um rico vocabulário; mas quando também o narrador se utiliza de clichês, como no momento em que descreve o estado de espírito de Marta, utilizando a gasta expressão “balde de água fria”, a nossa tese acerca da qualidade literária parece se comprovar.

– À noite? - Marta surpreendeu-se. Aquela notícia era como um balde de água fria em seu entusiasmo.¹⁸

Trata-se de um narrador que, ao longo de toda trama, não deixa quase espaço para as manifestações das personagens, o que, em nossa avaliação, demonstra um exercício exagerado de sua onisciência. Fora isso, o autor não explora as inúmeras possibilidades da língua, fazendo pouco uso das metáforas, o que resulta em uma narrativa muito previsível. Suas personagens possuem muito pouca densidade dramática para o papel que desempenham, e mesmo Marta, a protagonista, é explorada à luz de estereótipos que servem para caracterizar indistintamente todo e qualquer adolescente pobre de sua idade.

Em nossa avaliação, tudo isso contribui para que a obra, do ponto de vista literário, seja pouco atraente, o que já não podemos afirmar em relação à importância que desempenha para o desvelamento de questões complexas, como o tema da exploração pelo trabalho. Nesse aspecto, o autor conseguiu produzir, de maneira competente e criteriosa, um importante documento sobre a exploração dos boias-frias do canavial.

Nesse sentido, permitimo-nos afirmar que, tanto *Açúcar amargo* quanto *Serafina e a criança que trabalha*, dada a complexidade do tema bem como do comprometimento social de seus autores, devem figurar como acervo obrigatório das escolas de Ensino Fundamental e Médio deste País, a fim de que as crianças e os jovens que não necessitam trabalhar tomem conhecimento de que existe uma parcela bastante significativa de outros que não têm direito à infância.

ALGUMA CONCLUSÃO

É, no mínimo curioso, que o tema abordado neste ensaio quase não apareça nas produções literárias contemporâneas dirigidas à crianças e jovens, sobretudo se pensarmos na forma como o mesmo foi representado nos contos maravilhosos medievais, compilados e narrados desde o século XVII.

Durante praticamente toda a Idade Média, na Europa, e principalmente na França, o pânico dominava a população que presenciava, impotente, a morte exagerada de crianças, e é neste universo que proliferam os contos. É singular a correspondência que guarda este contexto com a realidade contemporânea em nosso País. As sucessivas descaracterizações promovidas ao longo dos tempos, imprimindo aos contos um caráter premeditadamente adocicado e omitindo questões cruciais da existência (morte, sexo, fome, desejos), impedem, por vezes, que essa relação seja facilmente observada.¹⁹

Tome-se a história de Cinderela como exemplo, trama que retrata um período em que a morte exagerada de mulheres era representado na literatura pela figura das madrastas, das irmãs postiças e, conseqüentemente, pela rejeição àqueles que poderiam significar uma ameaça, como a pequena órfã, obrigada a executar os trabalhos pesados da casa.

Também o Pequeno Polegar é fruto dessa época adversa, cuja obrigatoriedade de pagamento de impostos à realeza fazia com que os camponeses se vissem, muitas vezes, obrigados a expulsar de casa seus próprios filhos, na esperança de que eles pudessem sobreviver por conta própria, e, quem sabe, ainda, trazer algum dinheiro de volta - o que fazem Pequeno Polegar e seus sete irmãos, assim que conseguem libertar-se do malvado e poderoso ogro.

Até mesmo a inocente Chapeuzinho Vermelho é capaz de denunciar a época em que a criança, desde muito pequena, já desempenhava as tarefas domésticas, a despeito de todo perigo a que estivesse exposta.

¹⁸ IDEM, *IBIDEM*. P. 37.

¹⁹ DARTON, ROBERT. O GRANDE MASSACRE DE GATOS. RIO DE JANEIRO: GRAAL, 1988.

Em grande parte dessas histórias, o trabalho infantil aparece como testemunho de um momento social e econômico em que a mão de obra dos pequenos era utilizada desde muito cedo, e graças a esse testemunho é que temos hoje na literatura maravilhosa um vasto material de pesquisa sobre trajetória social e econômica da infância ao longo dos séculos. Daí o nosso espanto diante de uma literatura que ainda insiste em cultivar o mito da infância feliz.

BIBLIOGRAFIA

- ANCHIETA, José. Informações, fragmentos históricos e sermões. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.
- ARIES, Philippe. História Social Da Criança E Da Família. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.
- BADINTER, El. L'amour en plus. Histoire de l'amour maternel. XVIIe XXe siècle. Paris: Flammarion, 1980.
- BASTOS, Alcmemo. Introdução ao romance histórico. Rio de Janeiro: Eduerj, 2007.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976.
- CARPENTÍER, Alejo. A literatura do maravilhoso. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1987.
- DARNTON, Robert. O Grande massacre de gatos. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DELUMEAU, Jean. História do medo no ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DONZELOT, Jacques. A polícia das famílias. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- EAGLETON, Terry. Teoria da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- LE GOFF, Jacques (Dir.). O Homem medieval. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- MARCÍLIO, Maria Luíza. História social da infância abandonada: São Paulo: Hucitec, 1998.
- MOLLAT, Michel. Os pobres na Idade Média. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- MOURA, Esmeralda Blanco B. Mulheres e menores no trabalho industrial. Petrópolis: Vozes, 1982.
- POSTMAN, Neil. O Desaparecimento da infância. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1999.
- . O Fim da educação. Rio de Janeiro: Graphia Editorial. 2002.
- PRIORE, Mary Del. História da criança no Brasil. São Paulo: Contexto, 1998.

Carla Jarlicht



ESPECIALISTA EM LITERATURA
INFANTIL E JUVENIL/UFRJ

TRABALHO INFANTIL EM CENA

Falar de violência social na infância pode parecer um assunto saturado. Entretanto, num país como o Brasil, com tantos contrastes sociais, de nada adianta “tapar o sol com a peneira” e nos abstermos dessa discussão.

Nossa sociedade vem se acostumando a enxergar como “normal” a presença do enorme contingente de crianças desamparadas que buscam uma forma de sobrevivência: o menino que vende balas na porta do cinema, o que faz acrobacias nos sinais, o cortador de cana, a menina que toma conta de outras crianças. Enfim, são tantas as modalidades de trabalho (sem contar o que é ilícito ou inaceitável moralmente) exercidas por crianças que acabamos por banalizar uma situação calamitosa.

Aceitamos convencidos os dizeres de vários desses meninos que se justificam: “Eu poderia estar roubando, mas estou trabalhando...”. É claro que há dignidade no trabalho, porém tais crianças deveriam estar estudando, uma vez que é isso o esperado e o que garante o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Todavia, é doloroso perceber que, apesar de muitos séculos terem se passado e o conceito de infância ter se modificado, em muitos aspectos parece que ainda vivemos na Idade Média. As crianças daquela época, ou melhor, os “adultos em miniatura”, como já os denominou o historiador francês Phillipe Ariès (1987), estão sendo reeditados. Hoje em dia, mesmo com a evolução de tantas áreas de conhecimento o que constatamos através das notícias e também ao andar pelas ruas da cidade é que crianças continuam sem lar, sem escola, sem cuidados mínimos, vítimas da exploração e da violência.

É preciso que nos reconheçamos nessas crianças marginalizadas para que possamos refletir de maneira crítica e atuar sobre essa situação, diminuindo assim as distâncias entre as diferentes infâncias. Criança é criança em qualquer contexto, com direitos, desejos e necessidades específicas e que cabe a nós, adultos, a garantia de que isso seja atendido.

Como disse Passeti, cientista político da PUC-SP: *afinal, se as crianças de hoje são os homens de amanhã, que elas não tenham a cabeça de ontem.* (1987, p. 8)

Podemos, então, atribuir um lugar de destaque à literatura infantil e juvenil de qualidade já que é ela que inicia o leitor no universo literário; uma literatura que apresenta e aborda tais questões sem menosprezar a capacidade de pensar do leitor. A literatura infantil contemporânea oferece uma nova concepção de texto escrito, aberto a múltiplas leituras e análises.

Segundo a especialista em Literatura Infantil e Juvenil, Nelly Novaes Coelho

a literatura contemporânea, expressão das mudanças em curso e que, longe de pretender a exemplaridade ou a transmissão de valores já definidos ou sistematizados, busca estimular a criatividade, a descoberta ou a conquista dos novos valores em gestação. E aqui entra o trabalho didático dos professores, fazendo o papel dos médicos nos partos... (COELHO, 2000; p. 49)

É na leitura dessa literatura que podemos abrir os canais de comunicação e possibilitar o pensamento crítico sobre a realidade que nos cerca. Assim, ao buscarmos a

NOSSA SOCIEDADE
VEM SE ACOSTUMANDO
A ENXERGAR
COMO “NORMAL”
A PRESENÇA DO
ENORME CONTINGENTE
DE CRIANÇAS
DESAMPARADAS QUE
BUSCAM UMA FORMA
DE SOBREVIVÊNCIA: O
MENINO QUE VENDE
BALAS NA PORTA DO
CINEMA, O QUE FAZ
ACROBACIAS NOS
SINAIS, O CORTADOR
DE CANA, A MENINA
QUE TOMA CONTA DE
OUTRAS CRIANÇAS.
ENFIM, SÃO TANTAS
AS MODALIDADES
DE TRABALHO (SEM
CONTAR O QUE É
ILÍCITO OU INACEITÁVEL
MORALMENTE)
EXERCIDAS POR
CRIANÇAS QUE
ACABAMOS POR
BANALIZAR UMA
SITUAÇÃO CALAMITOSA.

discussão sobre como o trabalho infantil vem sendo representado na literatura infantil e juvenil contemporânea, destacamos dentre várias obras algumas que são representativas desse tema e que, como assinalado por Nelly, estimulam descobertas e conquistas de novos valores.

No presente artigo, analisaremos duas narrativas distintas: o livro de imagens *Cena de rua* (1994) de Ângela Lago, que instiga a reflexão sobre o trabalho infantil como consequência do abandono; e o conto de Lygia Bojunga intitulado “*O bife e a pipoca*” (1984) que contempla a questão dos contrastes entre as infâncias de diferentes camadas socioeconômicas e culturais e aborda a questão do trabalho infantil.

Todas elas contemplam situações do cotidiano e, por isso, qualquer semelhança não é mera coincidência. Entretanto, a forma com que as autoras abordam a questão do trabalho infantil é que faz com que ultrapassem a mera denúncia e promovam questionamentos e novos olhares. Portanto, essa literatura pode ser o início de uma longa conversa...

O livro de imagens *Cena de rua* (1990), de fato, não carece de texto escrito para provocar o leitor. Com vasta experiência na literatura infantil e juvenil, a autora e ilustradora mineira oferece aos seus leitores um trabalho instigante e nada previsível. Aliando o seu lado de “moleque arteiro” que abusa das cores, experimentações e perspectivas à sua extrema sensibilidade, ela nos revela uma história bastante comum do cotidiano da cidade grande: um menino que vende frutas em um sinal de rua. Sobre o livro, Ângela conta em seu site:

“(...)este [livro] quer ser apenas uma reportagem. Para testemunhar minha simpatia pelos meninos de rua, optei por cores fortes e pinceladas mais corajosas. E não usei nenhum detalhe além do estritamente necessário para o relato. Nesse livro não quero distrair o leitor.” (LAGO, 1995)

E ela não só conseguiu o que pretendia, como foi além. O que poderia parecer uma história corriqueira, ganhou intensidade pelas mãos de Ângela. As imagens tocam fundo na alma e despertam a atenção do leitor para a violência e a indiferença nossa de cada dia. Não levanta bandeiras, mas nos coloca cara a cara com a questão do trabalho infantil.

A autora traz a rua e seus personagens para dentro do livro. De forte influência expressionista, as cores são utilizadas na obra, essencialmente, como uma forma de expressão de sensações e sentimentos. A partir da capa, negra, as imagens fortes sempre em movimento e a predominância das cores vermelha, amarela e verde não são por acaso: elas imprimem o ritmo e a força, presentes na rua e possibilitam várias leituras a essa narrativa que transpira emoção.

O grito das cores é o grito da rua, lugar hostil e desprotegido para qualquer um, que é mostrado sem pudor como palco do cotidiano de muita gente. O simbolismo das cores invade a história e desperta nossos sentidos, sentimentos, pensamentos, questões existenciais. Nesse sentido, Chevalier e Gheerbrant no seu *Dicionário de símbolos* (2000) assinalam:

O primeiro caráter do simbolismo das cores é a sua universalidade(...) As interpretações podem variar. (...) As cores permanecem, no entanto, sempre e sobretudo como fundamentos do pensamento simbólico. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2000, p. 275)

O cenário escuro da rua reforça a ideia de perigo, insegurança e medo. O vermelho, cor relacionada às nossas necessidades afetivas, colore motoristas sempre agressivos, desconfiados e apavorados. O amarelo, que é reconhecido como símbolo de prosperidade, está também ligado às ideias de desespero e impaciência. No trânsito de *Cena*, ele surge, algumas vezes, nos carros, sempre desordenados, e no presente furtado. A cor azul, associada às ideias de paz e conforto, colore a mãe com seu bebê dentro de um dos carros e transmite a atmosfera de aconchego presente nessa situação. O verde traz a ideia do grau de adaptação ao ambiente e colore o menino, protagonista dessa história que nos fala da sua vida.

Verde como qualquer menino na imaturidade da infância; verde como tantos outros meninos pelos quais nós passamos nos sinais, nas praças, nas ruas, ele tenta vender no meio do trânsito três frutas: uma vermelha, outra amarela e uma verde. Quem é esse menino? Onde conseguiu as frutas que vende? Por que precisa vendê-las? O que ele fará

com o dinheiro? Ele tem casa? E família? Essas e tantas outras perguntas são possíveis ao lermos o livro. A situação do trabalho infantil é o fio condutor dessa história o que nos remete a duas questões antigas: à construção do conceito de infância tão discutida por Ariès e às consequências da infância abandonada. Ao visitarmos a sua obra, *História Social da Criança e da Família* (1978), percebemos que na Idade Média e até em épocas mais remotas, a criança era inserida no mundo adulto tão logo desmamava. Ela participava dos jogos, execuções e também do trabalho. Presenciamos ainda hoje resquícios desse passado. No que se refere ao trabalho, observamos diariamente em nossas ruas crianças vendendo todo tipo de coisa, de balas às drogas; no interior, sabemos do trabalho das crianças nas plantações e das crianças carvoeiras. A necessidade de trabalhar pode ser atribuída a dois aspectos principais: o estado de pobreza e miséria da família e também o abandono da criança que encontra no trabalho um meio de sobrevivência. Entretanto, como sinalizou a historiadora Maria Heloísa Marcílio, em seu livro *História social da criança abandonada* (2006), apesar do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) instituído em 1999, existe um abismo entre as leis de proteção à criança e a realidade da criança brasileira. A história narrada por Ângela nos fala exatamente disso, desse abismo. Esse menino verde, na tentativa de vender suas frutas, vai se deparando com expressões ferinas dos motoristas, com os olhares amedrontados e gestos desconfiados, sempre pincelados significativamente pelas cores vermelha e amarela que, como os sinais de trânsito, indicam pare e alerta.

Ninguém compra nada e ele ainda tem uma de suas frutas roubadas por um dos motoristas. Resignado, continua vagando no meio do trânsito. Diante de um dos carros, depara-se com a sua própria situação de abandono, ao observar, através do vidro, uma mãe com o seu filho no colo, ambos azuis, numa atmosfera de tranquilidade e bem-estar. Por que não ele? Por onde andar a sua mãe? Sentado no meio fio, ele come e compartilha com um cachorro de rua?, esse sim, verde, companheiro e solidário? o que restou de suas frutas.

Diante do seu fracasso, furta, sob olhares apavorados, de dentro de um dos carros, um presente. A luminosidade do amarelo dos faróis denuncia o seu delito e ele sai do anonimato tornando-se, pela primeira vez, o centro das atenções para os motoristas. O menino se esconde para abrir o seu presente. Mas ele não percebe que pegou um presente amarelo. Seria um alerta? A descoberta do conteúdo da caixa revela que o seu futuro não é nada diferente do seu próprio presente: no interior da caixa, outras três frutas, iguais as que tivera antes.

Ao terminar o livro, Ângela repete a mesma imagem da primeira página: o menino vendendo frutas no trânsito diante dos olhares agressivos dos motoristas, suscitando no leitor uma mistura de frustração e de indignação. E o tão esperado final feliz? Este Ângela deixa em nossas mãos, na nossa possibilidade de reflexão e mudança.

Através dessas imagens tão marcantes, *Cena de Rua* sensibiliza o nosso olhar e o redireciona, fazendo-nos ver, na perspectiva do menino, uma história de abandono pela família, pela sociedade e pelo Estado. Na mesma história vislumbramos as diversas facetas desta infância desamparada: a rejeição e negação do olhar do outro, a tentativa de sobrevivência pelo trabalho, o delito como solução última e desesperada. Provocando questionamentos, torna-se assim, uma leitura necessária, principalmente nos dias de hoje.

Além de ter recebido importantes premiações no Brasil e no exterior, o livro de Ângela foi ainda mais longe inspirando a criação de um outro texto intitulado *Rap rua*, de Douglas Silva Lima. O autor é um menino baiano que foi um dos finalistas do 1º Concurso Cena de Rua da Secretaria de Educação de seu estado. Baseado no livro de Ângela, ele criou uma narrativa em *rap*, ritmo das ruas, falando das mazelas sociais que conhece de sua vizinhança. Ela, emocionada com o seu trabalho, convidou-o para fazer o livro que foi publicado pela Editora RHJ no ano de 2005 revelando-se uma pessoa que não só acredita, mas procura promover mudanças.

Outra autora que demonstra uma profunda preocupação e consciência social é a premiadíssima escritora gaúcha Lygia Bojunga. O seu conto *O bife e a pipoca*, uma das narrativas do livro *Tchau* publicado em 1984, aborda poeticamente essa questão.

Premiado como “O Melhor para o Jovem” pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil/FNLIJ, a obra apresenta ainda outras três narrativas. Os dois primeiros contos, *Tchau!* e *O bife e a pipoca*, são de cunho mais realista e os outros dois, *A troca e a tarefa* e *Lá no mar*, acontecem na fronteira entre a realidade cotidiana e a fantasia.

VERDE COMO
QUALQUER MENINO
NA IMATURIDADE DA
INFÂNCIA; VERDE
COMO TANTOS OUTROS
MENINOS PELOS QUAIS
NÓS PASSAMOS NOS
SINAIS, NAS PRAÇAS,
NAS RUAS, ELE TENTA
VENDER NO MEIO DO
TRÂNSITO TRÊS FRUTAS:
UMA VERMELHA, OUTRA
AMARELA E UMA VERDE.
QUEM É ESSE MENINO?
ONDE CONSEGUIU AS
FRUTAS QUE VENDE?
POR QUE PRECISA
VENDÊ-LAS? O QUE ELE
FARÁ COM O DINHEIRO?
ELE TEM CASA? E
FAMÍLIA? A SITUAÇÃO
DO TRABALHO INFANTIL
É O FIO CONDUTOR
DESSA HISTÓRIA.

Desde a sua estreia, em 1972, todos os títulos de Lygia têm sido premiados ou recebido distinções de honra. Dentre eles, o Prêmio Hans Christian Andersen considerado o Nobel da Literatura Infantil e Juvenil recebido em 1982.

Lygia destaca-se entre os autores brasileiros contemporâneos que escrevem para crianças e jovens, por manter em suas obras, sem exceção, a excelente qualidade literária. Sem deixar de lado a ludicidade e o humor, trabalhando a linguagem coloquial e principalmente, considerando o olhar da criança como objeto central de suas obras, aborda temas universais como as diferenças sociais, a morte, as relações afetivas, a criação e problematiza valores estabelecidos, sempre sem poupar o leitor.

Esses os motivos de trazermos o conto *O bife e a pipoca* para o centro da discussão sobre o trabalho na infância. Numa história desprovida de estigmas, o leitor é convidado a penetrar nos universos contrastantes de uma infância pobre que luta para sobreviver e outra, rica e protegida. Essa é uma leitura que incomoda, encanta e assusta, sobretudo pela narrativa se dar através da perspectiva das crianças da história.

Em uma entrevista concedida à escritora e crítica literária Laura Sandroni, Lygia coloca:

A preocupação que eu sinto diante da iniquidade social do nosso sistema está, de fato, muito presente dentro de mim. Então, é aquela história: essa preocupação? ainda mais assim grandona? vai forçar uma saída (nem que seja pelo ladrão), e acaba escorrendo pelo meu texto, misturada com os outros elementos exorcizáveis. Mas eu vou ficar bem contente se, com isso, eu for contagiando quem lê a prestar mais atenção em gente que está com fome. (SANDRONI, 1987, p. 170)

É o que vemos presente no conto *O bife e a pipoca*. Nele, a autora narra o encontro casual de dois meninos de realidades completamente diferentes que procuram construir uma amizade apesar das contingências serem tão adversas. Um deles, Rodrigo, é um menino da classe média, filho único, estudante da 5ª série de uma escola particular. O outro é Turíbio Carlos, o Tuca, morador da favela, um dos 11 filhos de uma mãe alcoólatra e que trabalha para ajudar no orçamento familiar. Eles se conhecem na escola e se tornam colegas de turma, graças a uma bolsa de estudos recebida por Tuca.

A narrativa é conduzida de modo fluente, coloquial e imbuída de uma veracidade profunda, marca do discurso da autora. Ela se alterna, ora na primeira pessoa e sob a forma de cartas, ora em discurso livre e imparcial, inteirando o leitor sobre os acontecimentos. Sua linguagem traz marcas da linguagem do teatro, herança do seu ofício de atriz.

Através dos diálogos dos personagens, adentramos no seu universo interior, onde cada frase parece trazer uma mensagem subjacente. Assim, as diferenças socioculturais e econômicas, tão presentes na atualidade, vão sendo abordadas e questionadas ora nos diálogos entre os personagens, ora nas narrações. Dessa maneira, o leitor pode compreender os dois lados da história e colocar-se nos lugares de ambos os personagens testemunhando as duas realidades.

O conto começa a se estruturar através de uma carta escrita por Rodrigo para Guilherme, seu melhor amigo que se mudou para o sul do país. Nela, ele conta: (...) E então, tem também um garoto novo: bolsista. Ouvi dizer que ele mora na favela; se chama Turíbio Carlos; e sentou no mesmo lugar que você sentava. Mas não falou nem olhou pra ninguém. (BOJUNGA, 2005, p. 45)

A autora nos leva a pensar nesses universos tão diferentes, que podem ser aproximados pelas experiências compartilhadas. Essas trocas promovem o crescimento de ambos os lados, quando se consegue sair da defensiva? postura instituída pela sociedade pós-moderna. Confirmamos essa ideia baseados no que diz o poeta e ensaísta Jair Ferreira dos Santos sobre esse indivíduo pós-moderno: “O individualismo exacerbado está conduzindo à desmobilização e à despolitização das sociedades avançadas.” (1986, p. 88).

Esse estilo do individualismo exacerbado e o crescente desinteresse pelo outro faz com que cada vez menos essas trocas sejam possíveis impedindo mudanças profundas. Talvez, esse aspecto levantado seja um dos pontos fortes desse conto.

A vontade de se aproximar e de conhecer a vida do outro faz com que os meninos, ainda que um pouco reticentes, combinem um programa para o dia de sábado. O convite parte de Tuca, que chama o colega para comer pipoca na sua casa. Rodrigo concorda,

mas antes propõe ao menino que eles almochem em sua casa. Tuca é pego de surpresa com o convite e... aceita.

Todo o programa é marcado pelas diferenças, silêncios, hesitações e perplexidade de ambos os meninos. A distância entre os seus mundos vai sendo exposta a cada momento. Como se fosse um “cabo de guerra”, de um lado, está o desejo de ambos em serem amigos e, de outro, as realidades contrastantes que se chocam.

Através da narração, abre-se um parêntese na história do almoço, no qual o leitor passa a conhecer um pouco mais da dura vida do menino. Na voz de Tuca, a autora toca na questão do trabalho infantil, situação que já faz parte da realidade de muitas crianças do nosso cotidiano desde a época da colonização, como foi assinalado no livro *A História das crianças no Brasil*, organizado pela historiadora Mary Del Priore (2007), onde as crianças da elite estudavam e as escravas aprendiam o ofício de seus pais. Pouca coisa mudou efetivamente daqueles tempos para cá.

Descobrimos, então que Tuca faz um “bico” como lavador de carros. No entanto, é explorado pelo seu empregador, pois realiza o trabalho dos dois e recebe apenas um décimo do pagamento. Apesar de achar injusta tal divisão, por ser criança, não tem como se defender e aceita a situação. As leis que existem para sua proteção não garantem os seus direitos. Assim como o “menino verde” de *Cena de rua* e tantos outros nas mesmas condições, Tuca encontra no trabalho uma maneira de sobreviver e ajudar a sua família honestamente. Por outro lado, percebemos que também o empregador é massacrado, já que lava carros para poder completar o seu salário.

A luta pela sobrevivência, a exploração do mais fraco pelo mais forte são questões presentes na história da humanidade e que, ao longo do tempo, vêm se intensificando e ganhando novas nuances. Na voz do empregador, o leitor percebe a injusta relação de poder que massacra a criança.

“Escuta aqui, meu irmão, tem pelo menos 100 moleques que passam todo dia aí na rua querendo esse emprego que eu te dei. Então você já viu: tô te fazendo um bruto dum favor. Não precisa ficar toda vida me agradecendo. - Fechou a cara. - Mas também não quero reclamação. Não tá contente, pode dar o fora. E já. Tá?” (BOJUNGA, 2005, p. 58)

Ao terminar o almoço, Tuca tenta cancelar o programa da pipoca na sua casa, mas é surpreendido por Rodrigo que, demonstra entusiasmo em querer conhecer a família do colega.

A partir daí, mais diferenças emergem. O estranhamento de Rodrigo diante da realidade da favela é marcada por um sentimento de traição. Ele, como muitos meninos e meninas de classe média, vive num universo tão protegido que nem imaginava que pessoas como ele viviam em situação tão precária.

Eles, finalmente, chegam ao barraco de Tuca, que apresenta a sua família. Na família de Tuca, há uma inversão de papéis: as crianças exercem as funções dos adultos cuidando umas das outras e “se viram” para sobreviver. Nessa expressão “se viram”, podemos pensar sobre o trabalho infantil. Essas crianças conhecem as agruras da vida mais cedo e, por isso, amadurecem mais rápido.

Apesar de o trabalho ser considerado como natural e necessário em algumas famílias, poucas reconhecem na infância o tempo para brincar, estudar ou serem cuidadas e na maioria isso é considerado um luxo. De acordo com o ECA, o trabalho é permitido por aqueles que têm acima de 14 anos na condição de aprendiz e desde que não atrapalhe os estudos, que são (ou deveriam ser), a prioridade da criança. Mais uma vez, mostra-se o abismo entre a teoria e a prática.

No final do encontro, Tuca resolve tirar Rodrigo de sua casa, mas o menino resiste e fala da tal pipoca que haviam combinado. Como a pipoca está no quarto trancado onde se encontra a sua mãe bêbada, ele tenta demovê-lo da ideia de permanecer ali. Rodrigo resiste e o menino cede à pressão do colega abrindo a porta do quarto. Diante daquela cena, o menino se desespera e praticamente expulsa Rodrigo de sua casa.

Após um período de distanciamento, os meninos se reencontram e tentam retomar a amizade. Tuca, que aprendeu a pescar com um senhor que mora no morro, convida Rodrigo para uma pescaria. Essa expressão “aprender a pescar” nos remete ao dito popular “não dê o peixe, ensine a pescar” tão presente na vida de Tuca, que embora sendo criança, não pode depender de ninguém. O “ensinar a pescar” é uma garantia de sobrevivência, de saber fazer algo.

TAL COMO NOS CONTOS
DE FADA, AS BRUXAS,
OS DRAGÕES, OS SERES
MALIGNOS PRECISAM
SER COMBATIDOS, O
TRABALHO INFANTIL É
UMA ESPÉCIE DE VILÃO
REAL A SER VARRIDO DO
NOSSO UNIVERSO.

O texto de Lygia não faz julgamentos sobre a questão do trabalho, mas revela essa situação dramática. Ela deixa o leitor dar conta do seu incômodo, fazendo suas próprias perguntas e buscando suas respostas. Ao mesmo tempo em que o trabalho de Tuca ajuda na sobrevivência da família, ele o impede de estudar, o que no futuro poderia lhe dar maiores chances de crescer e realmente mudar a sua vida.

Com esse final, Lygia nos traz um dos elementos mais importantes na literatura para crianças e jovens: a esperança. Como vimos, esse conto é protagonizado por crianças de realidades contrastantes cujas diferenças sociais, econômicas e culturais entre seus universos geram muitas tensões que dificultam e quase impossibilitam a sua convivência. Mesmo assim, a esperança do encontro existe. É no voltar-se para dentro de si, buscando sempre compreender a atitude do outro e a sua própria, que os conflitos vão diminuindo. Privilegiando o olhar dessas crianças, Lygia aproxima o leitor de suas histórias, permitindo uma identificação com as mesmas e a reflexão acerca de suas realidades.

Podemos pensar que as narrativas analisadas aqui são tão estruturantes na formação do sujeito quanto os contos de fada. Tal como nos contos de fada, as bruxas, os dragões, os seres malignos precisam ser combatidos, o trabalho infantil é uma espécie de vilão real a ser varrido do nosso universo.

Acreditamos que através da literatura seja possível provocar os leitores a fim de que possam compreender e questionar as diferenças sociais e suas consequências, identificar-se com esse outro/estranho e promover novos olhares. É essencial que se aponte para a criança uma esperança de mudança desse *status quo* e que ela pode se envolver nesse movimento. Mais do que nunca, é preciso abraçar tais histórias como pertencentes a cada um de nós, despindo-nos dos preconceitos para que possamos promover mudanças de pensamento e de ações.

Não podemos esquecer o lugar de destaque do professor nesse processo, uma vez que a escola é o espaço privilegiado para o encontro entre o leitor e o livro e ele, o mediador dessa relação. Assim, podemos dizer que também através do que se lê e de como se lê podemos formar sujeitos conscientes do seu papel na sociedade. Afinal, não é isso que é ser cidadão?

BIBLIOGRAFIA

- ARIÈS, Phillipe. História social da criança e da família, Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- BOJUNGA, Lygia. O bife e a pipoca. In Tchau, Rio de Janeiro: Casa de Lygia Bojunga, 2005.
- COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria-análise-didática, São Paulo: Moderna, 2000.
- CHEVALIÈR, Jean & GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 15ª edição, Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- DEL PRIORE, Mary. O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império. In História das crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 2007.
- LAGO, Ângela. Cena de rua. Belo Horizonte: RHJ, 1994.
- Texto: Um depoimento, 1995, Disponível em www.angela-lago.com.br
- LIMA, Douglas Silva. Rap rua. Belo Horizonte. RHJ, 2005.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. História social da criança abandonada. São Paulo: Hucitec, 2006.
- PASSETI, Edson. O que é menor. São Paulo: Brasiliense S. A., 1987.
- SANDRONI, Laura. De Lobato a Bojunga: as renaixões renovadas, Rio de Janeiro: Agir, 1987.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. O que é pós-moderno?, São Paulo: Brasiliense, 1986.

SEMINÁRIO

OS TRABALHADORES NA

Literatura
BRASILEIRA



ZENIR REIS, ITALO MORICONI E ALEXANDRE FORTES

Dia 8 de novembro de 2008

Alexandre Fortes



DOUTOR EM HISTÓRIA/UNICAMP
E PROFESSOR DE HISTÓRIA
CONTEMPORÂNEA/UFRRJ

TRABALHO E TRABALHADORES NO BRASIL

DIÁLOGOS ENTRE A FOTOGRAFIA E A LITERATURA

Neste começo de século XXI, vivemos um paradoxo na relação entre história e consciência social. O cotidiano e a cultura são marcados, cada vez mais, pela velocidade das mudanças. As informações, assim como as tecnologias, envelhecem rapidamente, e o exercício da reflexão torna-se cada vez mais raro. Porém, essa própria sensação de permanente obsolescência, de um presente absoluto tornando-se cada vez mais rapidamente futuro, tem produzido paradoxalmente um grande interesse pelo passado.

Nesta nova sociedade midiática, porém, esta busca pelo acesso ao conhecimento histórico passa a ser atendida também de formas não convencionais, tais como revistas vendidas em bancas de jornal, exposições, documentários, etc. O conceito de “história pública” tem sido utilizado como um instrumento fundamental na compreensão das transformações vividas pela prática historiográfica neste novo contexto. A nova realidade tem desafiado os historiadores a repensar a relação entre, de um lado, a pesquisa e o ensino da história e, de outro, os mecanismos de produção e reprodução da memória coletiva.

Um dos conceitos utilizados para definir este tipo de intervenção cultural político-educativa que dialoga com a memória coletiva a partir de preocupações teórico-metodológicas próprias da prática historiográfica é “história pública”. Trata-se de reconhecer que os campos legítimos para a intervenção do historiador se multiplicam hoje, para muito além da pesquisa acadêmica e da sala de aula.

Essa abordagem, que tem gerado experiências muito ricas, levanta, entretanto, diversos questionamentos: é possível usar esses novos meios sem submeter o resultado da pesquisa histórica, tão complexo na sua criação, a um processo de vulgarização? Como conceber pedagogicamente o uso destes novos meios e linguagens? Qual o lugar da escola num contexto em que ela passa a ser cada vez mais apenas um entre os vários espaços de acesso à história?

Após discutir estas questões, examinaremos a exposição fotográfica “Trabalho e trabalhadores no Brasil”, desenvolvida sob a curadoria de Alexandre Fortes, Paulo Fontes e Mônica Kornis no âmbito do “Programa Memória do Trabalho”, implementado em 2006 pelo CPDOC-FGV com o apoio institucional do Ministério do Trabalho e Emprego como um exemplo dos potenciais e desafios das experiências de história pública.

OS NOVOS DESAFIOS DO ENSINO E DA PESQUISA EM HISTÓRIA

A história, como campo de conhecimento, possui uma tradição milenar que remonta, pelo menos, à civilização grega. Entretanto, a sua constituição como uma disciplina acadêmica integrante do ramo das ciências humanas se deu ao longo do século XIX,

A PROPOSTA DE SELECIONAR UM CONJUNTO DE IMAGENS FOTOGRÁFICAS E, INTERCALANDO-AS COM TEXTOS CURTOS DE DIVERSAS NATUREZAS, PROPORCIONAR UMA EXPERIÊNCIA DE REFLEXÃO SOBRE A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO TRABALHO NO BRASIL, PARECEU TENTADORA E DESAFIADORA PARA PESQUISADORES ESPECIALIZADOS NA TEMÁTICA, CUJA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL HAVIA SE INICIADO NO TRABALHO DE FORMAÇÃO SINDICAL.

paralelamente à difusão da ideia de Estado nacional e do modelo constitucional liberal. A construção de narrativas históricas nacionais que seriam a expressão do desenvolvimento da identidade coletiva de cada povo, estabelecendo os seus limites culturais e territoriais com os outros cumpriu um papel tão importante quanto o da formalização das gramáticas das línguas pátrias nessa nova configuração da ordem política, surgida no mundo ocidental, e que, no século XX, se difundiu pelo restante do globo. Não é à toa que os sistemas de educação pública que acompanham esta generalização do Estado nacional atribuirão grande peso ao ensino da história como forma de forjar um senso de pertencimento (de posse?) a uma “comunidade imaginada” entre os seus cidadãos.¹

O final do século XX traz, entretanto, pelo menos, três ordens de desafios a essa construção do lugar da história como campo de conhecimento. O primeiro deles diz respeito à própria crise dos Estados nacionais como estruturas básicas de referência para a vida humana em suas dimensões econômica, política e cultural face à aceleração da globalização. Nesse contexto, não basta ao ensino de história transmitir uma noção fechada e estática das narrativas de construção da nação, pois o que se torna crucial é desenvolver a capacidade de reflexão sobre a redefinição do lugar da nação num mundo marcado por desigualdades e desafios cada vez maiores.

O segundo decorre do questionamento do caráter excludente dos próprios processos de construção nacional. Com o avanço gradual da democratização, particularmente na segunda metade do século XX, a história foi sendo desafiada a integrar em suas narrativas vozes anteriormente suprimidas. Sujeitos subalternos tais como trabalhadores, mulheres, minorias étnicorraciais e outros segmentos até recentemente excluídos veem logrando conquistar espaço na pesquisa e no ensino de história, ao lado dos heróis e marcos tradicionais ou mesmo em substituição a eles. Isso implica também que as análises críticas de maior densidade não se restringem mais pelos processos abstratos que caracterizavam, por exemplo, o marxismo ortodoxo, mas passam a ser marcadas pela reconstrução de experiências subjetivas em toda a sua vitalidade e pluralidade.

Por fim, há o intenso desenvolvimento das novas tecnologias interativas de comunicação, que multiplicam as fontes de acesso à informação, embora tal acesso passe a se dar de modo cada vez mais fugaz e fragmentado. A difusão da TV, da internet, dos celulares, e, especialmente, a convergência tecnológica que os integra tornam a escola e o livro didático obsoletos se eles se restringirem a serem meros transmissores de informações. Isso significa que, de um lado, a fim de manter sua relevância social, a escola deve se concentrar no desenvolvimento das capacidades analíticas e interpretativas e que, de outro, educadores e pesquisadores da área de história são cada vez mais desafiados a criar princípios e estratégias pedagógicas adequados a outras mídias e outros espaços.

A exposição fotográfica “Trabalho e trabalhadores no Brasil” pode ser analisada como uma experiência pedagógica inovadora no campo da história que procurou dar algumas respostas a estes desafios de diferentes ordens, na medida em que, por meio das linguagens fotográfica e literária, proporcionou a um público amplo o acesso a reflexões críticas sobre o lugar da classe trabalhadora na construção da nação brasileira ao longo de 150 anos de história.

“TRABALHO E TRABALHADORES NO BRASIL”: UMA EXPERIÊNCIA DE HISTÓRIA PÚBLICA

A exposição fotográfica “Trabalho e trabalhadores no Brasil” foi uma das iniciativas integrantes do Programa Memória do Trabalho, ao lado de um concurso de projetos, de um ciclo de debates e de um projeto de memória institucional do Ministério do Trabalho e Emprego. O programa, no conjunto, visava a marcar os 120 anos do Primeiro de Maio, valorizando a preservação da história e das memórias relacionadas ao trabalho no Brasil.

A proposta de selecionar um conjunto de imagens fotográficas e, intercalando-as com textos curtos de diversas naturezas, proporcionar uma experiência de reflexão sobre a trajetória histórica do trabalho no Brasil, pareceu tentadora e desafiadora para pesquisadores especializados na temática, cuja experiência profissional havia se iniciado no trabalho de formação sindical.

Com o apoio financeiro da Petrobras, por meio da Lei Rouanet, tornou-se possível montar uma estrutura profissional, que incluiu a pesquisa em acervos fotográficos re-

¹ ANDERSON, BENEDICT. COMUNIDADES IMAGINADAS: REFLEXÕES SOBRE A ORIGEM E A DIFUSÃO DO NACIONALISMO. RIO DE JANEIRO: CIA DAS LETRAS, 2008.

levantantes de 10 estados, a produção de um suporte arquitetônico modular, a itinerância por centros culturais de nove capitais das cinco regiões do País (Brasília, Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Fortaleza e Belém) e a publicação de um catálogo completo.²

Além disso, 500 kits minixposição - compostos cada um por 16 cartazes elaborados a partir de uma seleção das 30 imagens mais marcantes da exposição - foram distribuídos por entidades públicas e sindicais de todo o País. A partir das instruções contidas num guia de orientação anexado a cada kit, eles possibilitam a montagem de inúmeras minixposições de forma descentralizada em locais com pouco espaço e infraestrutura, tais como sedes de sindicatos, escolas e pontos de grande circulação, ampliando significativamente o impacto do projeto.

Os desafios conceituais e operacionais não foram pequenos e tiveram que ser respondidos com uma agilidade mais típica das experiências de produção cultural do que das de educação e pesquisa. Menos de quatro meses se passaram entre o início das atividades do projeto e a inauguração da primeira exposição.

Apesar de problemas de divulgação e do limitado tempo de permanência em cada local, mais de 250 mil pessoas visitaram as nove montagens. Em 2007, uma nova mostra na estação Carioca do metrô, no Rio de Janeiro, acrescentou mais algumas dezenas de milhares ao universo das pessoas que tiveram contato com este trabalho. Isso sem falar do impacto das minixposições, mais difícil de mapear e quantificar.

FAZENDO REFLEXÃO HISTÓRICA NAS LINGUAGENS FOTOGRÁFICA E LITERÁRIA

Mas o grande desafio enfrentado residiu, sem dúvida, no exercício de metalinguagem inerente à proposta da exposição. Ou seja: como expressar as questões que perpassam a reflexão historiográfica da História do Trabalho por meio de uma seleção de fotos em diálogo com pequenos fragmentos textuais? O primeiro momento do enfrentamento desse desafio se deu na formulação das orientações aos pesquisadores que realizaram o levantamento preliminar das imagens numa longa lista de acervos em 10 diferentes estados.

Os eixos temáticos propostos a esses pesquisadores pelos curadores da exposição indicavam a necessidade de registros capazes de expressar as três dimensões da experiência de formação de classe, de acordo com a hoje clássica) abordagem do historiador britânico E. P. Thompson³: o trabalhador enquanto ser social, a experiência enquanto mediação cultural e a construção da consciência social, na forma de identidade de classe. Além disso, as imagens deveriam representar toda a diversidade do trabalho no Brasil, no que diz respeito às diferenças regionais, aos setores econômicos, ao segmento formal e informal, a diferenças de gênero, origem etnicorracial, faixas etárias, etc.

Seguindo esses critérios e essa metodologia, mais de 4 mil imagens foram localizadas num primeiro momento. Mas, como selecionar, a partir deste vasto material, as 120 fotografias a serem reproduzidas na exposição? Os três blocos que deveriam traduzir a concepção thompsoniana do processo de formação de classe foram, após inúmeros debates e redefinições, denominados respectivamente “construindo um país”, “mundos do trabalho” e “trabalho e cidadania”. Distribuídas de forma preliminar nesses três conjuntos, as imagens começaram a ser agrupadas, de modo a testar diferentes hipóteses de subconjuntos capazes de compor possíveis painéis. Aos poucos, a linguagem acadêmica e pedagógica dos historiadores foi sendo deixada de lado, e a linguagem visual foi se articulando em seu lugar.

Paralelamente, foi acionada a rede de integrantes do grupo de trabalho Mundos do Trabalho, constituído no âmbito da Associação Nacional de História (Anpuh) para a indicação de trechos de documentos históricos (depoimentos, diários de trabalhadores, livros de memórias, jornais, etc.) e de obras literárias (poesias, romances, crônicas, canções, etc.) relevantes para o tratamento das temáticas comentadas acima, que se somaram a outros indicados pelos próprios curadores. No momento em que as imagens foram selecionadas e agrupadas em painéis, esse “banco de citações” foi consultado pelos curadores para avaliar quais eram os textos que geravam possibilidades de diálogo mais interessantes com cada conjunto de imagens.

Um fato que chamou a atenção dos curadores, assim como de muitos dos visitantes da exposição, foi que, à medida em que os trechos dos textos eram “recortados” para

² FORTES, ALEXANDRE; FONTES, PAULO; KORNIS, MÔNICA (ORG.) TRABALHO E TRABALHADORES NO BRASIL. RIO DE JANEIRO: CPDOC, 2006.

³ THOMPSON, E. P. A FORMAÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA INGLESA. RIO DE JANEIRO: PAZ E TERRA, 1987.

sua inserção nos painéis, diluíam-se as diferenças entre aqueles de origem “literária” e os de origem “não literária”. Ou seja, o processo de seleção e edição realçava as qualidades estéticas de textos produzidos com as mais diversas finalidades, bem como de transcrições realizadas a partir da linguagem oral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Que reflexões podemos fazer sobre esse projeto como experiência pedagógica e sobre o que ele tem a dizer sobre os desafios colocados para a redefinição do lugar do conhecimento histórico na sociedade hoje?

Um ponto fundamental a ser considerado é que o tema da exposição - o trabalho - se constitui numa parte fundamental da experiência de vida da maioria da população mas, por outro lado, talvez em função dessa própria imersão na realidade cotidiana, raramente passa por um processo de reflexão mais sistemática. Ou seja, são poucas as ocasiões em que os cidadãos e cidadãs são levados a se colocar de modo mais profundo questões tais como:

- O que é o trabalho? Qual seu papel nas nossas vidas?
- Quais os aspectos gratificantes e os degradantes da experiência do trabalho?
- O que é um “trabalho decente” e o que não é?
- Qual o papel do trabalho na constituição de identidades coletivas? Qual a sua relação com gênero, idade, raça, etc.?
- Como a presença coletiva dos trabalhadores na sociedade influencia na conquista de direitos sociais e na construção de projetos de desenvolvimento nacional?
- Como evoluiu a presença do trabalho na história brasileira, e como compreender a sua imensa diversidade por todo o território nacional?

A importância de proporcionar um espaço público de reflexão sobre essas questões aumenta imensamente num momento em que o paradigma associado à centralidade do trabalho industrial, que marcou os séculos XIX e XX passa por profunda crise, impactando as noções de processo de trabalho, formas de organizar a gestão de trabalho, formas de contratação e emprego, estratégias de luta e organização dos trabalhadores, etc. Esses debates sobre o futuro do trabalho no Brasil e no resto do mundo, assim como o reexame das teorias e metodologias utilizadas para essa pesquisa, entretanto, têm ficado até hoje basicamente restritos à universidade ou a pessoas profissionalmente vinculadas ao tema (sindicalistas, empresários, advogados trabalhistas...).

A possibilidade de criar essa oportunidade, aberta a um público diversificado, por meio das linguagens visual e literária representa um enriquecimento adicional, pois expande o campo de reflexão para além da racionalidade linear do texto, dado o forte impacto das imagens sobre as emoções e a sua possibilidade de gerar múltiplas associações de ideias, abrindo-se ainda mais do que o texto acadêmico ou didático a um amplo leque de leituras diversas. Trata-se de registros de alta sensibilidade sobre a complexidade da experiência do trabalho e sobre suas transformações.

Os resultados da experiência aqui relatada, portanto, foram imensamente positivos. É importante chamar a atenção, entretanto para o fato de que a “história pública” representa uma abordagem minoritária diante dos potenciais abertos pela sede de imagens e informações históricas próprias do cenário pós-moderno do início do século XXI. A abordagem dominante, infelizmente, continua a ser a da exploração desta demanda como um filão a mais no mercado crescente da indústria cultural, com suas frentes de atuação cada vez mais ampliadas pela diversificação de mídias e pela ampliação do seu alcance.

A importância do estudo de experiências bem sucedidas de história pública está no fato de elas demonstrarem que, neste novo contexto, os historiadores e educadores podem construir estratégias frutíferas de intervenção. Eles não precisam necessariamente optar entre virar as costas para estas transformações ou se render diante da vulgarização e superficialidade dominantes no “mercado da memória histórica”.

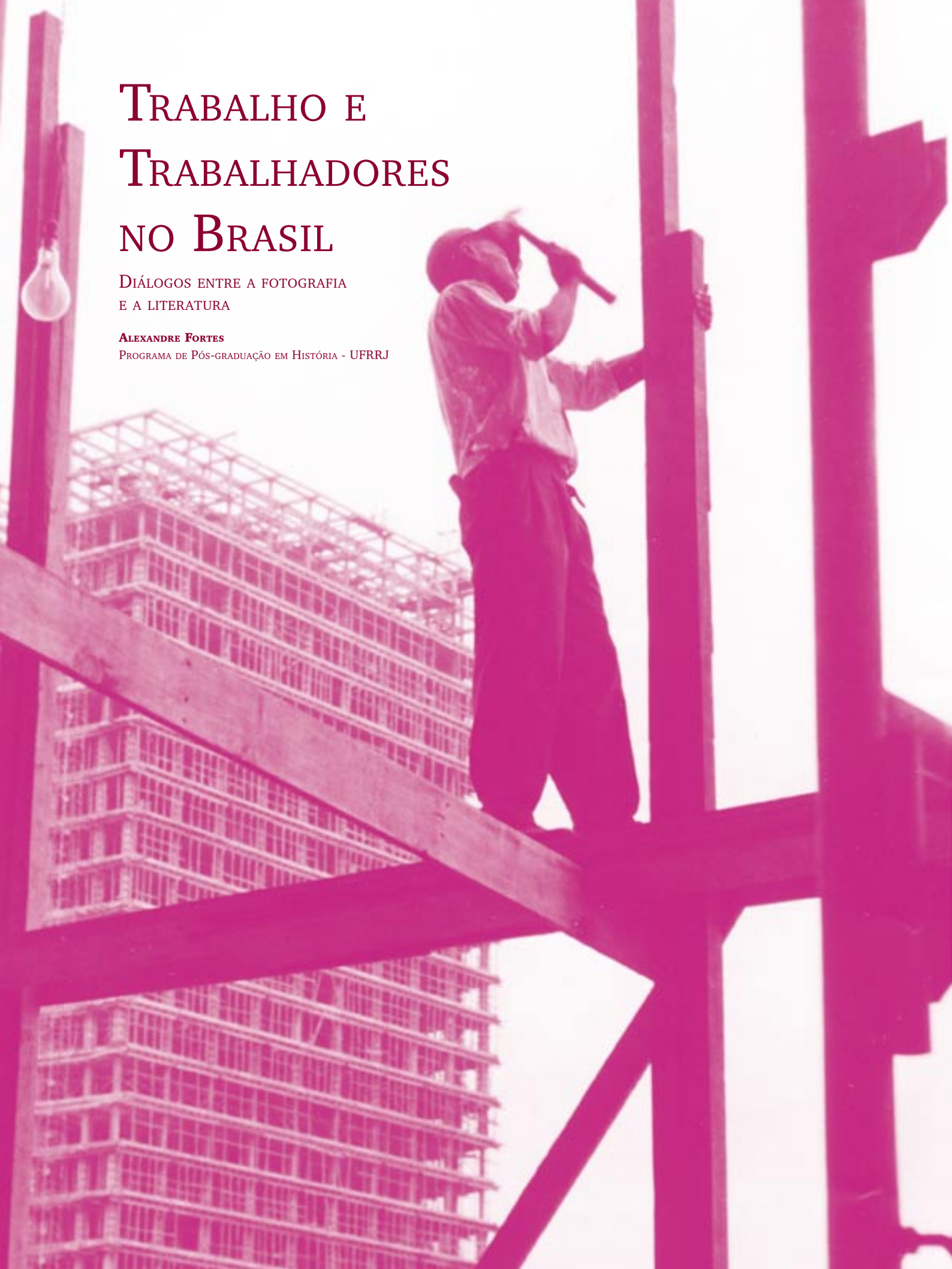
UM PONTO
FUNDAMENTAL A SER
CONSIDERADO É QUE
O TEMA DA EXPOSIÇÃO
- O TRABALHO - SE
CONSTITUI NUMA PARTE
FUNDAMENTAL DA
EXPERIÊNCIA DE VIDA DA
MAIORIA DA POPULAÇÃO
MAS, POR OUTRO
LADO, TALVEZ EM
FUNÇÃO DESSA PRÓPRIA
IMERSÃO NA REALIDADE
COTIDIANA, RARAMENTE
PASSA POR UM
PROCESSO DE REFLEXÃO
MAIS SISTEMÁTICA.

TRABALHO E TRABALHADORES NO BRASIL

DIÁLOGOS ENTRE A FOTOGRAFIA
E A LITERATURA

ALEXANDRE FORTES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - UFRRJ



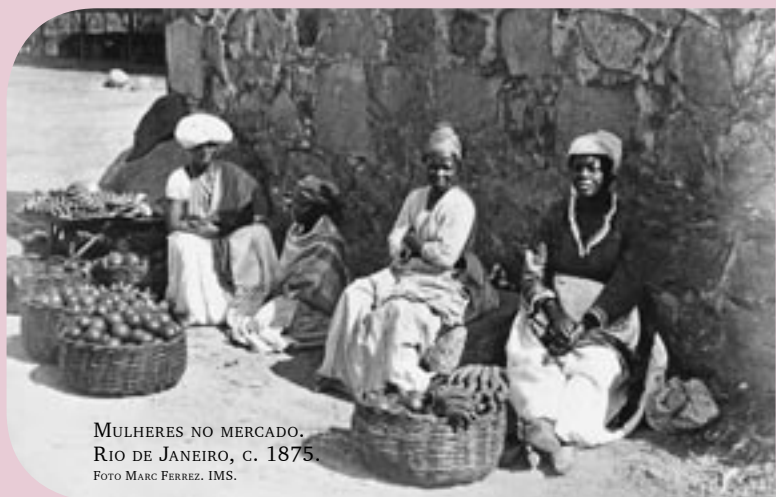
Construindo um país



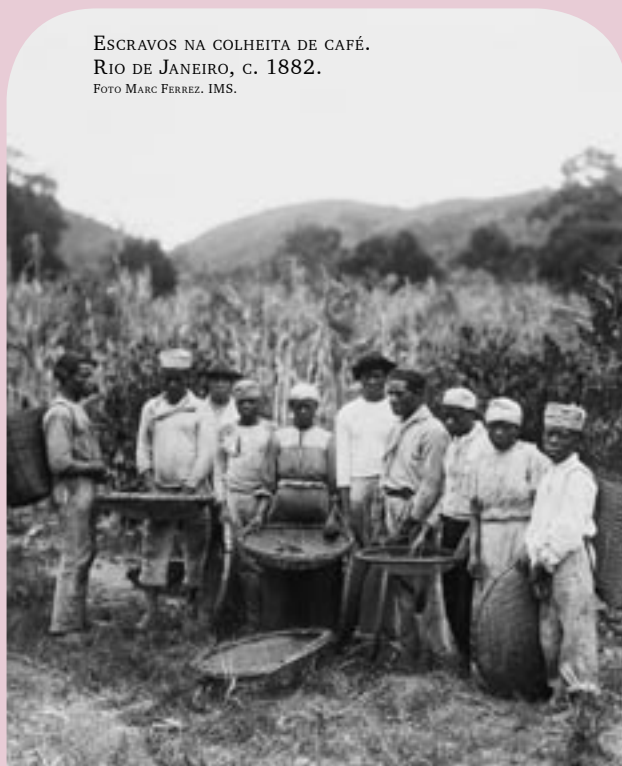
MULHER PENEIRANDO CAFÉ.
PARANÁ, ENTRE 1954 E 1956.
FOTO MARCEL GAUTHEROT. INSTITUTO MOREIRA SALLES (IMS).



CATAÇÃO DE CAFÉ. S.L., S.D.
BIBLIOTECA SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA - MINISTÉRIO
DO TRABALHO E EMPREGO.



MULHERES NO MERCADO.
RIO DE JANEIRO, C. 1875.
FOTO MARC FERREZ. IMS.



ESCRAVOS NA COLHEITA DE CAFÉ.
RIO DE JANEIRO, C. 1882.
FOTO MARC FERREZ. IMS.

Construindo um país



PLANTIO DIRETO. MINEIROS (GO), 1995.
FOTO DELFIM MARTINS. OLHAR IMAGEM.



FAMÍLIA NA LAVOURA. PARÁ, 2001.
DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO/PA.

“VI HOMENS DE BAGAÇO ENQUANTO POR ALI DISCORRIA;
VI HOMENS DE BAGAÇO QUE MORTE ÚMIDA EMBEBIA.”

JOÃO CABRAL DE MELO NETO, ENCONTRO COM UMA USINA, O RIO, 1954



TRABALHADORES RURAIS. S.L., ENTRE 1938 E 1945.
FGV/CPDOC, ARQUIVO GUSTAVO CAPANEMA.

“FURAMOS A TERRA, MORREMOS DEBAIXO
DELA PARA TIRAR O OURO. NOSSO MUNDO
REAL É OUTRO. PESADO. TEM CHEIRO DE MORTE.”

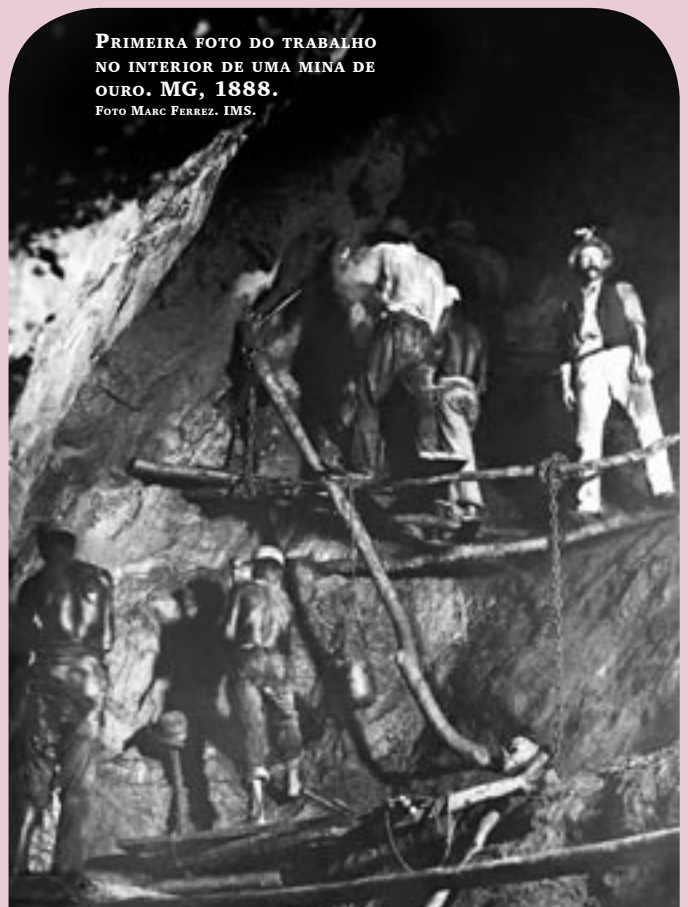
DEPOIMENTO DE TRABALHADOR DAS MINAS DE NOVA LIMA,
MINAS GERAIS, 1981

PRIMEIRA FOTO DO TRABALHO
NO INTERIOR DE UMA MINA DE
OURO. MG, 1888.

FOTO MARC FERREZ. IMS.



GARIMPEIROS EM BUSCA DE
DIAMANTES. S.L., S.D.
BIBLIOTECA SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA - MINISTÉRIO
DO TRABALHO E EMPREGO.





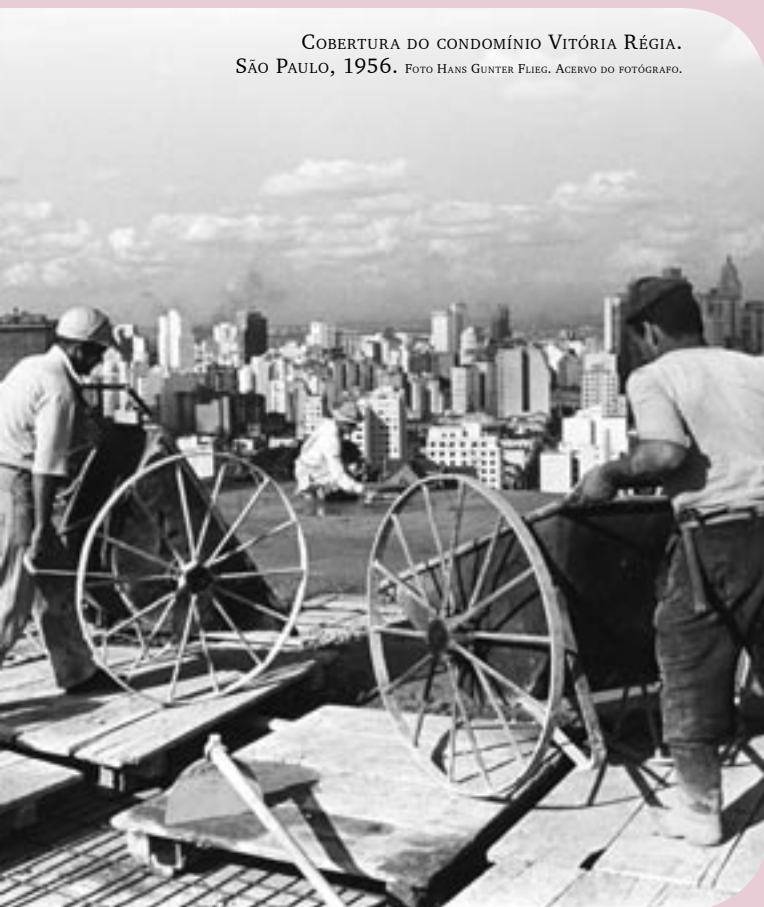
TRABALHADOR DA
COLETA SELETIVA DE LIXO.
PORTO ALEGRE, S.D.
FOTO LUIZ EDUARDO ACHUTTI.
ACERVO DO FOTÓGRAFO.



MENINO VENDEDOR DE COCADA. BAHIA,
ENTRE 1940 E 1945. FOTO MARCEL GAUTHEROT. IMS.



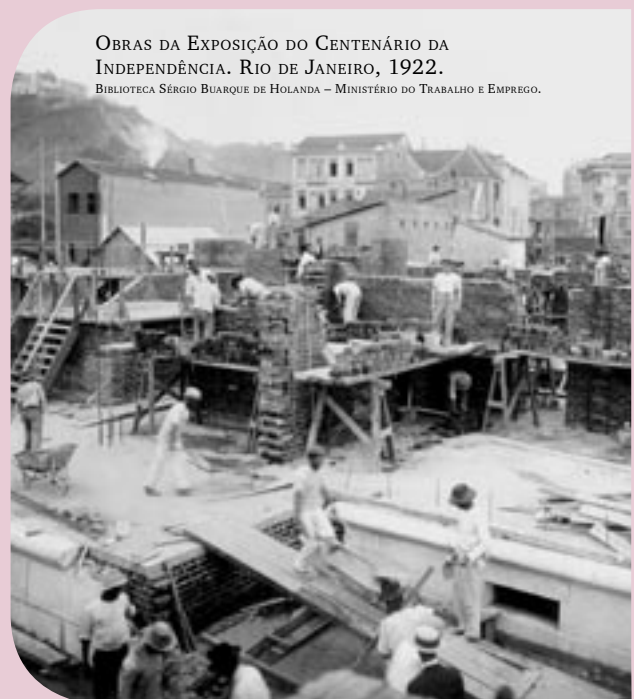
VENDEDOR DE VASSOURAS.
SÃO PAULO, C. 1910.
FOTO VICENZO PASTORE. IMS.



COBERTURA DO CONDOMÍNIO VITÓRIA RÉGIA.
SÃO PAULO, 1956. FOTO HANS GUNTER FLIEG. ACERVO DO FOTÓGRAFO.

“ERA ELE QUE ERGUIA CASAS. ONDE ANTES SÓ HAVIA CHÃO. COMO UM PÁSSARO SEM ASAS. ELE SUBIA COM AS CASAS. QUE LHE BROTAVAM DA MÃO.”

VINIUS DE MORAES, O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO,
NOSSA SENHORA DE PARIS, 1959



OBRAS DA EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO DA
INDEPENDÊNCIA. RIO DE JANEIRO, 1922.
BIBLIOTECA SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA – MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO.



MANUTENÇÃO EM LINHA DE TRANSMISSÃO. SÃO PAULO, S.D. ELETROPAULO, MUSEU DA ENERGIA.

“SE VOCÊ TRABALHA AMARRADO, TRABALHA COM CINTO, AÍ ESCAPOLE UMA PERNA OU SOLTA UMA MÃO, ELE NÃO DESCE DE UMA VEZ, ELE SE AGARRA, SEJA O QUE FOR. MAS SEM NADA, SEM SEGURANÇA NENHUMA É ASSUSTADOR. É ASSUSTADOR, O TRABALHADOR SÓ TRABALHA ASSOMBRADO.”
DEPOIMENTO DE TRABALHADOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL, CEARÁ, 2005



ESTIVADOR. ALAGOAS, ENTRE 1952 E 1955. FOTO MARCEL GAUTHEROT. IMS.



TRABALHADORES GRÁFICOS DO JORNAL “TRIBUNA DA IMPRENSA”. RJ, S.D. ARQUIVO GERAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.

“É O TRABALHADOR! AQUELA MÃO PERFEITA QUE FAZ TODA A BELEZA DE UMA INDÚSTRIA OU DE TUDO QUANTO SÃO OBRAS; SEM QUE A MÃO TOQUE, NADA FEITO. TUDO PODE SER AUTOMÁTICO, MAS FEITO PELO TRABALHADOR. É SEM QUE ACIONE UMA ALAVANCA, OU UM BOTÃO SEJA TOCADO, NADA FEITO.”

DO DIÁRIO DE JOSUÉ DE SOUZA PACHECO, OPERÁRIO DA RHODIA QUÍMICA, 1964



ÍNDIA ARARA. ALTAMIRA (PA), 1989. FOTO NAIR BENEDICTO.N-IMAGENS.



FÁBRICA DE MUNIÇÕES DE REALENGO. RIO DE JANEIRO, ENTRE 1938 E 1942. FGV/CPDOC, ARQUIVO GUSTAVO CAPANEMA.

ESCOLA DE APRENDIZES ARTÍFICES.
GOIÂNIA (GO), ENTRE 1934 E 1941.
FGV/CPDOC, ARQUIVO GUSTAVO CAPANEMA.



“COMECEI A APRENDER O TRABALHO DE ALFAIATE COM SETE OU OITO ANOS DE IDADE. JÁ NASCI PRATICAMENTE NUMA CESTA DE RETALHOS. VOCÊ DEVIA SABER FAZER, DEVIA APRENDER. MESMO QUE NÃO SOUBESSE, FAZIA E DESMANCHAVA ATÉ APRENDER. ERA UMA NECESSIDADE DE SOBREVIVÊNCIA.”

DEPOIMENTO DE FILLIPO ARTURO MINELLI, ALFAIATE, 1996

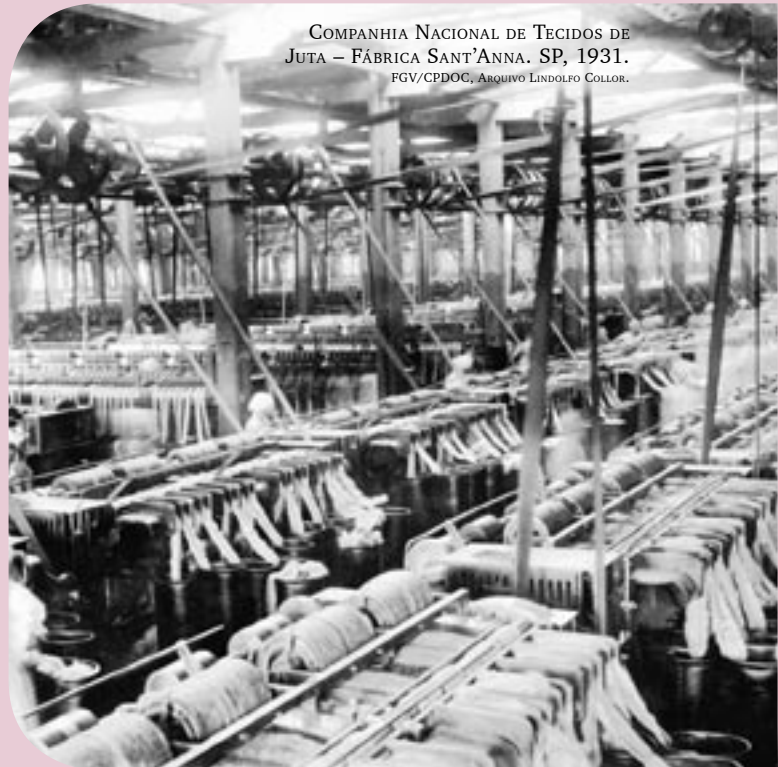
OFICINA-ESCOLA
DE ARTES GRÁFICAS.
TAGUATINGA (DF), 1959.
ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL.



“NA GRANDE PENITENCIÁRIA SOCIAL OS TEARES SE ELEVAM E MARCHAM ESGOELANDO.”

PATRICIA GALVÃO (PAGU), PARQUE INDUSTRIAL, 1931

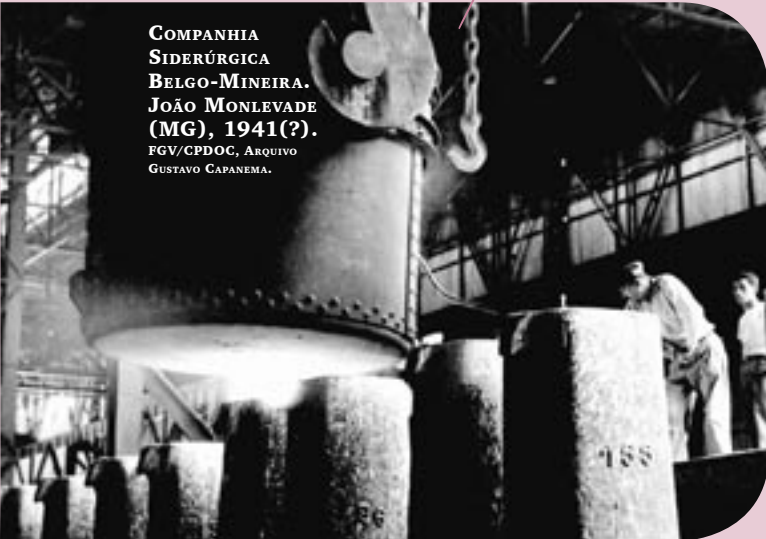
COMPANHIA NACIONAL DE TECIDOS DE JUTA – FÁBRICA SANT’ANNA. SP, 1931.
FGV/CPDOC, ARQUIVO LINDOLFO COLLOR.



COMPANHIA NACIONAL DE
TECIDOS DE JUTA – FÁBRICA SANT’ANNA.
SP, 1931. FGV/CPDOC, ARQUIVO LINDOLFO COLLOR.

Construindo um país

COMPANHIA
SIDERÚRGICA
BELGO-MINEIRA.
JOÃO MONLEVADE
(MG), 1941(?).
FGV/CPDOC, ARQUIVO
GUSTAVO CAPANEMA.



“1.300° À SOMBRA DOS TELHEIROS RETOS 12.000 CAVALOS INVISÍVEIS PENSANDO 40.000 TONELADAS DE NÍQUEL AMARELO PARA SAIR DO NÍVEL DAS ÁGUAS ESPONJOSAS E UMA ESTRADA DE FERRO NASCENDO DO SOLO OS FORNOS ENTRONCADOS DÃO O GUSA E A ESCÓRIA A REFINAÇÃO PLANTA BARRAS E LÁ EMBAIXO OS OPERÁRIOS FORJAM AS PRIMEIRAS LASCAS DE AÇO”
OSWALD DE ANDRADE, METALÚRGICA, PAU BRASIL, 1925



PLATAFORMA DE PETRÓLEO. BACIA DE CAMPOS (RJ), s.d.
FOTO MIRIAM FICHTNER. AGÊNCIA TYBA.



FÁBRICA DA VOLKSWAGEN. SÃO BERNARDO DO CAMPO (SP), DÉCADA DE 1960.
FOTO MARCEL GAUTHEROT. IMS.

“TUDO ERA SOLDADO A PONTO, O TRABALHO ERA AGRESSIVO, AS CONDIÇÕES, ADVERSAS. MAS O PERVERSO MESMO ERA A ROTATIVIDADE DE PESSOAL.”
DEPOIMENTO DE ANTÔNIO TAVARES, GERENTE DE RECURSOS HUMANOS, 1994

FÁBRICA DA GENERAL MOTORS. SÃO CAETANO DO SUL (SP), 1997. FOTO DELFIM MARTINS. PULSAR IMAGENS.

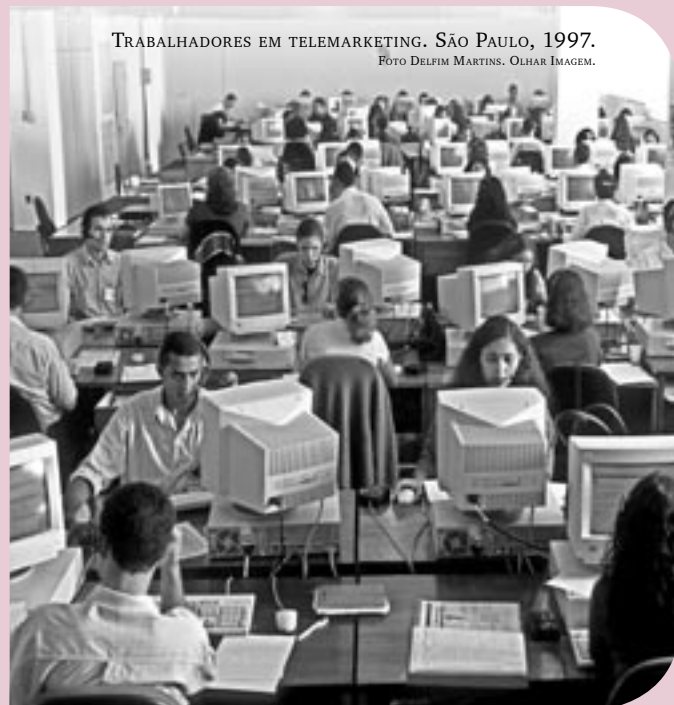




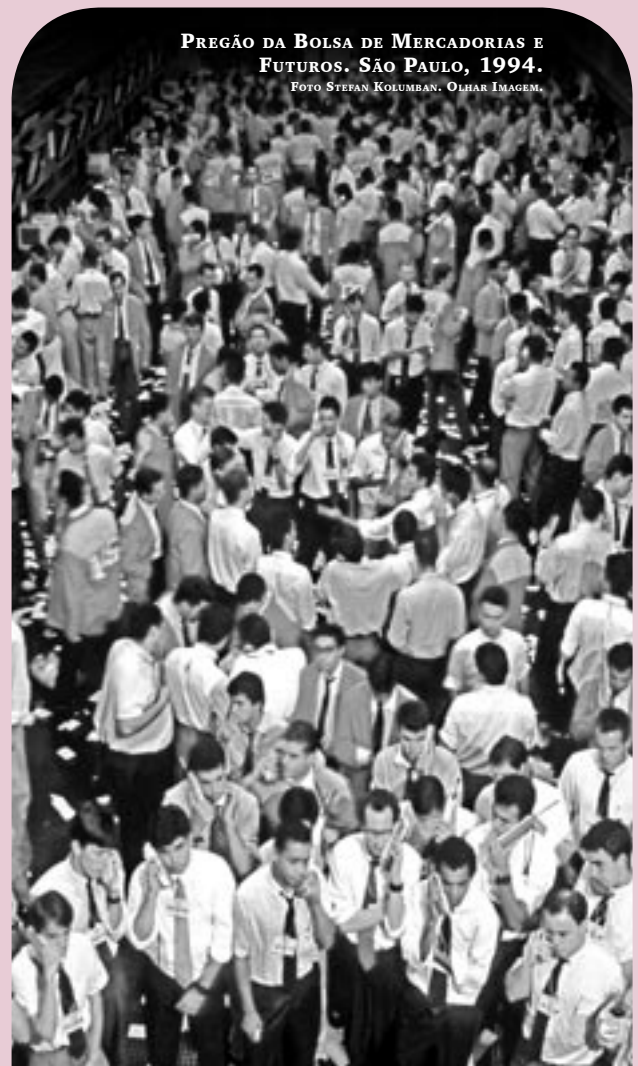
SERRA PELADA. PARÁ, S.D. FOTO CLAUS MEYER. AGÊNCIA TYBA.

“TRABALHAS SEM ALEGRIA PARA UM MUNDO CADUCO,
ONDE AS FORMAS E AS AÇÕES NÃO ENCERRAM NENHUM
EXEMPLO. PRATICAS LABORIOSAMENTE OS GESTOS
UNIVERSAIS, SENTES CALOR E FRIO, FALTA DE DINHEIRO,
FOME E DESEJO SEXUAL.”

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, ELEGIA 1938, SENTIMENTO DO MUNDO, 1940



TRABALHADORES EM TELEMARKETING. SÃO PAULO, 1997.
FOTO DELFIM MARTINS. OLHAR IMAGEM.



PREGÃO DA BOLSA DE MERCADORIAS E
FUTUROS. SÃO PAULO, 1994.
FOTO STEFAN KOLUMBAN. OLHAR IMAGEM.

Mundos Do Trabalho



IMIGRANTES JAPONESES
DESEMBARCANDO NO PORTO.
SANTOS, C. 1920.
CIA. DA MEMÓRIA.



NORDESTINOS NA HOSPEDARIA DOS IMIGRANTES.
SÃO PAULO, C. 1940. CIA. DA MEMÓRIA.

“EU PENEI, MAS AQUI CHEGUEI.”

LUIZ GONZAGA E GUIO DE MORAES,
PAU DE ARARA, 1951



ITALIANOS NA HOSPEDARIA DOS IMIGRANTES. SÃO PAULO,
INÍCIO DO SÉCULO XX. SANTOS, C. 1920. CIA. DA MEMÓRIA.



BONDE DA PENHA PARA TRANSPORTE DE OPERÁRIOS. SÃO PAULO, c. 1916. FOTO GUILHERME GAENSLY. IMS.



TRENS SUPERLOTADOS. S.I., 1995. FOTO DINO P. SANTOS. FOTO DINO P. SANTOS. SINDICATO DOS TRABALHADORES QUÍMICOS DO ABC



TRABALHADORES PARTEM PARA OS SERINGAIS DA AMAZÔNIA. S.I., 1943. ARQUIVO NACIONAL, FUNDO AGÊNCIA NACIONAL.

“O BONDE SÃO JANUÁRIO LEVA MAIS UM OPERÁRIO: SOU EU QUE VOU TRABALHAR.”

WILSON BATISTA E ATAULFO ALVES, O BONDE SÃO JANUÁRIO, 1941

“É SEMPRE ASSIM, MUITA GENTE E POUCA VAGA. CHEGA-SE CEDINHO, MAS JÁ SE ENCONTRA UMA FILA QUE NÃO TEM TAMANHO. VOLTAREI AMANHÃ. DEUS QUERENDO, A GENTE SE ARRUMA.”

DEPOIMENTO DE DESEMPREGADO EM SÃO PAULO, FOLHA DA NOITE, 8 DE AGOSTO DE 1956



ANÚNCIOS DE EMPREGOS. SÃO PAULO, S.D. ARQUIVO EDGARD LEUENROTH/UNICAMP.



DESEMPREGADOS À PROCURA DE TRABALHO. RJ, 1966. ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO, FUNDO ÚLTIMA HORA.



TRABALHADORES LANCHANDO. BRASÍLIA, ENTRE 1959 E 1960. ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL.

“TODO DIA EU PENSO EM PODER PARAR. MEIO-DIA EU SÓ PENSO EM DIZER NÃO. DEPOIS PENSO NA VIDA PRA LEVAR. E ME CALO COM A BOCA DE FEIJÃO.”
CHICO BUARQUE DE HOLANDA, COTIDIANO, 1971



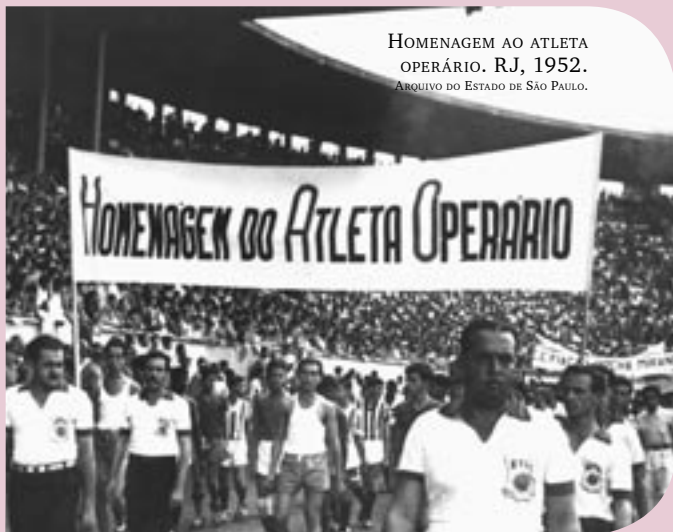
REFEIÇÃO DE TRABALHADORES RURAIS. SP, ENTRE 1902 E 1905. FOTO GUILHERME GAENSLY. CENTRO DE MEMÓRIA DA UNICAMP, COLEÇÃO ANTÔNIO MIRANDA.



OPERÁRIOS EM BAR PRÓXIMO À FÁBRICA. SP, 1984. SINDICATO DOS TRABALHADORES QUÍMICOS E PLÁSTICOS DE SÃO PAULO.



TRABALHADOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL DURANTE REFEIÇÃO. RIO DE JANEIRO, ENTRE 1938 E 1945. FOTO PETER LANGE. FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS/CPDOC, ARQUIVO GUSTAVO CAPANEMA.



HOMENAGEM AO ATLETA
OPERÁRIO. RJ, 1952.
ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO.



LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL
DA COLÔNIA DE FÉRIAS DO SINDICATO DOS
METALÚRGICOS DE PORTO ALEGRE.
CIDREIRA (RS), 1953.
UFRGS – NÚCLEO DE PESQUISA HISTÓRICA.

“ALÉM DOS TRABALHOS NAS FÁBRICAS, FOMOS PARA A VIDA SOCIAL: CRIAMOS O SETOR DE ESPORTES, UM TEATRO, UM CORAL DE TRABALHADORES, ETC. ISSO ENVOLVIA MUITA GENTE.”

DEPOIMENTO DE JOSÉ CÉSAR MESQUITA, EX-SINDICALISTA
METALÚRGICO, PORTO ALEGRE, 1982



PIQUE-NIQUE POPULAR EM APOIO AO
JORNAL “A PLEBE”. S.L., 1913.
ARQUIVO EDGARD LEUENROTH/ UNICAMP.



CONCURSO RAINHA OPERÁRIA NO SINDICATO
DOS METALÚRGICOS. RJ, 1969. AMORJ - UERJ.

“DE SOLTEIRA EU FUGIA, DIZIA QUE IA DORMIR E AÍ IA PARA O BAILE. ERA SEM-VERGONHA, SIM.”

DEPOIMENTO DE SUELY CWZYERBYSNKY GALINATTI, TECELÃ APOSENTADA, 1998



GRUPO MUSICAL NO SINDICATO. SÃO PAULO, S.D.
SINDICATO DOS TRABALHADORES QUÍMICOS E PLÁSTICOS DE SÃO PAULO



BAILE NO SINDICATO DOS METALÚRGICOS.
PORTO ALEGRE, DÉCADA DE 1950.
SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE PORTO ALEGRE.



TRABALHADORES DA NITRO QUÍMICA. SP, DÉCADA DE 1940.
SINDICATO DOS TRABALHADORES QUÍMICOS E PLÁSTICOS DE SÃO PAULO.



OPERÁRIOS DA FÁBRICA BONFIM. RIO DE JANEIRO, 1913.
ARQUIVO GERAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, COLEÇÃO AMÉRICA FABRIL

“É DE IMAGINAR QUE HOMENS TRABALHANDO JUNTOS, POR TEMPOS INDETERMINADOS, COMECEM A TOMAR SENTIMENTOS DE AMIGOS. PARA MELHORAR TAL SITUAÇÃO BASTA QUE SE CONSIDERE TANTO A DUREZA DO TRABALHO QUANTO A SEVERA FISCALIZAÇÃO DOS FEITORES.”

JOAQUIM CELSO LIMA, NAVEGAR É PRECISO: MEMÓRIAS DE UM OPERÁRIO COMUNISTA, 1984

DESPEDIDA DA VELHA LOCOMOTIVA. PORTO ALEGRE, 1996.
FOTO LUIZ EDUARDO ACHUTTI. ACERVO DO FOTÓGRAFO.



Trabalho e cidadania



PRIMEIRO DE MAIO. SÃO BERNARDO DO CAMPO (SP), 1986. SINDICATO DOS TRABALHADORES QUÍMICOS E PLÁSTICOS DE SÃO PAULO.



MANIFESTAÇÃO OPERÁRIA. RJ, 1915. ARQUIVO EDGARD LEUENROTH/UNICAMP

“QUEM DIZ 1º DE MAIO, DIZ: 8 HORAS PARA TRABALHAR; 8 HORAS PARA DORMIR E 8 HORAS PARA GOZAR E INSTRUIR-SE.”

A RAZÃO, RIO GRANDE, 1 DE MAIO DE 1896



PRIMEIRO DE MAIO. PERNAMBUCO, 1963.

ARQ. DO ESTADO DE SÃO PAULO, FUNDO ÚLTIMA HORA.



CELEBRAÇÃO DO DIA DO TRABALHO. MANAUS, 1939.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS/CPDOC, ARQUIVO GUSTAVO CAPANEMA.



COMEMORAÇÃO DO DIA TRABALHO. SP, 1944.

ARQUIVO NACIONAL, FUNDO AGÊNCIA NACIONAL.



PROTESTO DE FLAGELADOS DA SECA NORDESTINA. S.L., 1958.
CIA. DA MEMÓRIA.

“PERCORREMOS TODA A REGIÃO AÇUCAREIRA DO ESTADO E ALGUNS MUNICÍPIOS DO AGRESTE, ANDANDO DIA E NOITE, DE CANAVIAL EM CANAVIAL, DE ENGENHO EM ENGENHO, DE USINA EM USINA, DE FAZENDA EM FAZENDA, EXPLICANDO A TODOS A NECESSIDADE DELES SE ORGANIZAREM.”

GREGÓRIO BEZERRA, MEMÓRIAS, 1980



SEDE DE LIGA CAMPONESA. ENGENHO GALILEIA (PE), 1961.
ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO, FUNDO O MOVIMENTO.



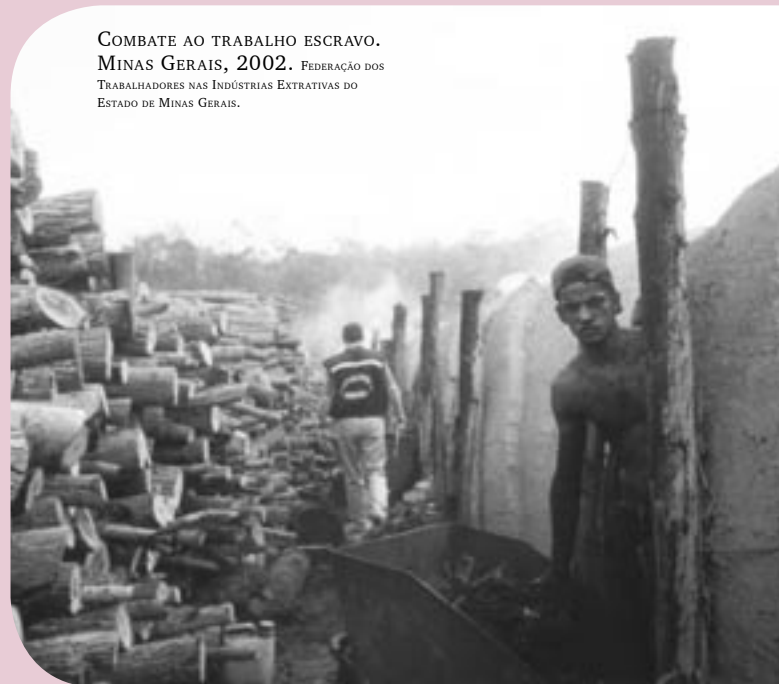
ACAMPAMENTO DE SEM-TERRA. RIO BONITO DO IGUAÇU (PR), 1996. FOTO J. L. BULÇÃO. PULSAR IMAGENS.



SINDICALISTA DISCURSA PARA TRABALHADORES LIBERTADOS PELA FISCALIZAÇÃO. MINAS GERAIS, 2002.
FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS EXTRATIVAS DO ESTADO DE MINAS GERAIS.

“ONTEM PLENA LIBERDADE, A VONTADE POR PODER... HOJE... CUM’LO DE MALDADE NEM SÃO LIVRES P’RA MORRER... PRENDE-OS A MESMA CORRENTE – FÉRREA, LÚGUBRE SERPENTE – NAS ROSCAS DA ESCRAVIDÃO.

CASTRO ALVES, O NAVIO NEGREIRO, 1868



COMBATE AO TRABALHO ESCRAVO. MINAS GERAIS, 2002. FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS EXTRATIVAS DO ESTADO DE MINAS GERAIS.



HOMEM LIBERTADO DO TRABALHO ESCRAVO. PARÁ, 2005. DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO/PA.



ASSEMBLEIA DOS METALÚRGICOS DO ABC. SÃO BERNARDO DO CAMPO (SP), 1979. FOTO JUCA MARTINS. OLHAR IMAGEM.



"GREVE DOS 400 MIL".
SÃO PAULO, 1957.
CIA. DA MEMÓRIA.



GREVE GERAL. SÃO PAULO, 1917.

"EU TIVE MEDO, MAS TAVA LÁ DURO E FIRME, NO PÉ DA MÁQUINA, COM OS BRAÇOS CRUZADOS."

DEPOIMENTO DE SÉRGIO PIVETA, METALÚRGICO, 12 DE MAIO DE 1978



GREVE DOS TRABALHADORES DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS. SÃO PAULO, 1935. CIA. DA MEMÓRIA.



GREVE DOS BANCÁRIOS. RIO DE JANEIRO, 1935.
CIA. DA MEMÓRIA.



CAMPANHA SALARIAL DOS BANCÁRIOS. SP, 1980.
FOTO RICARDO MALTA. N-IMAGENS.



GREVE DOS PROFESSORES. RJ, DÉCADA DE 1970.
FOTO JOÃO RIPPER. IMAGENS HUMANAS.



GREVE GERAL. PORTO ALEGRE, 1986.
FOTO DENISE NEUMANN. ACERVO CUT - RS.

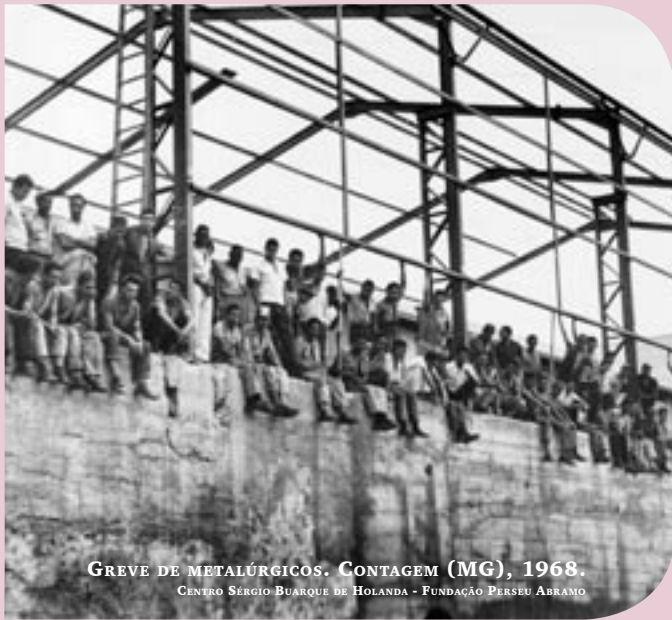


GREVE DOS SERVIDORES PÚBLICOS. BRASÍLIA, 1987.
FOTO SALOMON CYTRYNOWICZ. OLHAR IMAGEM.



MANIFESTAÇÃO DAS LIGAS CAMPONESAS.
RECIFE, 1963. CIA. DA MEMÓRIA.

“A GREVE É UM MOMENTO DE LIBERTAÇÃO EM QUE O TRABALHADOR PASSA A QUERER COLOCAR TUDO AQUILO QUE ELE ENGOLIU E VEIO SEGURANDO TODO TEMPO.”
DEPOIMENTO DE BANCÁRIO SOBRE A GREVE DA CATEGORIA EM 1985



GREVE DE METALÚRGICOS. CONTAGEM (MG), 1968.
CENTRO SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA - FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO



GREVE DE TRABALHADORES DA COSIPA. CUBATÃO (SP), 1984.
FOTO MAURICIO SIMONETTI. PULSAR IMAGENS.

“TÃO VELHA QUANTO A MITOLOGIA, A GREVE É SEMPRE NOVA. ADMIRA, EMOCIONA, AMEDRONTA E EMPOLGA, NÃO SÓ AOS QUE A ELA SÃO INDIFERENTES, COMO AOS QUE ELA INTERESSA.”

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, SALVADOR, 5 DE JUNHO DE 1919



MARCHA CONTRA O NEOLIBERALISMO. PORTO ALEGRE, 1996.
ACERVO CUT - RS.



PARALISAÇÃO DE TRABALHADORES DA INDÚSTRIA PETROQUÍMICA. BAHIA, 1985. MEMORIAL DOS TRABALHADORES DO RAMO QUÍMICO/PETROLEIRO DO ESTADO DA BAHIA - PETROQUIM.



ESTIVADORES COM CARTEIRA DE TRABALHO. RJ, 1961.
ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO, FUNDO ÚLTIMA HORA.



PROTESTO DE TRABALHADORES CONTRA A INVASÃO DE CUBA. RJ, 1961.
ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO, FUNDO ÚLTIMA HORA.



FUNERAL DO SAPATEIRO
JOSÉ INÊGUES MARTINEZ
ASSASSINADO DURANTE GREVE
GERAL. SÃO PAULO, 1917.
ARQUIVO EDGARD LEUENROTH/UNICAMP.



ENTERRO DO LÍDER OPERÁRIO SANTO DIAS, MORTO PELA POLÍCIA
DURANTE GREVE DOS METALÚRGICOS. SP, 1979. FOTO RICARDO MALTA. N-IMAGENS.



PROTESTO CONTRA O ASSASSINATO DO LÍDER SERINGUEIRO
CHICO MENDES. XAPURI (AC), DÉC. DE 1980.
SINDICATO DOS TRABALHADORES QUÍMICOS E PLÁSTICO DE SÃO PAULO.



DESOCUPAÇÃO DA COBRASMA
DURANTE GREVE DOS
METALÚRGICOS.
OSASCO (SP), 1968.
CIA. DA MEMÓRIA.



ASSEMBLEIA EM PÁTIO DA CSN. VOLTA REDONDA (RJ), 1988.
ARQUIVO EDGARD LEUENROTH/UNICAMP.



REPRESSÃO POLICIAL NA "GREVE DOS
300 MIL". SP, 1953. CIA. DA MEMÓRIA.



REPRESSÃO À GREVE
DOS METALÚRGICOS.
SÃO BERNARDO DO
CAMPO (SP), 1980.
FOTO JUCA MARTINS. PULSAR IMAGENS.

“A MULTIDÃO IA ROMPENDO TODOS OS CORDÕES,
PROSSEGUINDO SUA IMPETUOSA MARCHA ATÉ O CEMITÉRIO.
À BEIRA DA SEPULTURA REVEZAVAM-SE OS ORADORES, EM
INDIGNADAS MANIFESTAÇÕES DE REPULSA À REAÇÃO.”
EDGARD LEUENROTH, A GREVE DE 1917, O ESTADO DE S. PAULO, 27 DE MARÇO DE 1966



PRIMEIRA CONFERÊNCIA NACIONAL DAS CLASSES TRABALHADORAS (I CONCLAT). PRAIA GRANDE (SP), 1981. FOTO JUCA MARTINS. PULSAR IMAGENS.

“O ARGUMENTO QUE A GENTE USAVA PARA CONVENCER AS PESSOAS, SEM DÚVIDA NENHUMA, ERA UM ARGUMENTO MARAVILHOSO: VOCÊ TEM QUE SE UNIR.”

DEPOIMENTO DE JOAQUIM GOMES FRANCO FILHO, TRABALHADOR GRÁFICO APOSENTADO, 1996



MANIFESTAÇÃO OPERÁRIA. S.L., DÉCADA DE 1910. ARQUIVO EDGARD LEUENROTH/UNICAMP.



PRIMEIRO CONGRESSO OPERÁRIO BRASILEIRO. RJ, 1906. ARQUIVO EDGARD LEUENROTH/UNICAMP.



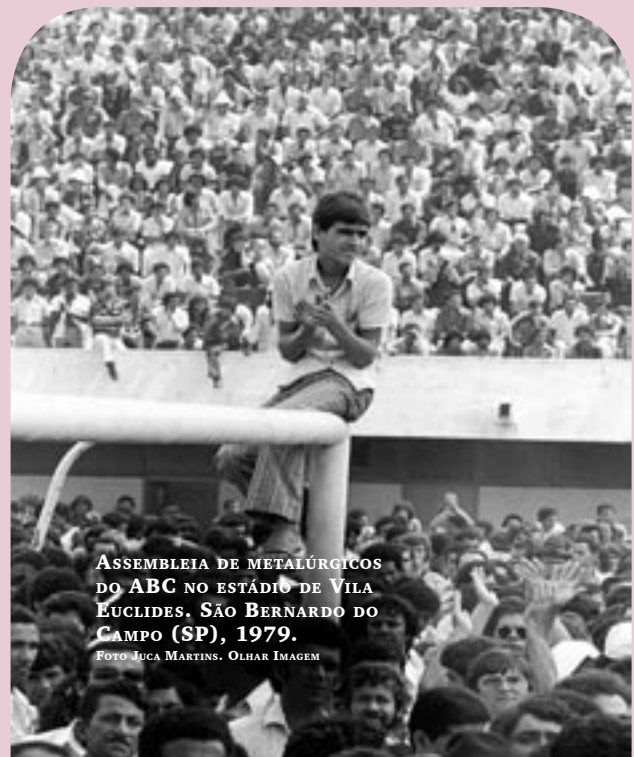
GETÚLIO VARGAS E O MINISTRO MARCONDES FILHO DURANTE MANIFESTAÇÃO DO 1º DE MAIO NO ESTÁDIO PACAEMBU. SP, 1944. FGV/CPDOC, ARQUIVO ALEXANDRE MARCONDES FILHO.



MANIFESTAÇÃO “FORA COLLOR” NO VALE DO ANHANGABAÚ. SP, 1992. FOTO NAIR BENEDICTO. N-IMAGENS.



LUÍS CARLOS PRESTES ENTRE TRABALHADORES NO BAIRRO DA MOOCA. SÃO PAULO, FEVEREIRO DE 1946.



ASSEMBLEIA DE METALÚRGICOS DO ABC NO ESTÁDIO DE VILA EUCLIDES, SÃO BERNARDO DO CAMPO (SP), 1979. FOTO JUCA MARTINS. OLHAR IMAGEM